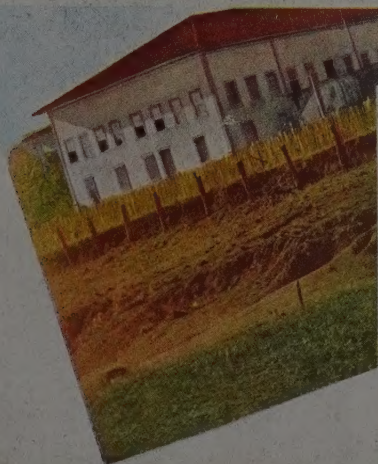
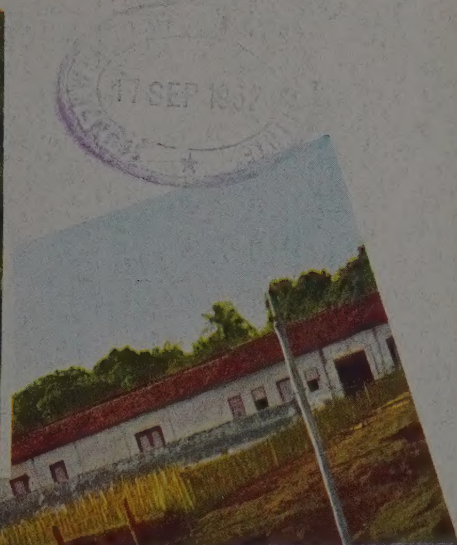
BOLETIM DA
SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXVII • JUNHO DE 1952 • N.º 304

Superintendência dos Serviços do Café — Secretaria da Fazenda

SECÇÃO DE ESTATÍSTICA E PUBLICIDADE — JUNHO 1952

AVALIAÇÃO DA SAFRA CAFEEIRA DO ESTADO DE SÃO PAULO, EM 1952

(Dados comparativos entre a Avaliação Definitiva de 1951 e a Avaliação Definitiva de 1952)
(RESUMO POR ESTRADAS DE FERRO)

ESTRADAS DE FERRO	Avaliação definitiva — Safra 1951			Avaliação definitiva — Safra 1952			Diferença para mais ou para menos sôbre a safra de 1951	
	Cafeeiros em produção	Média arrobas por mil pés	Cálculo da produção (em sacas de 60 K)	Cafeeiros em produção	Média arrobas por mil pés	Cálculo da produção (em sacas de 60 K)	(Em sacas de 60 K)	%
Cia. Paulista Alta:	120 182 650	39,80	1 195 961	122 035 135	48,83	1 489 587	+ 293 626	+ 24,55
Baixa:	102 775 220	22,13	568 682	103 155 998	27,54	710 152	+ 141 470	+ 24,88
Total da Paulista:	222 957 870	31,66	1 764 643	225 191 133	39,07	2 199 739	+ 435 096	+ 24,76
Sorocabana:	178 005 579	25,11	1 117 430	176 428 429	34,85	1 536 935	+ 419 505	+ 37,54
Araraquara:	151 969 876	20,33	772 255	158 869 608	36,88	1 464 712	+ 692 457	+ 89,67
Noroeste	197 490 811	32,12	1 586 130	198 394 442	29,98	1 486 936	— 99 194	— 6,25
Mogiana	179 470 858	17,80	798 831	180 418 814	16,41	739 997	— 58 834	— 7,37
Do Dourado:	68 922 479	19,30	332 624	69 822 409	29,75	519 347	+ 186 723	+ 56,14
S. Paulo Goiás:	19 220 711	20,62	99 071	19 220 711	31,78	152 698	+ 53 627	+ 54,13
Santos - Jundiaí	20 050 922	23,60	118 302	20 050 922	15,96	79 988	— 38 314	— 32,39
Barra Bonita:	6 646 579	18,00	29 910	6 646 579	30,00	49 849	+ 19 939	+ 66,66
S. Paulo e Minas:	3 983 600	25,00	24 898	3 983 600	22,20	22 111	— 2 787	— 11,19
Central do Brasil:	5 774 650	15,89	22 940	5 774 650	12,98	18 744	— 4 196	— 18,29
Morro Agudo:	2 374 402	26,00	15 434	2 374 402	24,00	14 246	— 1 188	— 7,70
Monte Alto:	2 715 800	15,00	10 184	2 715 800	16,00	10 863	+ 679	+ 6,67
Itatibense:	1 540 900	16,00	6 164	1 540 900	16,00	6 164	—	—
TOTAL:	**1 061 125 037**	**25,25**	**6 698 816**	**1 071 432 399**	**30,99**	**8 302 329***	**+1 603 513**	**23,94**

(*) Essa cifra corresponde ao **total** da safra paulista. Dêsse total deve ser deduzida a parte referente ao **consumo interno,** calculada, presentemente, em 1.200.000 sacas. **A safra exportável é avaliada, pois, em 7.100.000 sacas.** Os remanescentes, no interior do Estado, de safras anteriores, são reduzidos, não atingindo a 50.000 sacas.

NOTA: — A avaliação da safra exportável de S. Paulo, feita pelo **D.N.C.**, foi de 7.150.000 sacas. A 4.ª previsão de safra da **Secretaria da Agricultura de S. Paulo,** estima a atual produção cafeeira paulista em 8.079.498 sacas. Deduzindo o consumo interno, na mesma base acima, de 1.200.000 sacas, restariam 6.879.498 p/ exportação (pela avaliação da Secretaria da Agricultura).

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXVII	JUNHO DE 1952	Número 303

Sumário

COLABORAÇAO:

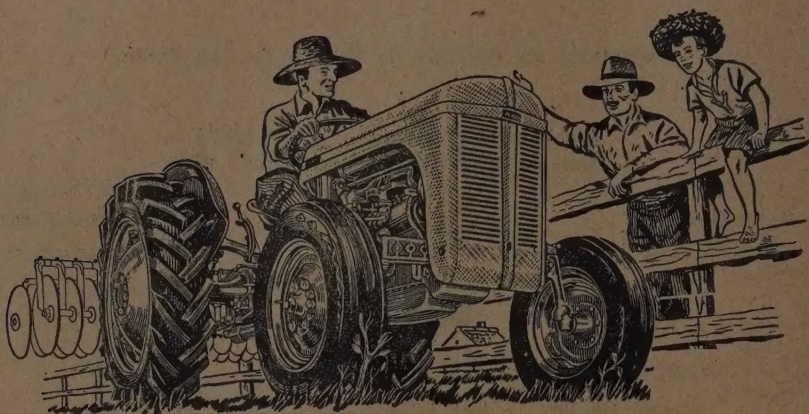
O café em 1951 — José Testa
Dados para a construção de lavadores de café da roça — André Tosello
"A fome de potássio" — Jacques Bemelmans

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:
Regulamento de embarques de café.
Repressão as especulações que visem baixar o preço do café.
Novos cafèzais em terras velhas.
A Cafelândia Paranaense abriga quase a metade da população do Estado — Benedito Barbosa Popu.
Lavouras intensivas em terras restauradas apresentam altos rendimentos na região de Campinas — Euclides A. de Oliveira Junior.
Irrigação dos cafèzais.
O café visto nos Estados Unidos (Cartas mensais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York).
A reexportação de cafés brasileiros.
A cultura cafeeira na Africa.

ESTATÍSTICA:

NOSSA CAPA: — Reunimos, em sugestivo conjunto, três sédes de fazendas paulistas, de várias épocas: a do centro é um casarão colonial; a superior, aproximadamente do fim do século passado; a inferior, uma fazenda moderna. Pelo confronto das mesmas se verifica a evolução do estilo arquitetônico e da noção de confôrto dos seus edificadores.

Aqui está numa classe única

FERGUSON "30"

Com suas novas e excepcionais características de trabalho incorporadas às incomparáveis vantagens do *único* e *exclusivo* Sistema Ferguson, o novo FERGUSON "30" veio preencher plenamente as necessidades de um trator agrícola de baixo custo e alta eficiência. Procure você mesmo conhecer o novo Ferguson "30" e certifique-se das qualidades que o colocam na vanguarda de sua classe.

Distribuidores exclusivos para São Paulo, Paraná, Goiás, Norte de Santa Catarina, e Triângulo Mineiro:

MAIOR EM FORÇA...

MAIOR EM PERFORMANCE...

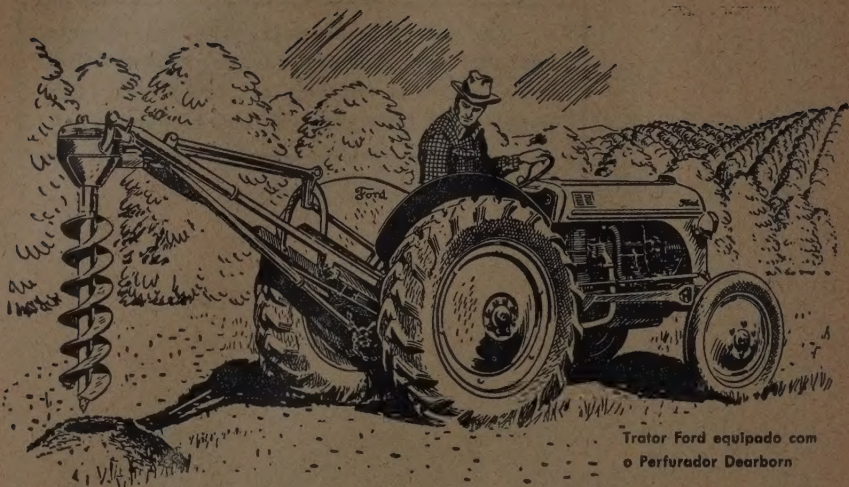
MAIOR EM ECONOMIA...

VARAM MOTORES S.A.

Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 1099 - São Paulo

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, este Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

Trator Ford equipado com o Perfurador Dearborn

Para a sua adubação utilize o

Perfurador DEARBORN

—até 600 covas por dia!

Calcule o tempo que um homem gasta para fazer *um só* buraco à mão, e terá a idéia da economia de mão-de-obra que o Perfurador Dearborn representará em sua fazenda. Um operador prático pode fazer *até 600 buracos num dia!* Construída para trabalhar com o Trator Ford, é inteiramente acionado pelo Contrôle Hidráulico do trator: o tratorista não precisa sair do assento para fazer os buracos. Ideal para covas de adubação nos cafezais, plantação de mudas, para estacas de vinhedos, postes, buracos para cêrcas, etc.

O Perfurador DEARBORN

faz buracos verticais, seja qual fôr a posição do trator. Brocas de 5 tamanhos: 9, 10, 12, 14 e 18 pol. de diâmetro.

1.462

Peça mais informações ao Revendedor Ford

FORD MOTOR COMPANY, EXPORTS, INC.

O CAFÉ EM 1951

I

JOSÉ TESTA
(Da Superintendência do Café)

Comercialmente, não se poderá dizer que a situação do café tenha sido desfavorável em 1951. A exportação não apresentou, é verdade, os altos índices de 1948 e 49, os quais foram excepcionais, principalmente o último, que constituiu um recorde absoluto, em volume, com 19.368.468 sacas, rendendo Cr$ 11.610.526. Entretanto, foi considerável, sendo a terceira, em volume, desde o início da guerra (1939 = 16.498.525). E, em valor, foi a maior de tôdos os tempos, com quase vinte bilhões de cruzeiros (precisamente 19.456.821.538).

* * *

O valor unitário também continuou a aumentar, sendo que a sua evolução, desde 1935, foi a seguinte:

Preço médio em cruzeiros, por saca, do café posto a bordo, no Brasil

1935	1936	1937	1938	1939	1940	1941
140,69	157,31	178,13	134,18	105,42	131,93	182,51

1942	1943	1944	1945	1946	1947	1948
270,	277,16	286,16	299,24	417,06	519,02	515,57

1949	1950	1951
599,45	1.072,31	1.189,44

Verifica-se que a ascensão unitária dos preços é ininterrupta, a partir de 1939, com uma única e pequena queda em 1948. A partir dessa data, com a liquidação dos nossos estoques, que atuavam contràriamente à ascensão das cotações, estas elevaram-se com firmeza, quase triplicando até 1951. E não se poderá dizer que essa alta reflete, apenas, preços inflacionários. Por certo, a inflação deve também ser considerada, no caso. Mas, segundo estudos que têm sido feitos por mais de uma publicação autorizada, dentre as quais se póde citar "Conjuntura Econômica", os preços por atacado ascenderam, desde 1946 até março de 1952, do indice de 100 para o de 235,9; e o índice do custo da vida, do mesmo índice 100 para o de 173,5 entre os mesmos limites de tempo. Comparado o preço unitário do café, atualmente, com o das utilidades importadas, verifica-se, não há dúvida, que, tomadas num longo período, estas se valorizaram mais que o nosso produto. Poder-se-ia repetir o velho argumento de que, antigamente, davam-se menos sacas de café em troca de um

automóvel, por exemplo, do que hoje. É isso verdade, principalmente se nos reportarmos aos altos preços do café em 1925. Mas, considerados as cotações nos últimos anos, não há dúvida de que houve considerável reação das mesmas, por certo maior que a que corresponderia à simples inflação.

* * *

Quanto à sua percentagem nas exportações, manteve o café uma bôa posição, atingindo a 59,81% do valor total das exportações brasileiras. Essa percentagem, que já chegou a mais de 75% do total das nossas vendas externas. (em 1924 = 75,54%) não deve, é evidente, ser tão exagerada. Aliás, muito já se tem discutido sôbre a excessiva preponderância de um só produto e de um só mercado — café e Estados Unidos — nas nossas exportações.

Mas, de outro lado, se o café descesse a menos de 50%, essa situação não nos seria favorável, dado que é êle o grande produtor de dólares e, pràticamente, o único produto estável de nossa econômia, e cujo preço aguenta a comparação com a paridade internacional, o que não acontece com a quase totalidade de nossos artigos exportáveis, como ainda no momento vem sucedendo.

* * *

Como de costume, a exportação para os Estados Unidos representou a maior parcela: 10.505.539 sacas, em confronto com 5.852.469 sacas para tôdos os outros países reunidos; e, em valor, Crs. .... 12.623.385.352,00 para os Estados Unidos e Crs. 6.833.436.186 para tôdos os outros países em conjunto. São, respectivamente, 63% e 64%, sendo êsse acréscimo na porcentagem, quanto ao valor, explicado pelo fato de comprarem, os americanos, proporcianalmente, melhores qualidades que a maioria dos outros países.

Um mercado de tal importância (quase dois terços) para um produto que, por sua vez, é para nós de importância capital, tem suas desvantagens, não há dúvida. No caso, porém, e exatamente no momento presente, tem uma dupla vantagem: são negócios feitos em dólares, e com uma nação que não tem à vista contingenciamentos, taxações alfandegárias ou quebras de valor da moeda. O alto afluxo de dólares que obtivemos de nossas exportações cafeeiras para os Estados Unidos nos permitiu fazer face aos nossos compromissos e às nossas aquisições essenciais e, se presentemente temos um passivo de mais de 200 milhões de dólares, isso se deve tão sòmente à estocagem feita por ocasião do início da guerra coreana, estocagem de matérias primas, essa, prudente e aconselhada por todas as nossas camadas de opinião.

Não obstante sua já grande importância, póde ainda o mercado americano ser desenvolvido. Pelo menos 500.000 sacas a mais em cada ano, pódem ser ali colocadas, havendo mesmo quem chegue a admitir 1.000.000, conforme declarações feitas, há pouco, pelo presidente da National Coffee Association, em sua visita ao Brasil.

* * *

Por sua vez, o mercado europeu de café, e em particular o da Alemanha, estão a merecer nossas melhores atenções.

Acabam de registrar, as importações européias de café, um novo recorde em 1951. Não, infelizmente, um recorde absoluto, mas tão sòmente na nova fase anormal do comércio com o velho continente, iniciada em 1940. Antes do segundo grande conflito, por três vezes a importação européia de café excedeu a 12 milhões de sacas: em 1930, com 12.152.405, em 1931, com 12.677.250 e em 1938, com 12.492.801. É curioso acentuar que todos esses anos pertencem à decada de 1930, o que indica, a nosso ver, não um acontecimento esporádico, como poderia deixar entrever a importação de 1938, sabidamente anormal, porém uma tendência de "maioridade" cafeeira do continente europeu, isto é, de que um alto nível de consumo havia se tornado estável, naquela região.

A guerra de 1939-45, todavia, ocasionou nas importações de café uma drástica redução, muito maior que a ocorrida na conflagração anterior: de 12.492.801 sacas em 1938 caiu progressivamente a ...... 9.225.884 em 1939, a 3.242.193 em 1940, a 648.150 em 1941 e a 540.856 em 1942, um recorde de baixa neste século, devido às excepicionais atividades dos submarinos alemães. A partir de então, a recuperação se fez lentamente: 850.931 sacas em 1943, 1.012.817 em 44, ... 1.926.522 em 1945, 3.766.237 em 1946, 6.854.698 em 1947, ... 7.178.098 em 1948, 8.237.000 em 1949, 8.112.025 em 1950 e .... 8.335.000 em 1951.

Como se vê, a Europa terá ainda que aumentar em 50 por cento as suas compras para atingir aos níveis a que chegara nos anos anteriores à guerra. Um largo campo se abre, pois, à nossa iniciativa no velho mundo, que se encontra, já, em boas e cada vez melhores condições econômicas. As quatro milhões de sacas que ali podem ser colocadas nos garantiriam, pelo menos durante alguns anos, tranquilidade contra um fantasma que se poderia vislumbrar no horizonte: a nova superprodução.

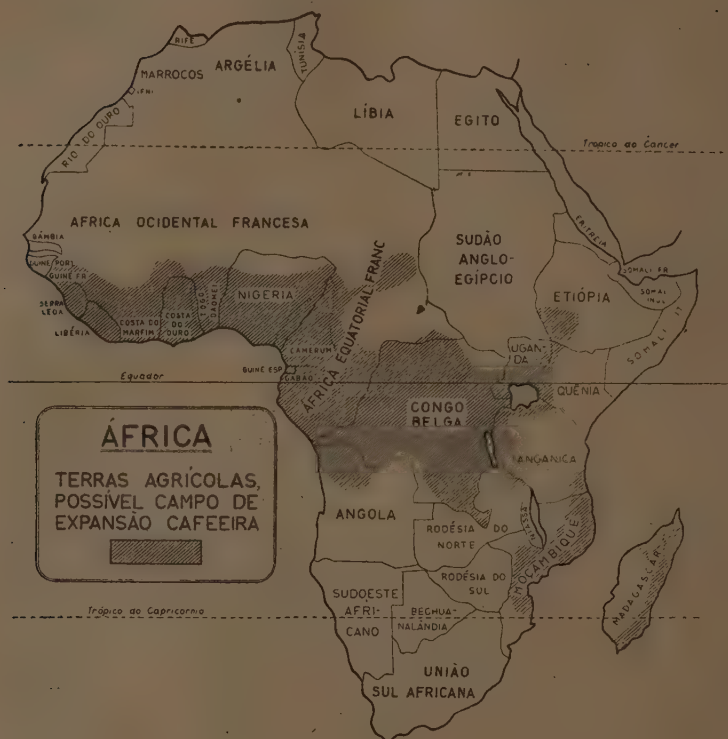
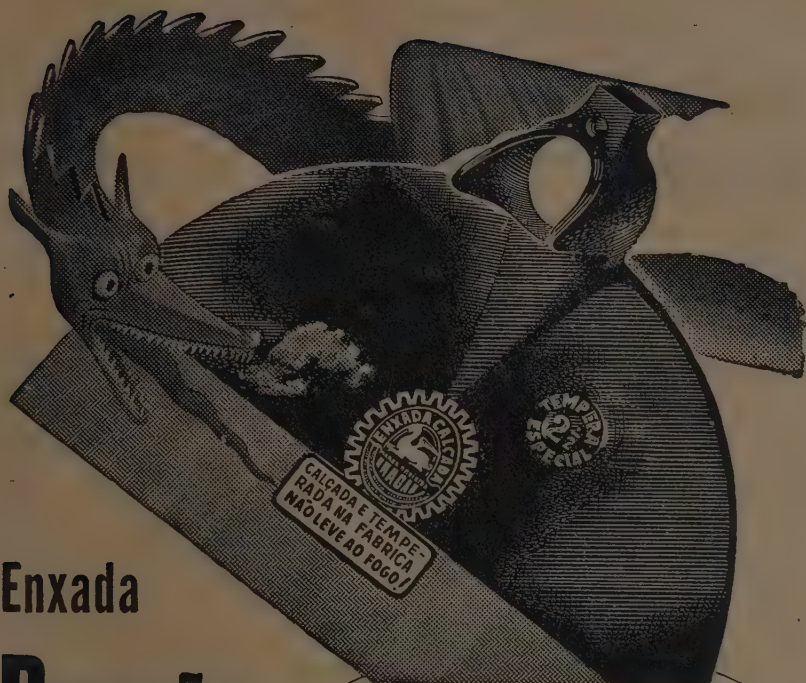
Nossas exportações para a Europa mostraram certa recuperação em 1951, com referência a 1950: 3.835.897 em 50 e 4.547.772 em 51. Entretanto, ficámos ainda substancialmente abaixo dos 5.250.933 sacas a que haviamos chegado em 1949 e, principalmente, dos 6 milhões e até dos 7 milhões a que haviamos atingido na década de 1930-39 (1931 = 7.172.799).

* * *

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL PARA O EXTERIOR
Ano de 1951

PAIS DE DESTINO	Quant. em sacas	Valor em Cruzeiros
	TOTAL	TOTAL
França	734 250	797 979 910
Suécia	568 989	710 766 771
Belgo Luxemburguesa, U.E.	487 710	571 370 433
Holanda	483 345	595 570 982
Alemanha	441 402	521 639 002
Grã-Bretanha	410 028	497 149 007
Itália	325 101	382 401 192
Dinamarca	275 384	322 160 301
Noruega	241 975	292 745 254
Finlândia	184 719	196 015 928
Trieste	166 780	188 182 586
Grécia	86 224	87 472 498
Suiça	45 610	55 001 907
Áustria	37 625	46 845 616
Gibraltar	25 246	24 905 158
Malta	21 930	24 020 071
Islândia	17 384	18 060 483
Iugoslávia	11 666	13 626 625
Tcheco-Eslováquia	6 000	7 349 060
Polônia	4 499	5 686 660
Portugal	1 615	1 911 044
Irlanda	200	251 907
Vaticano	88	95 355
Espanha	2	2 462
TOTAL DA EUROPA	**4 547 772**	**5 361 210 212**
Turquia (inclui Européia)	94 102	100 623 262
Filipinas	60 880	66 486 707
Líbano	33 238	34 047 855
Chipre	19 983	21 738 884
Síria	18 356	19 881 392
Iraque	18 185	19 204 376
Jordânia	12 690	13 349 244
Malásia Inglesa	3 415	3 676 706
Japão	2 164	2 798 088
Adem	847	898 538
TOTAL DA ASIA	**263 860**	**282 705 052**

PAÍS DE DESTINO	TOTAL	TOTAL
	Quant. em sacas	Valor em Cruzeiros
União Sul-Africana	54 404	59 301 995
Egito	37 947	37 971 010
Tunísia	37 166	40 793 748
Marrocos Francês	31 152	32 238 114
Marrocos Espanhol	16 968	16 469 095
Canárias	6 868	6 605 892
Tanger	5 100	5 553 078
Sudão Anglo-Egípcio	1 757	1 750 476
Argélia	1 233	1 253 025
Sudoeste Africano	864	967 405
Moçambique	565	569 279
TOTAL DA AFRICA	**194 024**	**203 473 117**
Estados Unidos	10 505 539	12 623 385 352
Argentina	475 545	547 700 484
Canadá	266 481	324 829 905
Chile	56 643	58 539 743
Uruguai	41 766	47 169 441
Paraguai	3 300	4 099 441
Curaçao	790	861 295
Panamá	300	367 607
TOTAL DA AMERICA	**11 350 364**	**13 606 953 268**
Austrália	1 938	2 413 705
Nova Zelândia	50	66 184
TOTAL DA OCEANIA	**1 988**	**2 479 889**
TOTAL GERAL	**16 358 008**	**19 456 821 538**

(Continua no próximo Boletim)

ÁFRICA
TERRAS AGRÍCOLAS, POSSÍVEL CAMPO DE EXPANSÃO CAFEEIRA
RIFE
MARROCOS
ARGÉLIA
TUNÍSIA
IFNI
RIO DO OURO
LÍBIA
EGITO
Trópico do Cancer
AFRICA OCIDENTAL FRANCESA
GÂMBIA
GUINÉ PORT.
GUINÉ FR.
SERRA LEOA
LIBÉRIA
COSTA DO MARFIM
COSTA DO OURO
TOGO
DAOMÉ
NIGÉRIA
CAMERUM
GUINÉ ESP.
GABÃO
ÁFRICA EQUATORIAL FRANC.
SUDÃO ANGLO-EGÍPCIO
ERITRÉIA
SOMALI FR.
SOMALI ING.
ETIÓPIA
SOMALI IT.
UGANDA
QUÊNIA
Equador
CONGO BELGA
ANGOLA
RODÉSIA DO NORTE
NIASSA
MOÇAMBIQUE
MADAGASCAR
SUDOESTE AFRICANO
BECHUANALÂNDIA
RODÉSIA DO SUL
Trópico do Capricornio
UNIÃO SUL AFRICANA

Enxada

Dragão

prova *na terra* o seu valor!

Experiências feitas no *trabalho da terra* provam que a Enxada DRAGÃO dura mais que qualquer outra! E rende também mais, porque resiste, aos choques e está sempre afiada, apresentando um equilíbrio que facilita o trabalho e evita o cansaço provocado pelas enxadas comuns. De polimento e acabamento perfeitos, mantém-se *nova* por muitas e muitas safras. Trabalhe melhor seu torrão com a Enxada DRAGÃO.

Fabricada e garantida pela

Cia. Mechanica e Importadora de São Paulo

fabricantes há mais de meio século

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 210 - TEL. 32-7185 - SÃO PAULO

Dados para a construção de lavadores de café da roça

ANDRÉ TOSELLO
Secção de Café. Instituto Agronômico de Campinas

O café depois de colhido e abanado, é transportado em sacos de 100 a 120 litros ao terreiro. É constituido de uma mistura de frutos sêcos, maduros e verdes .Esta mistura é conhecida pelo nome de **café da roça.**

O café da roça, antes de sofrer a secagem, deve ser classificado em grupos mais homogêneos em relação ao seu teor de umidade ou maturação e concomitantemente ser separado das impurezas que comumente o acompanham, tais como pauzinhos, pedras, terra, etc.

Existem dois processos de se proceder a esta operação; por **via úmida,** por intermédio de lavadores e por **via sêca,** por intermédio de seletores.

O primeiro processo embora não seja o mais indicado em grande número de casos, é, às vêzes, o único realmente eficiente. Em algumas zonas de terra roxa, onde o café da roça vem impregnado de terra, o uso do lavador é quasi imprescindível.

Procuraremos, no presente artigo, dar alguns dados de interesse que possam servir de normas para aquêles que desejem construir lavadores na sua propriedade agrícola.

O emprêgo dos lavadores é bastante antigo. Com muitas variações empregam-se no Oriente, na América Central e no Brasil desde os meados do Século XVII.

De todos os lavadores empregados o mais afamado foi o lavador "Maravilha", patenteado em 20 de outubro de 1898 pelos senhores Alexandre Marcondes de Moura Machado e Luiz Gonzaga de Oliveira Costa, embora existissem outros, o de Abelardo de Souza em 1890 e o lavador Lacerda do engenheiro Lacerda Franco em 1890, dignos precursôres do "Maravilha".

A função dêstes lavadores não se restringe sòmente em lavar o café, mas o que é mais importante, em separá-lo em dois grupos mais homogêneos, um mais denso que a água, denominado vulgarmente **"cereja"** e outros menos denso denominado **"boia**.

Os lavadores atuais são, na sua grande maioria, modificações simplificadas dos tipos citados. Separam o café da roça nos grupos "boia" e "cereja", retirando pela lavagem a terra e as pedras.

LAVADOR

Um dos lavadores mais simples e eficientes é o que vamos descrever e que se pode compreender melhor na perpectiva mostrada na fig 1.

A canaleta **a** possue num determinado ponto um fundo falso em plano inclinado **b** o qual se comunica com a canaleta **c** que possue no ponto inicial o fundo falso **d** mergulhado num tanque de água e dotado de um cano vertical para borbulhar a água (veja fig. 2 e 3).

O funcionamento dá-se da seguinte maneira: O café da roça arrastado pela água é trazido pela canaleta **a**; o café cereja, as pedras e impurezas pesadas encontrando o fundo falso **b** afundam, escorregam pelo plano inclinado, caindo no fundo falso **d**; nesse ponto encontram a água com leve pressão de baixo para cima, produzida pela borbulha; o café cereja é levado para cima e entra na canaleta **c**, ao passo que os corpos mais pesados, como pedras, torrões, terra, etc., não conseguindo se elevar, caem no fundo do tanque. O café boia que inicialmente acompanha o café da roça não afunda no fundo falso **b** e continua pela canaleta **a**.

O tanque, como mostram as figuras 2 e 3, é construido de alvenária e tem o fundo em 2 planos inclinados com tampa para escoamento.

CANALETAS

As canaletas para o transporte do café devem ser construidas de concreto ou madeira, sendo preferível o concreto pela sua maior durabilidade.

Uma boa inclinação para as canaletas é de 2%, pois, com isto, economiza-se bastante água. Nestas canaletas verificamos (1) que para se transportar um litro de café necessita-se, normalmente, de 3 litros de água. Quando as circunstâncias são desfavoráveis à obtenção de água, pode-se reduzir a proporção para 2,5 litros de água para 1 de café.

As canaletas, sejam de concreto ou de madeira, devem ser de secção retangular com a base de 14 centímetros (meia largura de tábua) ou de 28 centímetros (uma largura de tábua).

Com canaletas nestas condições, pode-se transportar até um máximo de 600 a 1.500 alqueires de café por hora, de acôrdo com os dados do quadro 1 (*).

Alguns detalhes construtivos dessas canaletas são vistos na fig. 4.

DISPONIBILIDADE DE AGUA

É evidente que todo o projeto de uma instalação de lavador depende fundamentalmente da disponibilidade de água na propriedade agrícola.

Vimos que se necessita, normalmente, de 3 litros de água para cada litro de café da roça. Admitindo-se que uma fazenda possua X mil pés de café, a quantidade de café da roça a ser trabalhado por

---

(*) Calculado pela fórmula de Manning.

dia de colheita, é de X sacos de 100 litros (**). Portanto, necessitar-se-á sòmente para o lavador de cêrca de 300 X litros de água por dia.

Esta água pode ser armazenada durante 24 horas num reservatório. A disponibilidade deverá ser, portanto, da ordem de $\frac{300\ X}{24\ .\ 60}$ litros por minuto (0,2 X aproximadamente). Considerando-se que sempre ocorrem perdas e imprevistos é lícito admitir-se como exigência normal o dôbro dêste valor ou seja acêrca de 0,4 X.

Assim, uma fazenda de 35 mil pés de café, deverá ter para o lavador uma disponibilidade normal de 0,4 • 35 = 14 litros de água por minuto.

A disponibilidade de água vem expressa na coluna nº 4, do quadro 1, para os diversos tamanhos de canaletas. A quantidade de cafeeiros cuja colheita pode ser tratada por essa água vem discriminada na coluna 6.

RESERVATÓRIO DE ÁGUA

Vimos que a água deverá ser armazenada durante 24 horas para se acumular quantidade suficiente para os serviços indicados. A capacidade mínima do reservatório seria, portanto, $\frac{24 \times 60 \times 0{,}4\ X}{1\ 000}$ ou aproximadamente 0,6 X metros cúbicos.

Para os casos já estudados êstes dados estão na coluna número 5 do quadro 1.

Um detalhe construtivo do reservatório pode ser visto na fig. 5.

MOEGAS

O café da roça é transportado da lavoura para o depósito de recebimento ou moega, que está situada no terreiro ou próximo dele.

As moegas devem possuir uma capacidade correspondente ao volume do café colhido no dia. Nestas condições damos na coluna 7 do quadro 1, as capacidades das moegas correspondentes aos diversos tamanhos das propriedades agrícolas em mil pés de café.

Uma boa moega deve ser construida de alvenaria, cujos detalhes construtivos podem ser vistos nas figs. 6 e 7.

Damos na coluna número 8 do quadro 1, as dimensões aproximadas das moegas correspondentes às capacidades indicadas na coluna número 7.

A distância entre a maega e o lavador deve ser no mínimo de 5 metros a fim de permitir que não haja distúrbios produzidos pelo movimento da água no lavador, prejudicando, dêste modo a sua eficiência na separação do café boia e cereja.

(**) Admitindo-se que a colheita se faz em 100 dias e a produção é de 100 sacos por mil cafeeiros.

Quando se trata de café muito impregnado de terra, deve-se aumentar bastante a distância entre a moega e o lavador, a fim de permitir a lavagem do café dentro das canaletas.

As canaletas compridas permitem que a terra que se desprende do café se deposite nelas, de modo que êste chegue ao lavador pràticamente limpo. Periòdicamente, com uma pá limpa-se o fundo das canaletas, retirando a terra.

Nas instalações de grande capacidade é preferível construir-se canaletas duplas, de maneira a permitir que se proceda a limpeza de um ramal enquando o outro está sendo utilizado.

Quando a distância entre a moega e o lavador é pequena e necessita-se grande comprimento das canaletas, pode-se fazer a sua construção em forma de zig-zag.

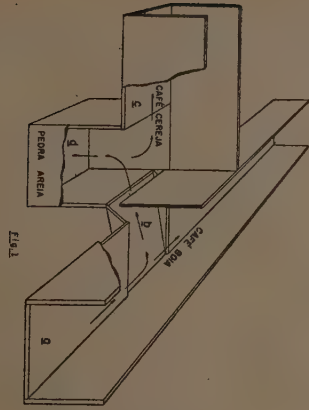
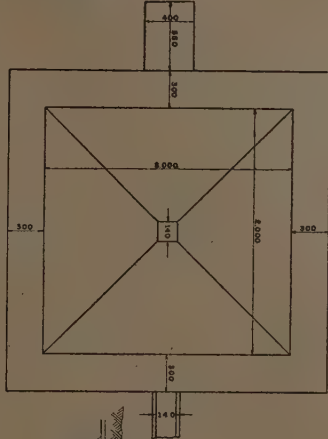
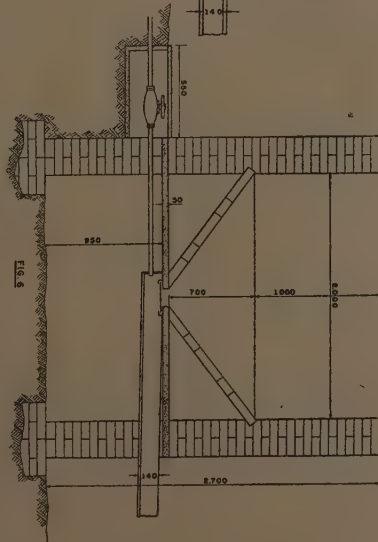
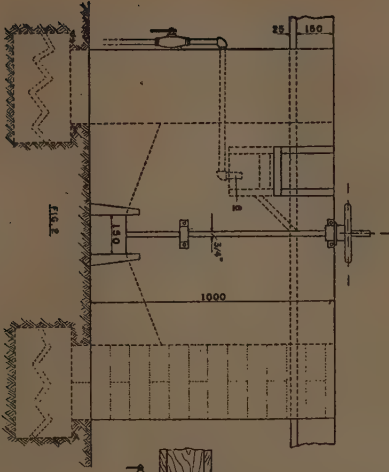
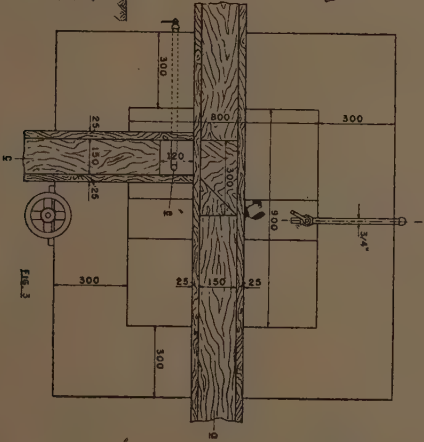
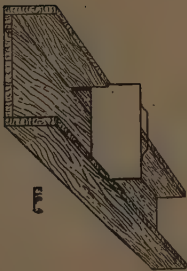
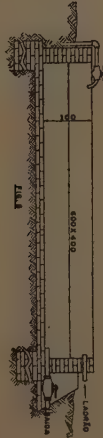
BIBLIOGRAFIA

1 — Tosello, André e Aloisi Sob., João — Ensaios sôbre despolpadores de café. Relatório do Instituto Agronômico de Campinas. 1944.

QUADRO 1.

DADOS PARA A CONSTRUÇÃO DE LAVADORES DE CAFÉ DA ROÇA

Canaletas		Quant. máx. de café trps. por hora. (em alqueires).	Disponibilidade de água (em litros por minuto)	Capacidade do reservatório de água (em mts. cúbicos).	Correspondente a uma faz. de (mil pés de café).	Capacidade da moega (em metros cúbicos).	Dimensões aproximadas da moega (em metros)
Soleira da canaleta (em cemtimetros	Altura da água na canaleta (em polegadas.)						
14	1 "	80	16	24	40	4	2 x 2 x 1
"	2 "	230	46	70	115	11,5	4 x 2 x 1,5
"	3 "	380	76	110	190	19	4 x 3 x 1,5
"	4 "	600	120	180	300	30	7 x 3 x 1,5
28	1 "	190	38	60	95	9,5	5 x 2 x 1
"	2 "	550	110	160	275	27	6 x 3 x 1,5
"	3 "	1000	200	300	500	50	8 x 3 x 2
"	4 "	1500	300	450	750	75	12 x 3 x 2

FIG. 1
CAFÉ CEREJA
PEDRA AREIA
CAFÉ BOIA
FIG. 2
1000
3/4"
FIG. 3
300
800
900
25
150
120
FIG. 4
FIG. 5
600X400
LADRÃO
SAIDA
FIG. 6
950
700
1000
2.000
2.700
140
560
FIG. 7
2.000
140
400

"A FOME DE POTÁSSIO"

Especial para o BOLETIM DA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

Jacques Bemelmans
Engenheiro Agrônomo

Apareceu êste ano, em grande número de municípios paulistas, o fenômeno chamado "fome de Potássio". Das plantas cultivadas, o algodoeiro é a planta mais atingida, por ser uma cultura muito sensível à **proporção** dos elementos solúveis (N P K Ca) postos à sua disposição durante a vegetação.

Essa proporção é muito "estreita" para o algodão, e embora não exista ainda estudo científico a respeito, pelos resultados práticos de cultura é possível limitar essa relação N P K entre os valores 0-1, 2-1 e 0, 5-2, 5-1.

Aplicando, por alqueire (24,200 m2) O kg de N; 120 Kg de P205; 100 kg de K20, temos a primeira proporção. Aplicando 50 Kg de N: 250 Kg de P205; 100 Kg de K20, temos a segunda proporção.

A relação entre os elementos K e Ca solúveis é menos conhecida em nosso meio e mereceria ser investigada, pois ela é muito importante. O mínimo aceitável é 1:1 e parece que o máximo será 1:4.

O cálcio tem uma influência muito maior do que se supõe geralmente, pois controla não só a absorção do potássio, como também dos elementos menores.

W. H. Pierre e C. A. Bower já escreviam em 1943 (4):

"Dum modo geral, quanto maior a concentração de outros catiônicos em relação à concentração do Potássio, tanto maior a depressão da absorção do último pelas plantas. Vários experimentadores verificaram que, quando a concentração do Cálcio é baixa relativamente à do potássio, o cálcio favorece a absorção do potássio pelas plantas, e é sómente quando o cálcio é aumentado materialmente, que a absorção de K é diminuida. Isto em geral corresponde com os sintomas de deficiência".

"Davidson e Blake verificaram que, quando existe 10 partes por mil de K na solução, os sintomas de deficiência de K em pessegueiro são obtidas sòmente com teores altos de Ca (410 ppm). Com apenas 2 ppm de K as fôlhas do pessegueiro mostram deficiências com apenas 180 ppm de Ca."

Estes estudos foram feitos em parte em terrenos calcáreos.

Em nosso Estado, quanto mais velha a terra, mais pobre em cálcio fica, especialmente a terra roxa. Assim, já não podemos atribuir a "fome de potássio" ao excesso de cálcio.

Trata-se, pois, realmente dum esgotamento em potássio assimilável, ou total, porque, como o verificou o Prof. Vageler (6) em terra roxa cultivada durante 22 anos com cafeeiros, na camada de solo de

1,20 m., o potássio esgotou-se quasi totalmente (93%) enquanto apenas 50% do azôto e 37% do fósforo eram perdidos.

A explicação, aliás, é fácil, pois o pedólogo Dr. J. A. de Paiva Neto (3) escreveu a respeito dos solos de terras roxas:

"Quanto ao potássio, são regulares quando novos, existindo potássio sòmente no estado trocável. Isto quér dizer que, quando êste se esgotar (o que acontece em relativamente pouco tempo devido aos maus tratos culturais e não reposição), não há mais onde possa ser obtido, a não ser por meio de adubações".

"Portanto, a terra roxa não possui minerais que contenham potássio no estado potencial, e mesmo outra base qualquer".

O Dr. Setzer (5) também escreve à página 95:

"Os solos do grupo 14 (terra-roxa-legítima) são profundos, porosos, permeáveis e possuidores de ótimo poder de retenção d'água, propriedades estas que os tornam, fìsicamente, os melhores solos do Estado e do País, e dos melhores do mundo. Quanto às suas propriedades químicas, são riquíssimas em fósforo, muito ricos em cálcio e magnésio e menos ricos em potássio, que é, no geral, o fator limitante da produção. É preciso acrescentar que estas condições químicas se referem ao tipo médio, não muito prejudicado pelo uso. Como já dissémos, com o cultivo despreocupado, o teor de matéria orgânica baixa muito, com ela desaparecendo o potássio e, em segundo lugar, o magnésio e o cálcio, ao mesmo tempo que aparece acidez cada vez mais ameaçadora".

Assim, do acima exposto podemos desde já concluir que a "fome de potássio" é realmente um esgotamento do solo em potássio, pela falta de reposição deste elemento. Essa carência pode ser aumentada pela desproporção resultante entre K/Ca, K/Mg, etc.. Esta desproporção tanto pode existir por falta de Ca e Mg, como por excesso. É um ponto importante a ser lembrado quando se pratica a calagem, tão necesssária e tão aconselhada em nossos solos ácidos. A calagem deve sempre ser acompanhada duma adubação potássica mais forte.

Devemos agora considerar a ação do húmus.

Em terreno bem provido de húmus não aparecem os sintomas da "fome de potássio", o que, aliás, não quer dizer que não haja carência.

O húmus age pela sua capacidade de retenção da água, pela sua ação solubilizadora dos sais do solo, pelo alimento ideal que proporciona aos micro-organismos, e outras ações químicas e físicas.

Terras bem providas de húmus são geralmente, em nosso meio terras novas ou pouco cultivadas, logo mais ricas em elementos.

Terras esgotadas muito bem estercadas não apresentarão no primeiro ano os sintomas da falta de potássio, mesmo sem adubação potássica, graças ao pouco dêste elemento contido no estêrco, mas é certo que haverá falta de potássio para conseguir rendimento elevado.

O húmus é indispensável para qualquer adubação química, e mais especialmente para a fosfatada, potássica e cálcica.

É contraproducente não pôr sempre junto com o húmus os elementos P, K e Ca, atendendo à Lei do Mínimo, esteio mestre da alimentação das plantas.

Aliás, a maioria dos nossos técnicos aconselha sempre a adubação completa (NPK) embora com a ressalva que põe K para "prevenir uma possível carência". A fome de potássio está latente em todas as nossas terras esgotadas, mas só aparece em ano com irregularidade pluviométrica, e particularmente no algodoeiro, porque esta planta absorve muita potassa no comêço da vegetação, menos na floração, para aumentar novamente até a maturação final (2). A explicação é fácil, pois reside na elevada composição em potassa das cápsulas e das sementes.

O potássio não tem ação espetacular sôbre as colheitas, como tem o fósforo em nossas terras e climas, porém sua ação é certa e indispensável, **porque a Lei do Mínimo é uma só no mundo inteiro**.

Para o milho, a influência dos adubos potássicos é certa, não só de modo visível durante a vegetação, como de maneira menos visível sôbre a boa granação da espiga e sôbre o pêso específico dos grãos.

A batata reage muito bem a potassa como teremos oportunidade de provar com os resultados das nossas experiências .

Para o algodão, a falta de potássio age fortemente sôbre o pêso total da colheita devido à falta de pêso das sementes e ao tamanho reduzido das cápsulas. Porém os únicos meios reais de comprovar essa falta reside no poder germinativo muito mais fraco, assinalado por Wood (7) e na resistência menor da fibra assinalada por vários cientistas, entre os quais os Drs. Theodureto de Camargo e Raymundo Cruz Martins (1), que escreveram:

"Em tôdas as nossas experiências não notamos influência alguma do adubo sôbre o comprimento da fibra do algodão. As fibras de algodão adubado são tão compridas como as dos canteiros sem adubo. Notamos, porém, que a adubação, principalmente a potássica, tem grande influência sôbre a resistência das fibras, que são muito mais resistentes do que as dos canteiros sem Potássio".

No mesmo trabalho relativo aos resultados de quatro anos de experiências feitas no Instituto Agronômico de Campinas, em terra roxa cansada:

"Das nossas experiências torna-se patente a importância primordial dos adubos potássicos para a cultura do algodoeiro neste tipo de terra.

Em terra deficiente de Fósforo, o algodoeiro desenvolve-se mal, cresce pouco, produz poucas maçãs, um pouco menores que as normais; suas fôlhas são pequenas mas de aspecto normal. Ao passo que quando ha carência de Potássio no solo as plantas se desenvolvem regularmente até a época da formação dos primeiros frutos. Neste ponto, elas, não tendo podido amazenar Potássio nos tecidos dos seus órgãos vegetativos, por deficiência dêle no solo, recorrem ao que existe nas folhas, que, por isso, passam a ficar cloróticas primeiramente na parte do limbo compreendido entre as nervuras; seus bordos vão secando e, finalmente a fôlha inteira seca e cai. O algodoal dá a impressão de que foi sapecado pelo fogo. Os frutos são pequenos, dando minúsculos capulhos".

E analisando os resultados da série potássica das experiências, esses autores escreveram:

"Os resultados obtidos foram dos mais interessantes. Os canteiros que receberam Potássio, em qualquer uma das formas de adubo empregado, Cloreto, Sulfato, Caínito ou Sulfato de potássio e magnésio, produziram muito mais algodão do que os canteiros da série sem Potássio".

Ainda chamaremos a atenção sôbre a possível atuação do Sódio (Na) na "fome de potássio". Escreveram a êste respeito os mestres W. H. Pierre e C. A. Bower (4) na Estação Experimental Agrícola de Iowa:

"Nos Estados Unidos, estudos com sais de Na foram começados na Estação Agrícola Experimental de Rode Island, por Wheeler e Adams em 1894, e continuadas por Hartwell e outros. Experiências de campos, feitas para estudar o efeito sôbre o crescimento da adição de K e Na em várias doses, tanto como cloretos e carbonato, demonstraram que quando ha deficiência de K, uma adubação liberal de Na pode provocar um grande aumento de colheita para certas plantas, e que esse aumento era acompanhado, na maioria dos casos, pelo aumento da porcentagem de Na nas plantas e respectiva diminuição de K."

A depressão relativa do K, resultando duma adição de Na, não era todavia tão forte quanto o aumento da colheita e por isso uma maior quantidade de K é retirada do solo por cada colheita".

"Cultivos em soluções nutritivas demonstraram que existindo K em quantidade "ótima", Na não provoca nenhum acréscimo de crescimento."

Assim, um excesso de sódio, que em absoluto pode substituir o potássio na semente, acaba na realidade acentuando os sintomas de falta de potássio no momento da maturação, pela sua presença na planta no lugar do potássio. Além disso, não impede o esgotamento completo do solo em potassa, até pelo contrário, o acelera pelo maior estímulo que dá ao crescimento.

Para terminar essas ligeiras considerações sôbre o fenómeno da "fome de potássio", insistimos novamente sôbre o fato do real esgotamento em potássio das terras velhas, fruto das culturas repetidas e sem cuidado, da erosão e da falta de adubações completas e equilibradas.

Outra prova dessa falta em nossos terrenos é o "acamamento" das plantas, frequente em arroz, milho, trigo, etc.. Atribui-se geralmente esse fato ao excesso de azôto, talvez porque todos os livros europeus ou americanos descrevem o fenômeno desta maneira. Mas là a adubação potássica é sempre forte e o acamamento só pode mesmo resultar dum excesso de azôto.

Aqui, onde as adubações são falhas em potássio, é a essa falta que devemos atribuir o fenômeno, porque essa falta deixa realmente o azôto em excesso na relação N-P-K. Raramente é o vento o verdadeiro culpado do acamamento, porque as plantas bem nutridas em potássio lhe resistem.

O potássio não dá resultados espetaculares como o fósforo ou mesmo o azôto. Daí, talvez, a idéia de sua pouca necessidade, cujo resultado é o esgotamento completo desse elemento nos solos "cansados" e consequente quebra de 50% da produção.

Outro engano bastante difundido é o que os adubos potássicos custam fortunas. Nada mais contrário à realidade, porque o custo real do adubo não é seu custo por tonelada, mas sim seu custo por unidade fertilizante ou nutritiva, de acôrdo com sua composição química.

O quadro abaixo, obtido com os preços duma casa revendedora, esclarece bem essa questão:

Nome do Adubo	Composição	Preço por 1000 Kg.	Preço por unidade fertilizante
Salitre do Chile	15,5% N	2.479,00	16,00
Sulfato de Amônio	20 % N	2.800,00	14,00
Superfosfato	18 % P205	1.800,00	10,00
Fosfato Bicálcico	40 % P205	3.200,00	8,00 (+Ca gratuito
Farinha de Ossos	27 % P205	1.800,00	6,666
Fosfato tricálcico	28 % P205	1.460,00	5,20
Cloreto de Potássio	60 % K20	2.800,00	4,66
Sulfato de Potássio	50 % K20	3.000,00	6,00

E si considerarmos a solubilidade muito relativa de certos adubos fosfatados, veremos que são ainda mais caros do que parecem. E mais: além de ser a Potassa (K20) o elemento mais barato, é também o elemento recomendado geralmente em quantidade menor ou igual ao fósforo.

BIBLIOGRAFIA

1 — **CAMARGO,** Theodureto de e **MARTINS,** R. Cruz: A adubação do algodoeiro em terras roxas cansadas. Trabalho nº 29 da Conferência Nacional Algodoeira, São Paulo, 1935. Vol. II dos Anais: 31-40.

2 — **CHEVALIER,** G.: Essais de fumure du Cotonnier en Algerie. Anales de la Science Agronomique — Mai-Juin 1929.

3 — **PAIVA NETO,** J.A.: Considerações gerais sôbre a situação dos elementos químicos K, Ca, Mg, e Azôto nos três grandes tipos de solo, onde se assenta a nossa lavoura cafeeira. "Colheitas e Mercados" Janeiro de 1947: Ano III nº 1: 6-9.

4 — **PIERRE, W. H.** e **BOWER, C. A.:** Potassium absoption by plants as affected by Cationic Relationshps. "Soil Science" Jan. 1943 — Vol. 55 nº 1: 22-36.

5 — **SETZER,** José: Os solos do Estado de São Paulo. Rio de Janeiro 1949: 387.

6 — **WOOD,** R. Cecil: The Hungry of Potassium of Cotton. The Empinas 1935.

7 — **WOOD,** R. Cecil: The Hungry of Potassium of Cotton. The Empire Cotton Growing Review. Vol XV nº 1 — Janeiro 1938: 30

Rio de Janeiro, durante o mês de Abril de 1952

Resumos e Transcrições

REGULAMENTO DE EMBARQUES DE CAFÉ

SAFRA 1952 — 1953

Portaria nº 236, de 2 de junho de 1952

O Ministro de Estado dos Negócios da Fazenda, no uso de suas atribuições e de acôrdo com o disposto no art. 4º do Decreto-lei nº 9.784, de 6 de setembro de 1946, resolve adotar as seguintes normas para o escoamento da safra de 1952-53:

Art. 1º Os despachos de café no interior, com destino aos portos de exportação, serão feitos livremente.

Art. 2º Os cafés serão encaminhados aos respectivos portos de destino, a menos que o volume dos despachos ultrapasse a capacidade de escoamento no competente mercado de exportação, caso em que serão recolhidos a Armazéns ou Reguladores dos Estados de procedência, onde aguardarão a época em que tenham de ser liberados.

Art. 3º Todos os cafés recebidos a despacho deverão ser transportados pelas emprêsas ferroviárias, rodoviárias, marítimas ou fluviais, ou ainda por transportadores rodoviários, dentro de trinta dias a contar da data do despacho para os portos de destino ou armazéns de retenção, de acôrdo com as instruções da Divisão da Economia Cafeeira.

Art. 4º Os cafés destinados a portos de exportação, ou localidades que venham a ser fixadas pela Divisão da Economia Cafeeira, a serem transportados por quaisquer outros meios que não o ferroviário, estarão igualmente sujeitos à fiscalização à sua chegada ao destino. Tais cafés deverão ser recolhidos, por conta do consignatário, a armazéns de companhias de armazéns gerais indicados pelos Estados, as quais tenham satisfeito prévia e integralmente as condições que a Divisão de Economia Cafeeira estabelecerá, e, enquanto sua liberação não fôr autorizada, permanecerão intocáveis nos armazéns, à disposição da referida Divisão. Para os cafés de qualquer procedência, transportados por via rodoviária e destinados ao pôrto de Santos, êsse armazenamento se fará obrigatòriamente na Capital de São Paulo, sempre em armazéns das companhias de armazéns gerais.

§ 1º A fiscalização à chegada ao destino far-se-á pelos documentos emitidos pelas emprêzas transportadoras e guias ou talões de impostos ou taxas pagas aos Estados de proveniência do café, devidamente visado pelos Estados que mantêm no pôrto serviço oficial organizado.

§ 2º As companhias de armazéns gerais ficam obrigadas a comunicar, diàriamente, as quantidades dêsses cafés recebidos em seus armazéns, com tôdas as indicações necessárias e suficientes à sua identificação, à Divisão da Economia Cafeeira, bem assim a fornecer a esta as respectivas amostras fiéis para fins de fiscalização e conferência no ato da liberação.

§ 3º As companhias de armazéns gerais que se destinarem a receber êsses cafés ficarão sujeitas à fiscalização que a Divisão da Economia Cafeeira instituir.

§ 4º No caso de inobservância de qualquer dos dispositivos dêste Regulamento por parte de qualquer companhia de armazéns gerais, a Divisão da Economia Cafeeira proporá fundamentadamente ao Ministro da Fazenda a declaração de inidoneidade da infratora para fins de depósito de café à sua disposição.

§ 5º A declaração de inidoneidade ficará a critério exclusivo do Ministro da Fazenda e não prejudicará a aplicação de outras quaisquer penalidades previstas em leis ou regulamentos, inclusive neste.

Art 5º Qualquer que seja o meio de transporte utilizado, haverá uma única ordem cronológica para os efeitos da liberação dos cafés de um Estado.

Parágrafo único. Para os cafés despachados por estrada de ferro, tomar-se-á em consideração a data do despacho, e para os transportados por qualquer outro meio, a da entrada do café, no destino, no armazem da companhia de armazens gerais.

Art 6º É livre o transporte de café dentro do território nacional, ressalvadas as limitações de entradas nos mercados de exportação ou nas localidades que venham a ser determinada pela Divisão da Economia Cafeeira.

Art 7º As emprêsas transportadoras ficam obrigadas a remeter a Divisão da Economia Cafeeira relação das quantidades de café recebidas a despacho em cada uma de suas estações, em cada dezena de dias, discriminando:

a) o Estado de procedência; e

b) o pôrto de destino.

Essa remessa deverá ser feita, no máximo, até 8 (oito) dias após o encerramento da dezena respectiva.

Parágrafo único. O cancelamento de despacho destinado a pôrto de exportação, ou a alteração do destino primitivo, só poderá ser processado mediante prévia notificação à Divisão da Economia Cafeeira.

Art 8º Os Conhecimentos, Guias de Transportes e quaisquer outros documentos representativos de remessa de café para os portos de exportação estão sujeitos, obrigatòriamente, a registro no pôrto de destino.

§ 1º Os documentos sujeitos a registro, de que trata êste artigo, devem ser apresentados, para êsse fim, à Divisão da Economia Cafeeira, dentro do prazo de 60 (sessenta) dias a contar da data de sua emissão.

§ 2º A Divisão da Economia Cafeeira, ao lançar nesses documentos a anotação do registro, apor-lhes-á um carimbo com os dizeres: Safra 1952-1953.

Art 9º Fica estabelecido o regime de cotas estaduais de liberação para todo o território nacional. A quantidade de café a ser liberada nos mercados dos portos nacionais para a formação de estoques destinados à exportação será proporcional à produção de cada Estado apurada pela Divisão da Economia Cafeeira.

Art 10º Na safra 1952-53, os Estados Cafeeiros poderão liberar mensalmente nos portos de exportação as seguintes quantidades:

Estados	Julho a dezembro 1952	Janeiro a Junho 1953	Julho a dezembro 1952 Mensal	Janeiro a Junho 1953 Mensal
São Paulo				
Paraná	4.320.000	2.880.000	720.000	480.000
Mato Grosso	2.580.000	1.720.000	430.000	286.700
Goiás	3.600	2.400	600	400
Minas Gerais	18.000	12.000	3.000	2.000
Espírito Santo	1.312.500	787.500	218.750	131.250
Rio de Janeiro	750.000	450.000	125.000	75.000
	187.500	112.500	31.250	18.750

§ 1º As cotas de liberação dos Estados Cafeeiros não indicados no quadro supra serão atribuídas e distribuidas pela Divisão de Economia Cafeeeira.

§ 2º As cotas mensais de liberação atribuídas a cada Estado não poderão ser antecipadas, podendo entretanto ser recuperadas nos meses subseqüentes.

Art. 11º Sujeitas aos reajustamentos mensais indicados pelo encaminhamento da produção aos diversos portos, conhecido através dos registros de que trata o art. 8º e divulgado pela Divisão da Economia Cafeeira, as cotas estaduais em cada mês ficam assim distribuídas:

Portos	Julho a dezembro 1952	Janeiro a Junho 1953
São Paulo:		
Santos	690.000	460.000
Rio	24.000	16.000
Angra dos Reis	6.000	4.000
Minas Gerais:		
Rio e Angra dos Reis	201.250	120.750
Santos	10.900	6.500
Vitória	6.500	3.900
Paraná:		
Paranaguá	400.000	265.000
Santos	25.000	15.000
Rio	5.000	6.700
Espírito Santo:		
Rio	83.333	50.000
Vitória	41.667	25.000
Rio de Janeiro:		
Rio, Niterói e Angra dos Reis	31.250	18.750

Parágrafo único. Para efeito de liberação, a ordem cronológica será respeitada com a tolerância máxima de 9 (nove) dias, dentro dos despachos efetuados na respectiva dezena de dias. Assim, em relação aos cafés despachados entre os dias 1 e 10 de um mês, a liberação poderá abranger, indistintamente, qualquer dos despachos efetuados dentro dêsse período.

Art. 12º Os cafés despachados com a indicação de serem "Despolpados" terão encaminhamento direto aos portos de exportação, com preferência no transporte. Sua liberação, entretanto, ficará sujeita a expressa determinação da Divisão da Economia Cafeeira, que a autorizará, depois de verificar que foram satisfeitos os seguintes requisitos:

a) Colheita em cereja;
b) boa seca;
c) Côr e torração uniforme e características;
d) tipo não inferior a 4 (quatro), em média de cada lote;
e) bebida característica.

§ 1º Em cada partida, serão tolerados, para efeito de liberação, até 20% (vinte por cento) de chatinhos, moquinhas e miúdos, desde que preencham tôdas as características supra referidas, exceto o tipo.

§ 2º Não gozarão de preferência na liberação os cafés macerados (colhidos sêcos).

§ 3º No caso de não preenchimento dos requisitos de que trata êste artigo e seu § 1º, os cafés serão recolhidos a armazém de companhia de armazéns gerais, à disposição da Divisão de Economia Cafeeira, por conta do consignatário, e sua liberação se dará como se fôsse café comum. E o mesmo ocorrerá com os cafés macerados.

Atr. 13º As emprêsas transportadoras só poderão admitir a despacho cafés acondicionados em sacaria marcada, que evite tôda a possibilidade de confusão e concorde perfeitamente com as indicações do respectivo Conhecimento ou Guia de Transporte.

Atr. 14 Às emprêsas transportadoras que emitirem conhecimento sem o efetivo recebimento dos cafés declarados nesses documentos, será aplicada a multa de cinquenta cruzeiros (Cr$ 50,00) por saca, e do dôbro em caso de reincidência, multas essas previstas no Regulamento de Embarques de 28 de junho de 1946, aprovado pelo Decreto-lei nº 9.410, da mesma data. Em igual penalidade incorrerão as pessoas físicas ou jurídicas coniventes na infração.

Art. 15º A infração aos dispositivos dêste Regulamento dará lugar à imposição de multas de um cruzeiro (Cr$ 1,00) a dez cruzeiros (Cr$ 10,00) por saca de café, calculada sôbre o total da remessa a que se referir a infringência, multas essas previstas no Regulamento de Embarques de 28 de Junho de 1946, aprovado pelo Decreto-lei nº 9.410, da mesma data.

Art. 16º As infrações nos dispositivos dêste Regulamento serão apuradas, nos têrmos da legislação vigente, em processos administrativos, que serão iniciados com autos de infração.

§ 1º Desde que contenham elementos suficientes para a caracterização das infrações a que se refiram, os autos de que trata êste arti-

go não serão anulados nem por falta de outros elementos, nem pelo descumprimento de qualquer formalidade.

§ 2º Terá o autuado, para se defender, o prazo de 30 dias úteis, contando de sua ciência ou da publicação oficial do edital para sua intimação.

§ 3º Concluída a instrução do processo, a Divisão da Economia Cafeeira o encaminhará, com seu relatório e conclusões, ao Ministro da Fazenda, ao qual competirá julgá-la.

Art. 17º Os despachos da safra de 1952-1953 terão início a 1 de julho de 1952 e terminarão a 30 de abril de 1953.

REPRESSÃO AS ESPECULAÇÕES QUE VISEM BAIXAR O PREÇO DO CAFÉ

Ao encerrar-se a Conferência dos Estados Cafeeiros, o sr. Horacio Lafer, ministro da Fazenda, falando aos representantes dos Estados produtores, acentuou, entre outras considerações, o seguinte: "O financiamento não faltará. Onde estiver o café, aí estará o govêrno para fornecer os recursos necessários para o seu financiamento. A atitude do govêrno brasileiro em relação ao preço do café, tem sido de consideração em face da situação estatística excepcional. Não abre mão, entretanto, o govêrno, do direito de pretender pelo café preço que permita fazer face ao pagamento dos produtos importados, cujos valores continuam a crescer. Não permitirá, pois, o govêrno, especulações visando a baixa dos preços do café, e, para alcançar o seu objetivo, o governo brasileiro não regateará esforços nem recursos".

(Do "Diário de S. Paulo", de 31-5-52)

---o---

NOVOS CAFÈZAIS EM TERRAS VELHAS

Cerca de vinte e um adiantados lavradores mineiros dos municípios de Guaxupé e Guaranésia estiveram há poucos dias em nosso Estado, com o fito de conhecer algumas fazendas paulistas da região de Campinas, Vinhedo e Jundiaí e nelas apreciar o intenso trabalho, empreendido desde há alguns anos, de recuperação das terras agrícolas consideradas "velhas ou esgotadas". Nessa região, há pelo menos trinta grandes propriedades agrícolas que, exploradas por atividades rurais especializadas, passaram a assistir à combinação da pecuária com à lavoura, imposta pela urgência de se restaurar o solo e colocá-lo em pé de igualdade com o de propriedades localizadas em zonas novas.

A princípio essa combinação baseou-se na avicultura e na criação do gado leiteiro. Ao mesmo tempo que instalavam modelares granjas leiteiras e avícolas, os proprietários daquela região cuidaram de formar pastagens e outros cultivos, em consonância com as normas de conservação e restauração do solo, de modo que, paralelamente com as forrageiras indispensáveis às aves e vacas, fôsse possível ter plantas que enriquecessem as terras. Assim o grandu, a mucunã, a alfafa e a soja vêm sendo empregados em proporção crescente, e é bem provável que já se aproxime de alguns milhares de alqueires a área coberta com tais leguminosas nesse grupo de fazendas e sítios a que nos referimos. A formação de granjas avícolas e leiteiras, que cobriram de pastagens as áreas desnudas e levantaram assim uma barreira contra a erosão, ao mesmo tempo que introduziam leguminosas enriquecedoras do solo, constituiu a primeira fase do trabalho. A segunda consistiu no aproveitamento do estrume produzido pelas vacas leiteiras e galinhas e transformado em adubo orgânico "composto". Êste já é agora preparado e apli-

cado, em volume variável, nas fazendas dos srs. Luís Emanuel Bianchi, Carlos Aranha, família Júlio Mesquita, Antonio Bento Ferraz, Eliseu Teixeira de Camargo, Dario Freire Meirelles, Rolim Teles e outros. Cuidam também vários proprietários de construir barragens, perfurar poços artesianos e promover, assim, a irrigação dos cultivos, senão o armazenamento da água que, infiltrando-se no solo, auxilia a matéria orgânica na fertilização das terras.

Alguns aspectos dessa obra já foram por nós analisados no estudo, que fizemos, do trabalho de recuperação que se processa na Fazenda Rio da Prata, do sr. Carlos Aranha, credor, por êsse motivo, dos louvores de Louis Bromfield. Nessa fazenda, a criação de gado leiteiro, a de porcos e a de galinhas estão de tal forma entrelaçadas com as lavouras de algodão de milho, de alfafa, de grandu, da mucunã, de quiabo e de várias outras, que a Fazenda — antes propriedade deficitária — está hoje dando lucros que permitem a construção de obras de recreio e bem-estar tanto para os proprietários como para as famílias dos trabalhadores.

Acentuamos também o admirável espetáculo proporcionado pela Fazenda Paraiso, hoje um dos maiores senão o maior aviário da América Latina, cujo proprietário, após organizar seus modelares galinheiros, onde são criadas centenas de milhares de galinhas híbridas, passou a cuidar também da lavoura. Ultíma agora o plantio de 100.000 cafeeiros, dos quais alguns milhares já deram suas primeiras colheitas na mesma proporção das plantas de zonas novas. Outras grandes fazendas da região ostentam cafèzais bem enfolhados e com cargas colossais. E' admirável que se haja assim restaurado a produtividade de terras abandonadas após uma exploração ininterrupta de cento e cinquenta anos, com com café, cana-de-açúcar, milho e várias outras plantas econômicas. A aducação orgânica e a verde, o combate à erosão, o plantio de variedades selecionadas e outras práticas modernas, aconselhadas pela ciência agronômica, respondem pelo milagre. Acredita-se que já existem nesse pequeno núcleo um milhão de novos cafeeiros, alguns plantados o ano passado e distribuidos por cerca de trinta propriedades, em pequenas lavouras de 15, 30 e até 100 mil plantas. E' êste o exemplo máximo de formação de novos cafèzais em terras velhas integralmente restauradas. A lição é dada em solo pátrio, no massapé e salmourão de uma região, famosa, cheia de tradição e prestígio na vida rural brasileira.

(Do "Estado de S. Paulo", 6-6-1952)

———o———

A Cafelândia Paranaense abriga quase a metade da população do Estado

Benedito Barbosa Pupo

O Paraná registrou no decênio 1940-1950, com o incremento demográfico de 73, 87%, o maior aumento de população de que se tem conhecimento na sua história, dobrando quasi o número de seus habitantes. Ao café, que trouxe para as terras roxas do Setentrião, imensa massa humana que emigrou das terras cansadas de São Paulo e Minas, deve-se, principalmente, êsse considerável aumento da população do Estado.

Comparando-se os dados do Censo de 1940 com os resultados preliminares de 1950, verifica-se que houve um acréscimo de 913.233 habitantes em todo o Estado, sendo que o Norte concorreu para êsse aumento com mais de 600.000, assim distribuidos: zona de Tomazina, 11.484; zona do Norte, 327.239; zona do Ivaí, 312.471 e mais o aumento das populações dos municípios de Araiporanga, 4,726; Congonhinhas, ... 10.067 e Curiuva, 4.983, que pertecem à zona do café.

Em virtude, pois, da colonização intensa desta riquíssima região, o Paraná teve o seu índice de densidade média de população, elevado de 6,16 habitantes por quilômetro quadrado, para 10,71.

Com o afluxo de gente para o Paraná em busca das terras do Norte e do Oeste, como também das que se localizam na região Sul, especialmente na zona de Toledo e Pato Branco, a população do Estado continua crescendo em rítmo acelerado.

O quadro abaixo apresenta a situação do Estado, por ocasião dos 6 recenseamentos realizados a partir de 1872: (1):

1872	126.722
1890	249.401
1900	327.136
1920	685.711
1940	1.236.976
1950	2.149.949

(1) Dados colhidos na Sinopse Preliminar do Censo Demográfico, do S.N.R.

Em 1940 a população do Estado correspondia a 3% do total do País e em 1950, essa taxa subiu para 4,08%. O Paraná concorreu com 8% do total, do aumento da população brasileira, pois enquanto o crescimento do País foi de 11.409.164 o do Paraná foi de 913.233.

É assás significativo o fato de o Paraná ser entre as Unidades da Federação, a que maior incremento demográfico teve entre 1940 e 1950. Apresentando a elevada taxa de 73,87%, muito acima da média do País (27,67%), o nosso Estado está em 1º lugar, seguido por Goiás, com 49,41%. Quanto ao aumento absoluto de população, sua posição é o 4º lugar: São Paulo, com 2.062.294 habitantes; Minas Gerais, com 1.103.376, Bahía, com 982.307 e Paraná, com 913.233.

SITUAÇÃO DEMOGRÁFICA DO PARANÁ EM 1950

Pelo trabalho elaborado em abril de 1951, com os dados preliminares do último Censo, o Departamento Estadual de Estatística mostranos a situação em 1º de julho de 1950:

Zonas	Municípios	Superfície	População	Densidade
Do Litoral	5	6.687,0	58.258	8,71
Do Alto da Ribeira	3	6.578,9	52.737	8,02
Do Planalto de Curitiba	7	6.296,1	284.542	45,19
Dos Campos Gerais	9	17.088,2	223.508	13,08
De Tomazina	7	4.462,3	80.626	18,07
Do Norte	21	15.694,8	542.519	34,57
Do Tibagí	5	15.996,6	116.333	7,27
De Iratí	11	14.054,8	209.083	14,88
De Guarapuava	6	68.181,8	208.611	3,06
Do Ivaí	6	46.210,4	372.732	8,06
TOTAL DO ESTADO	**80**	**201.250,9**	**2.148.949***	**10,67**

Fato interessante é o da Zona Norte apresentar densidade demográfica pouco inferior (34,57) a do Planalto de Curitiba (45,19), considerando-se a diferença da idade de ambas, pois como se sabe o povoamento da primeira se iniciou apenas no último quartel do século passado.

A CONTRIBUIÇÃO DO NORTE NO AUMENTO DA POPULAÇÃO DO ESTADO

Para que os leitores tenham uma idéia clara do que ocorreu no decênio 40-50, em cada zona fisiográfica do Paraná, nada melhor do que um paralelo entre a situação dos Estados época dos dois censos.

As zonas de Ivaí e do Norte colocam-se em primeiro e segundo lugares, revesando-se quanto à taxa de incremento e o aumento absoluto. A do Ivaí ocupa o 1 lugar quanto ao incremento com a elevadíssima taxa de 518,59% de aumento de população, em relação a 1940, colocando-se em 2º, quanto ao crescimento absoluto da população, que em 1940, era de 60.261 almas e em 50, subiu para 372.732, portanto, com o acréscimo de 312.471 habitantes. À zona do Norte que ocupa o 2º lugar, com 152% no incremento, cabe o 1º lugar, no aumento efetivo,

(*) Como se sabe os dados coletados em cada Unidade da Federação, são remetidos para o Serviço Nacional do Recenseamento. Êsses dados estão sujeitos, portanto, a modificações. Não estranhe, pois, o leitor as pequenas divergências dos dados provindos das duas fontes, como os referentes à população: 2.148.949, no D.E.E. e 2.149.509 no S.N.R. É que o último se refere já a uma fase mais adiantada dos trabalhos de apuração.

com 327.239 habitantes de diferença entre um censo e outro, pois em 1940 sua população era de 215.280 habitantes e em 1950, de 542.510.

Essas duas zonas são as únicas que apresentam taxas acima de 100% e da média do Estado, que é de 73,8%, pois a zona de Guarapuava, a 3ª colocada, alcançou apenas 70,3%.

Uma advertência deve ser feita aos leitores, com referência à zona Norte, que no mapa está assinalada pelo número 6. Compreendendo 21 unidades, ela abrange municípios em pleno florescimento como os de Londrina, Cornélio Procópio, etc., etc. e outros cujo crescimento é mais lento, porque já passaram a fase do desbravamento.

Examinando os três quadros demonstrativos que a seguir apresentamos, referentes às três zonas integrantes da cafelândia paranaense, o leitor verificará que a Zona 5, denominada de Tomazina está pràticamente estacionária, enquanto a 10, de Ivaí está em plena fase de crescimento. Quanto á Zona 6, do Norte, alguns dos seus 21 municípios tiveram sensível aumento de população, enquanto outros acusaram pequeno aumento, havendo mesmo um, Ribeirão Claro, cuja população aparece menor, em 1950, do que em 1940. Entretanto, apesar dessa circunstância, de contar com municípios estacionários a Zona do Norte foi o que acusou maior aumento de população absoluta entre as dez zonas fisiográficas em que se divide o Paraná.

Êsse fato se explica, levando-se em conta que nela estão incluidos municípios novos que acusaram notável crescimento, o que compensou a pouca vitalidade dos localizados no chamado "**Norte velho**."

Zonas	1940	1950	Diferença
6 — ZONA DO NORTE	215.280	542.519	327.239
Abatiá	4.381	10.834	
Andirá	11.269	18.778	
Assaí	8.186	31.583	
Bandeirantes	12.123	28.214	
Bela Vista do Paraiso *	—	24.191	
Cambará	16.343	19.963	
Cambé	9.674	19.350	
Cinzas	4.806	7.412	
Cornélio Procópio	19.907	56.826	
Ibiporã	6.425	19.690	
Jacarezinho	24.528	34.668	
Jaguapitã	—	39.658	
Jataizinho	2.826	13.822	
Londrina	30.278	72.144	
Porecatú *	—	25.340	
Ribeirão Claro	13.423	13.303	
Ribeirão do Pinhal	4.835	9.991	
Santa Mariana	6.550	15.627	
Snto Antônio da Platina	17.169	25.632	
Sertanópolis	22.557	36.467	
Uraí *	—	19.026	

Os 6 municípios componentes da "Zona do Ivaí", abrangendo 46.210,4 Kms2 ao todo, aparecem com as seguintes populações:

Zonas	1940	1950	Diferença
10 — Zona do IVAÍ	60.261	372.732	312.471
Apucarana	12.751	89.297	
Arapongas *	—	58.932	
Campo Mourão	11.964	32.675	
Mandaguarí *	—	101.724	
Pitanga	12.953	55.463	
Rolândia	22.593	34.641	

A zona primitiva do café, designada por Zona de Tomazina, compreende 7 municípios. Seu crescimento em 10 anos, não foi acentuado. De 69.142 em 1940 passou a 80.626 em 1950, havendo apenas um aumento de 11.484. A taxa de incremento, 16,6%, foi das 3 mais baixas observadas em todo o Estado. Apenas o Litoral e a Zona de Iratí lhe levaram a palma:

Zonas	1940	1950	Diferença
5 — ZONA DE TOMAZINA	69.142	80.626	11.484
Carlópolis	6.516	6.799	
Ibaití	7.029	10.653	
Joaquim Távora	9.341	10.634	
Quatiguá	3.992	4.784	
Siqueira Campos	12.027	13.283	
Tomazina	17.783	20.522	
Venceslau Brás	12.454	13.951	

A Zona de Tibagí com 15.996 Kms2 inclui 5 municípios, três dos quais estão no Norte: Araiporanga, Congonhinhas e Curiuva, cujas populações somadas perfazem 40.559 habitantes em 1950 contra 20.683 em 1940. Êsses 3 municípios concorreram, portanto, com 19.876 habitantes a mais. A zona de Tibagí apresenta a taxa de 40,6%.

As zonas que tiveram mais baixo índice, foram as do Litoral e a de Iratí. A do Litoral, aumentando apenas de 4.572 habitantes, acusou apenas 8,5% e a zona de Iratí, com 18.379 habitantes de acréscimo em 10 anos, acusou, 9,6%.

* Êstes municípios não apresentam dados sôbre população em 1940 porque nessa época ainda não figuravam nem como distritos na divisão administrativa do Estado. Em 1943, foram criados os distritos de Jaguapitã, Porecatú e Uraí, pertencentes, os dois primeiros ao município de Sertanópolis e o último ao de Assaí. Em 1947, foram criados os 4 municípios assinalados sendo que, Bela Vista do Paraiso elevou-se de povoado, diretamente à categoria de município, desmembrando-se de Sertanópolis.

As demais zonas pequenas alterações sofreram na sua situação demográfica.

Em 1950, por ocasião do censo, a população do Norte abrangia já quasi metade da população do Paraná, acusando 1.036.436 habitantes, enquanto que no resto do Estado, se registravam 1.112.513 habitantes.

MUNICÍPIOS, CIDADES E VILAS MAIS POPULOSOS

Quanto aos centros urbanos — cidades e vilas — com mais de 5.000 habitantes, a nossa região conta com 10 dos 20 que existem no Estado, nessas condições. A Sinopse Preliminar do Censo Demográfico apresenta-nos uma relação das 488 cidades e vilas brasileiras com população superior a 5.000 habitantes, por ocasião do último censo, de 1.º de julho de 1950, entre as quais se acham classificadas as nossas 19 cidades e uma vila.

Curitiba, com seus 141.349 habitantes, está em primeiro lugar, ocupando o 11.º lugar na ordem de colocação no País, Ponta Grossa e Londrina seguem-se à capital, com 44.130 e 33.707 habitantes, ocupando no País os 40.º e 54.º lugares, respectivamente.

O 4.º lugar da classificação no Estado cabe a Paranaguá, com 16.046 habitantes. Veem depois 5 cidades do Norte, 5.º ao 9.º lugares. São elas: Apucarana, com 12.054 habitantes; Arapongas, com 11.787; Cornélio Procópio, com 8.831; Jacarezinho, com 8.343 e Rolândia, com 7.959.

Do 10.º ao 20.º lugares, as 11 localidades restantes estão assim classificadas: Rio Negro, com 7.848 habitantes; União da Vitória, com 7.809; Maringá, com 7.389; Iratí, com 7.187; Cambé, com 6.605; Mandaguarí, com 6.471; Castro, com 6.316; Cambará, com 6.108; Guarapuava, com 5.657; Lapa, com 5.473 e Antonina com 5.182.

Dessas, Maringá, Cambé, Mandaguarí e Cambará, estão no Norte. A primeira foi a única vila paranaense que acusou mais de 5.000 habitantes por ocasião do Censo, ocupando o 319.º lugar, na colocação dos centros urbanos mais populosos do Brasil e o 12.º do Estado. Segundo o D.E.E., o distrito todo tinha 40.413 habitantes e sua densidade era de 11,92 habitantes por quilômetro quadrado.

Maringá, como se sabe, é uma das localidades mais novas do Paraná, pois conta apenas com 5 anos de vida. Entretanto, tal tem sido o afluxo de gente para alí, que a vila cresceu espantosamente nesse curto lapso, como se verifica pela estatística demográfica que apresentamos.

Dos 172 municípios brasileiros que o Censo acusou, com mais de 50.000 habitantes 10 pertencem ao Paraná, sendo que 6 dêles se acham na nossa região: Mandaguarí, Apucarana, Londrina, Arapongas, Cornélio Procópio e Pitanga.

As populações dêsses 10 municípios assim se classificaram na apuração: Curitiba, com 183.863 habitantes; Mandaguarí, com 102.587; Apucarana, com 89.297; Londrina, com 72.144; Guarapuava, com

*) Arapongas, distrito de Rolândia em 1943 e município em 1947; Mandaguar., distrito de Apucarana em 1943 e município em 1947.

68.081; Arapongas, com 58.846; Cornélio Procópio, com 56.826; Pitanga, com 55.463, Ponta Grossa, com 54.838 e Clevelândia com 54.271.

Pelo quadro comparativo das populações do Paraná, em 1940 e 1950, elaborado pelo Departamento Estadual de Estatística, o leitor pode conhecer a situação de cada uma das dez zonas fisiográficas, em particular, referente à população absoluta, diferença desta entre um censo e outro e incremento:

COMPARATIVO DA POPULAÇÃO DO PARANÁ, SEGUNDO AS ZONAS FISIOGRÁFICAS — 1940-1950

ZONAS	POPULAÇÃO		DIFERENÇA	
	1940	1950	Absoluta	%
1 Litoral	53.686	58.258	4.572	8,5
2 Alto da Ribeira	44.473	52.737	8.264	18,6
3 Planalto de Curitiba	216.738	284.542	67.804	31,3
4 Campos Gerais	180.760	223.588	42.748	23,7
5 Tomazina	69.142	80.626	11.484	16,6
6 Norte	215.280	542.519	327.239	152,0
7 Tibagí	82.715	116.333	33.618	40,6
8 Iratí	190.704	209.083	18.379	9,6
9 Guarapuava	122.517	208.611	86.094	70,3
10 Ivaí	60.261	372.732	312.471	518,5
ESTADO	1.236.276	2.149.029	912.673	73,8

Queremos frizar aos nossos leitores, que esta reportagem não apresenta a situação no momento presente, mas a do dia 1.º de julho de 1950. De lá para cá muita modificação já houve no campo demográfico, principalmente nas zonas; como a nossa, onde o movimento migratório é intensíssimo.

O ASPECTO POLÍTICO, ECONÔMICO E SOCIAL DO NORTE DO PARANÁ

Essa imensa massa humana que se deslocou de outras paragens, para fixar-se no Norte do Paraná, se concorreu, por um lado, para a prosperidade, criou por outro, para os administradores problemas sérios, que reclamam soluções prontas e adequadas. Os governos, ante o progresso vertiginoso da região, não têm podido seguir passo a passo êsse avanço e dotar as cidades e vilas que se vão formando, com todos os melhoramentos de que necessitam, porque a máquina administrativa

ainda não se ajustou ao rítmo exigido pela vida intensa da rica região paranaense.

Estradas, escolas, saúde pública, assistência técnica e financeira à produção, são problemas que reclamam a atenção dos responsáveis pelo futuro do Paraná. Felizmente, se êsses problemas, não dizemos apenas da região, mas do Paraná e do Brasil, — não foram ainda resolvidos, pelo menos vêm já merecendo as atenções de nosso atual Governador. Dando o máxima importância à nova fase da vida paranaense criada com o advento do "ciclo do café", o Dr. Bento Munhoz da Rocha Neto estuda todos os problemas decorrentes da nova situação, buscando soluções práticas e adequadas.

O "Plano Rodoviário", do qual já demos amplos detalhes em nosso número anterior; a "Carteira de Crédito Rural" do Banco do Estado do Paraná; o auxílio financeiro que êste estabelecimento de crédito vem prestando à região; a instituição da "Casa Rural" e muitos outros serviços, são provas evidentes do sentido do govêrno do Dr. Munhoz da Rocha Neto, que deseja, em definitivo, incorporar, social, econômica e políticamente, o Norte do Paraná ao Estado, entrosando-o com a Capital e demais regiões. Essa política de fortalecimento do Norte, valorizando-o como faz Sua Excia., no momento, é das mais benéficas para o Estado, que, com isso, também se fortalece para cumprir o seu glorioso destino dentro do Brasil.

PRECEITO DO DIA

FEBRE TÍFICA E LEITE

O leite pode conter o germe da febre tífica. Mãos do ordenhador, vasilhame, adjunção dágua, moscas etc., são as causas mais comuns dessa contaminação. A fervura destrói os micróbios que se encontram no leite.

Só beba leite que tenha sido fervido. — SNES.

Lavouras intensivas em terras restauradas apresentam altos rendimentos na região de Campinas

ENTRELAÇAMENTO DA AVICULTURA COM A EXPLORAÇÃO CAFEEIRA

Métodos agrícolas racionais e científicos em aplicação na Fazenda São Pedro e outras daquele município — Leite, fruticultura e indústrias rurais como atividades complementares

Texto de EUCLIDES A. DE OLIVEIRA JUNIOR

Aqueles que se filiam à corrente defensora do ponto de vista de que a agricultura econômica se faz apenas em terras novas, virgens, dencansadas, onde a mata recém-derrubada preservava o solo contra os sulcos da erosão e mantinha intacta as suas reservas de fertilidade, sofreriam tremenda desilusão se tivessem participado da visita que um grupo de lavradores e técnicos agrícolas, sob o patrocínio da Sociedade Rural Brasileira, levou a efeito, dias atrás, às fazendas do srs. Antônio Bento Ferraz, Mário Rolim Telles e Dario Freire Meireles, situadas no município de Campinas.

CONVICÇÃO NOS PRINCÍPIOS DA CIÊNCIA AGRÍCOLA

Região onde a agricultura é praticada há mais de dois séculos, que já teve a sua época áurea como centro de primeira grandeza no cenario da produção rural do país, de onde se irradiou o contágio formador dos imensos cafèzais da privilegiada zona da Mogiana, de onde partiram para o sertão, em direção ao Norte e ao Noroeste do Estado, os trilhos da Cia. Paulista de Estrada de Ferro, Campinas parecia, até recentemente, fadada a viver de suas tradições, que são belas e são exemplares, mas que lhe não conferiam e à sua gente o fastígio de uma riqueza permanente e a garantia de um promissor futuro. No entanto, se as suas reservas de ordem material não se afiguravam tão atraentes como aquelas entrevistas nas chamadas zonas novas do sertão além-parapanema, Campinas possuia ainda reservas humanas de grande valor, formadas nos troncos ilustres das suas gerações passadas e que, como estas mesmas, conservavam no mesmo alto grau o espírito de luta, a fibra da resistência, a destinação do empreendimento contra tudo e contra todos. E foram essas reservas, homens dotados de tais caracteristicos, que empreenderam a primeira batalha realmente séria contra as deficiências do solo. Estavam lutando pela defesa de um patrimônio que era seu, é verdade. Contavam, além disso, com a orientação preciosa dos ensinamentos colhidos no mais impor-

tante órgão de pesquisas científicas da agricultura na América Latina, que é o Instituto Agronômico, que, ali mesmo, em Campinas, está situado por uma feliz coincidência. Eram, pois, as armas dessa batalha: a ciência agrícola aliada à convicção nos seus princípios, já comprovados, aliás, nos países mais adiantados do mundo.

RESTAURAÇÃO DA TERRA

No grande e patriótico trabalho de restauração da terra, Campinas vem, pode-se dizer, se constituindo assim numa zona pioneira, como outrora pioneira foi em numerosas outras iniciativas da maior expressão. Mercê do resultado das experimentações levadas a efeito pelos especialistas e técnicos daquela instituição agronômica, homens como Bento Ferraz, Eugenio Bellotti, Mario Rolim Telles, Dario Meireles e vários outros, campineiros de tradição ou forasteiros enfeitiçados pela "Princesa d'Oeste", iniciaram o trabalho de restauração das terras e do que restava das antigas lavouras de café. Adubos, reflorestamento, práticas de defesas do solo, como curvas de nível, cordões de contôrno, terraceamento, novos plantios cortando as águas, novos espaçamentos, novas linhagens de plantas, foram empregados em grandes áreas cultiváveis ou cultivadas. De outra parte, procurou-se aliar a exploração agrícola e pecuaria numa só propriedade, de modo a tornar sempre mais econômico o custo do fertilizante. Este, que a princípio era apenas o estrume de boi, a que se acrescentavam apenas adequadas percentagens de adubos químicos, veio a ser depois reforçado pelo guano da galinha e pela potassa das cinzas do eucalípto, tudo obtido da forma mais racional possível em face dos apreciáveis lucros deixados pela granja avícola e pelo aproveitamento industrial da lenha. Desse modo, o aspecto que já tem hoje algumas propriedades agrícolas do vizinho município é o mais promissor possível no que respeita ao seu valor como objetivo de atividade econômica.

PROVENTOS INVEJÁVEIS

Por exemplo: numa propriedade de 300 alqueires, pequena diante das imensas extensões territoriais, quer das fazendas paulistas antigas, quer de algumas áreas cultivadas de outros Estados, o sr. Mario Rolim Telles, aplicando um sistema de exploração intensiva mas científica da terra, consegue obter atualmente proventos comparativamente invejáveis para a maioria dos proprietários do Norte do Paraná. Senão vejamos, alinhando os dados e cifras que conseguimos apurar: 100 alqueires de pastagens destinadas ao gado produtor de leite "B", cuja renda é suficiente para o pagamento do pessoal, rações, luz e força utilizadas nesse setor, proporcionando ainda um lucro representado pela produção de bezerros e esterco. 40 alqueires plantados com canavial, destinado à futura usina de açúçar que se destinará à fabricação de doces de diversos tipos em escala industrial. 60 alqueires com plantação de eucalíptos, num total de 360.000 árvores, que alimentam os fornos de uma grande cerâmica, produtora de 250.000 telhas por

mês. Eis aqui outra indústria típica de zona rural próxima de grandes centros e bastante rendosa. 25 alqueires plantados com café "Bourbon 370", linhagem selecionada pelo Instituto Agronômico, no espaçamento de 3 x 3,70 mts., num total de de 50.000 pés, sendo 30.000 de pouco mais de 2 anos e 20.000 de 1 ano. Com a adubação fornecida pela própria fazenda, o seu custo de formação e trato foi consideravelmente reduzido, estando orçadas as despesas com a lavoura de 2 anos, até 30 de dezembro do ano finpo, em Cr$ 6,00 por pé. Esta lavoura já dará neste ano a sua primeira safra, avaliada em 20 arrobas por mil pés, ou seja, cerca de Cr$ 5,00 por pé, cobrindo já boa parte daquelas despesas.

GRANJA AVÍCOLA

A principal atividade da fazenda é, porém, no momento, a exploração, avícola. Possui 10.000 galinhas poedeiras, sendo 7.000 da raça "New Hampshire" e 3.000 da raça "Leghorns", aves originárias dos Estados Unidos e altamente selecionadas, produzindo durante o ano a média diária de 4.000 ovos. Orçando-se em Cr$ 5,00 com alimentação e Cr$ 1,00 com o trato as despesas mensais, por unidade-ave, a venda dos ovos proporciona renda líquida apreciável. Esta renda é, entretanto, ainda consideravelmente elevada, pois que parte dos ovos é separada para incubação na própria granja, onde uma unica chocadeira, com capacidade para 32.000 ovos, permite a obtenção, em cada 21 dias, excluindos os inférteis e gorados, a media de 20.000 pintos. Mas a granja se dedica também à engorda de frangos, com que obtem um lucro adicional, descontados o valor do frango e as despesas com a sua alimentação durante três mêses, isto é, até à epoca do corte. A criação das galinhas poedeiras é feita em barracões especiais, construidos acima do nível do solo, com pisos de sarrafos, tetos de telhas e paredes de alvenária e telas de arame, o que isola as aves de qualquer contacto transmissor de doenças e possibilita o aproveitamento do seu escremento, que é considerado o mais valioso e completo adubo orgânico. Cada galinha produz, por ano, 20 quilos de esterco, equivalendo dizer que a sua produção total atinge anualmente a 200 toneladas. Não é porem, esse adubo vendido, embora encontrando elevados preços no mercado, onde é grandemente disputado. É ele inteiramente aproveitado na própria fazenda, notadamente nas lavouras de café, à razão de 1 quilo por pé, por ano. A sobra, uma vez que o número de cafeeiros a adubar é, como vimos, de 50.000, é aplicada, em grandes doses, na adubação de arvores frutiferas e outras culturas. Cumpre acentuar que, nestas condições, a fruticultura proporciona também apreciáveis rendas à fazenda. A laranja lima, de que há uma plantação de 7.000 pés, produziu, neste ano, a média de 3 caixas por pé como resultado desse método de adubação intensiva.

APROVEITAMENTO PELA POLICULTURA

Tentamos, nesta exposição, dar ao leitor uma idéia de quanta atividade diferente se pode exercer numa só propriedade agrícola total-

mente e racionalmente explorada. Poderá ele verificar também que a policultura, a agro-indústria e a lavoura intensiva, como ficou demonstrado, possibilitam o rendimento máximo pelo máximo dos recursos de uma propriedade agrícola, entrelaçados e aliados com inteligência, bom senso e métodos científicos. Tal é o caso da fazenda do sr. Mário Rolim Telles, que, conforme verificamos, ainda está em fase de organização, que promete ser ainda mais perfeita. Não é outra coisa que se faz nos países mais adiantados, como nos Estados Unidos, onde a renda por área de terra aproveitada encontra poucos paralelos entre nós. E não se tratam lá, como no caso da presente propriedade agricola, de terras virgens e descansadas. Ao contrário. Só então que se pode avaliar o quanto pode o homem contra a natureza e o quanto pode significar esta conclusão para a luta contra o problema do afastamento cada vez maior dos grandes centros populosos das fontes de produção agrícola.

O caso do sr. Mário Rolim Telles foi aqui detidamente analisado pelo elevado número de explorações econômicas levadas a efeito numa mesma propriedade. Porem, quanto ao rendimento, é de se acreditar, pelo que se viu da visita a outras propriedades do mesmo município, durante a concentração promovida pela Sociedade Rural Brasileira, que ourtas propriedades não lhe fiquem atrás, pois que idênticos métodos de agricultura cientifica e organizada são nelas empregados. O sr. Antonio Bento Ferraz, em sua Fazenda São Bento, onde se didica a fundo à fruticultura, plantou nada menos de 600.000 pés de eucalíptos e colhe este ano 80 arrobas por mil pés numa lavoura de 40.000 pés de café de 37 anos de idade, o que é, para o próprio Estado de São Paulo, médio excelente. Possui ainda mais de 40.000 pés de café com 2 anos.

O sr. Dario Meirelles, proprietário da Granja São Martinho, também visitada, com 500 alqueires, possui um selecionado rebalho de vacas holandesas. Espera, com a recuperação das terras de pasto, colocar até 10 vacas em alqueire, cumprindo notar que são vacas altamente produtoras de leite, produzindo a media de 14,5 litros por dia do tipo "A". Está plantando ainda 50.000 pés de café, dos quais 25.000 acabam de ser colocados na cova.

(Do "Diário de São Paulo", 4-5-1952).

Irrigação dos Cafèzais

O movimento que eclodiu recentemente em São Paulo, em favor da irrigação dos cafèzais, é mais uma demonstração da combatividade dos agricultores paulistas. Com essas palavras, inicia o Boletim da Sub-Divisão de Economia Rural da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo interessante estudo intitulado "Irrigação dos Cafèzais em São Paulo".

QUINHENTOS PEDIDOS

Dada a importância desse apanhado sobre a irrigação dos cafèzais e a autoridade do órgão que o divulga, reproduzimos, com devida vênia, alguns dos seus trechos, que são os seguintes:

"Estimulados pela experiência ousada de um agricultor que resolveu instalar um sistema de irrigação em sua propriedade e encorajados pelos resultados obtidos em um talhão experimental na Estação de Mococa, os cafeicultores resolveram, sem demora e sem esperar pela confirmação desses resultados, atirar-se a essa nova prática agrícola. Para atender à procura de projetos de irrigação, já existem em S. Paulo, no momento, dez firmas especializadas, as quais, segundo informações de técnicos de reconhecida competência atenderiam no momento a pedidos de cerca de quinhentos interessados, estando já com 200 projetos aprovados e seus respectivos equipamentos encomendados. Aliás, tem surgido certa dificuldade na importação de equipamentos, pois, sendo quase todo ele de origem americana, a Carteira de Câmbio do Banco do Brasil tem dificultado o fornecimento de divisas, não obstante a Carteira de Exportação e Importação haver fornecido as licenças necessárias. Segundo nos foi informado, cerca de 150 equipamentos estariam prontos para embarque nos Estados Unidos, à espera dessa liberação".

FINANCIAMENTO COM JUROS DE 7%

Em outro ponto, salienta a publicação da Secretaria da Agricultura: "Calcula-se que um equipamento para a irrigação de uma lavoura de 100.000 pés de café fique em 400.000 cruzeiros. É verdade que o Banco do Brasil, através de sua Carteira Agrícola, tem facilitado aos cafeicultores, financiando-lhes o empreendimento no prazo de cinco anos e juros de 7%".

Prossegue o referido estudo comentando que os técnicos da Secretaria da Agricultura se mostravam apreensivos quanto à manutenção das melhorias feitas pelos lavradores no cultivo do café. "A lavoura de São Paulo apresentava, em 1951, uma melhoria apreciável no nível técnico de sua exploração, pois o consumo de adubos, inseticidas e máquinas agrícolas fôra substancialmente maior do que nos anos anteriores", registra a publicação. "Com a permanente irrigação dos cafèzais, não há razão, entretanto, para o receio manifestado pelos técnicos paulis-

tas. Ainda que sua introdução se deva, em grande parte, aos preços favoráveis do café, é certo que essa prática, uma vez instalada, deverá permanecer, independente da conjuntura de preços, pois trata-se, em si, de uma prática de carater permanente".

PARIDADE DE PREÇOS

Ao que apurou a reportagem do Diário de S. Paulo junto aos meios produtores da lavoura, a iniciativa da irrigação por aspersão dos cafèzais coube a um lavrador paulista que a introduziu na Fazenda "Água Milagrosa", em Tabapuã, na região de Catanduva.

Por iniciativa desse mesmo agricultor foi organizada, no Rio de Janeiro, a Ortenblad Locke & Cia. Ltda., com escritório à rua 7 de Setembro, 141, 4º andar, organização que vem fornecendo equipamentos aos lavradores pelos mesmos preços cobrados dos agricultores nos Estados Unidos. Para tanto, a emprêsa realizou contratos na América do Norte, como firma distribuidora, o que contribui largamente para possibilitar a difusão do sistema de irrigação artificial em nosso meio.

No Brasil, apesar do acelerado ritmo de desenvolvimento industrial que vimos registrando nos últimos anos, não dispomos ainda de fábricas capacitadas a produzir equipamentos para o sistema de irrigação artificial por aspersão. A tubulagem empregada é de duro alumínio, que ainda não é produzida no país. Os motores especiais de explosão "Diesel", que acionam as bombas de alta rotação, igualmente não têm fabricação no Brasil. Sómente no futuro, ou com a transferência de indústrias estrangeiras para o nosso meio, poderemos vir a produzir tais equipamentos.

ACEITAÇÃO DA LAVOURA

No Brasil, país economicamente subdesenvolvido, registram-se fenomenos que raramente se repetem em outras nações. Por não dispôr de eficiente serviço de transportes rodoviários e ferroviários, o Brasil passou a ocupar o segundo lugar do mundo na aviação comercial. Não contamos com tratores, colhedeiras e outras máquinas para uma lavoura razoàvelmente mecanizada e lançamos mão da irrigação artificial, atingindo com isso, plenamente, a parte que o braço do homem não pode satisfazer.

Temos a registrar que, apesar de serem relativamente poucas as fazendas paulistas que já contam com um sistema de irrigação artificial, grande é a aceitação que ele vem tendo em virtude dos magníficos resultados obtidos e, principalmente, em virtude do rápido resgate do capital aplicado e da maior segurança oferecida às lavouras cafeeiras. Não encontramos hoje em São Paulo um só leader da produção rural que se manifeste contrário à adoção do sistema.

O sr. Antônio Queiroz Telles, ex-presidente da Sociedade Rural Brasileira, em entrevista concedida à imprensa, depois de analizar os prejuizos que vêm sendo causados às lavouras pelas estiagens, apontou

a irrigação por aspersão como um dos elementos capazes de promover a regularização das safras de café e o soerguimento da sua produção.

Sugeriu, mesmo, o sr. Antônio de Queiroz Telles, que a prática seja levada também às pastagens que, atingidas pela seca têm causado até a morte de animais e prejudicando grandemente a população, que reclama por um maior fornecimento de carne, leite e produtos derivados.

AUMENTO DE 200%

O sr. Roberto Paiva, que se utiliza, em suas fazendas de Batatais e Franca, da irrigação por aspersão, considera o sistema capaz de promover o barateamento do custo da nossa produção agrícola, que é dos mais caros do Mundo. Resgatado o capital aplicado, esclarece aquele fazendeiro, o aumento da produção que se verifica com a irrigação artificial torna o seu custo bem mais reduzido, com grande vantagem para os lavradores e portanto, para a nação. Exemplificando, disse:

"A média da produção de café na região de Batatais (Mogiana) é de 20 arrobas por mil pés de café, média que, na safra de 1951, não chegou a ser atingida. Pois bem, com a irrigação, as minhas fazendas produziram de 69 a 70 arrobas por mil pés, com um acréscimo de mais de 200%, em relação às lavouras não irrigadas da zona". Acrescentou o cafeicultor que obteve esses resultados, muito embora tenha começado tarde a irrigação de sua lavouras.

O eng. Durval Machado, falando à reportagem na ocasião em que instalava, em suas propriedades, o sistema de irrigação por aspersão, declarou que o fazia certo de que, tal como seus demais companheiros obteria os melhores resultados.

Levando-se em conta que, de 1940 para cá, todos os anos a estiagem se apresenta cada vez mais destruidora, que as possibilidades de um eficiente reflorestamento são assás remotas, acreditamos que a maior difusão, do sistema de irrigação por aspersão, que é o mais econômico e melhores resultados apresenta, se torna imprescindivel.

PROTEÇÃO DAS COLHEITAS

O sr. Mario Rolim Telles, presidente da Sociedade Rural Brasileira, que possue dois milhões e quinhentos mil pés de café no Estado de São Paulo, é um dos grandes defensores da irrigação. Acredita esse leader da produção rural que, para o período de transição da cultura extensiva para a cultura intensiva, que ora se processa em São Paulo, a irrigação seja um dos pontos principais a serem atacados. Considera, mesmo, esse leader, que a proteção das colheitas contra as estiagens dece ser a primeira parte do plano oficial do aumento da produção agrícola, o que poderá e vem mesmo sendo feito com financiamentos do Banco do Brasil.

(Do "Diário de São Paulo, 28-5-1952)

O café visto nos Estados Unidos

(Cartas Mensais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 5 **CARTA MENSAL DO MERCADO** **Maio de 1952**

SITUAÇÃO ECONÔMICA GERAL: O mês de abril decorreu sem qualquer alteração de consequência, persistindo o mesmo ambiente de incerteza que aliás tem caraterizado as atividades comerciais do país desde há meses. Outrossim, os índices gerais de preços continuaram suas tendências baixistas apesar de que durante alguns dias deram, com efeito, sinais de firmeza. Contudo, a atividade comercial manteve-se ampla para a maioria dos mercados quando comparada com a atividade durante o primeiro semestre de 1950. De uma maneira geral, pode-se dizer que prossegue a fase de reajustamento de preços para países mais realísticas que as dos altos níveis causados pela procura especulativa no período imediato ao comêço da guerra no Extremo Oriente.

Nesta época do ano, os economistas e peritos financeiros costumam exprimir suas opiniões e prognósticos sôbre a situação econômica do país. Segundo se depreende dos comentários feitos a esse respeito na imprensa local, tanto as opiniões como os prognósticos daqueles observadores são divergentes. Um grupo mantém a teoria de que o rítmo vagaroso dos negócios continuará e que, possìvelmente, a situação vae piorar à medida que o ano avança. Esse grupo prediz uma descida maior nos preços e consequente diminuição na atividade geral. Esses prognósticos são baseados, principalmente, na convição de que o país está sofrendo um excesso de produção em relação com a procura provável quer doméstica quer estrangeira. Além disso, aquele grupo de peritos considera que não obstante a expansão substancial no poder de compra da população devido aos aumentos de salários que já ocorreram e a outros aumentos que se esperam em consequência das greves agora em progresso, a quantidade de numerários em mãos do consumidor será ulteriormente reduzida pelos altos impostos e pela liquidação de dívidas contraídas no passado.

O outro grupo de peritos mantém que os negócios deverão melhorar para o trimestre final do ano, fenômeno esse que deverá ser acompanhado pela firmeza nos preços. Esse grupo baseia seu otimismo no fato de que as cifras relativas às economias por parte do público nas contas bancárias são bastante consideráveis, que o rumo de salários é ascendente e que as perspetivas para empregos continuam boas. Todos esses fatores deverão, pois, contribuir para um consumo maior. Eles explicam que os altos impostos não afetam a maioria dos consumidores, mas sim um pequeno segmento da população e que as dívidas pessoais estão sendo liquidadas a prestações com corrente receita em expansão, sem que isso diminua o rítmo das respectivas econômicas. Acrescenta ainda aquele grupo que a limitada contração atual nos negócios e a consequente debilidade nos preços, foi o resultado da seletividade na procura, de vez que o público está comprando unicamente o que necessita e a preços baratos, mostrando aliás preferências por novos produtos e de melhor qualidade que os que apresenta o mercado desde há anos. Ao que parece a própria indústria já se apercebeu da nova situação e está agora empenhada em projetos manufatureiros que eventualmente deverão trazer ao mercado novos produtos, ao mesmo tempo que, por meio de progranda e preços mais baixos, está

tratando de liquidar seus atuais inventários com receio de que se tornem obsoletos.

ÍNDICES DE PREÇOS: No mercado físico, o nível de preços de todos os produtos baixou 2,9% durante Abril, comparado com a média do mês anterior. A 295,3 o índice é 21% inferior ao índice correspondente a Abril de 1951, mas mantém-se ainda 16,9% acima do nível médio que prevaleceu no semestre anterior à guerra na Coréia.

O índice da média dos preços de todos os produtos no mercado por atacado foi de 112,3 durante Abril. A cifra mostra uma descida de 0,4% do nível de 112,3 no mês anterior e é 3,8% mais baixa que o nível prevalecente em abril do ano passado. Por outro lado, o índice mantém-se ainda 13,2% acima da média geral do semestre anterior ao conflito na Coréia.

A média dos preços no varejo, que havia registrado ligeiras baixas nos meses de Fevereiro e Março, reagiu durante Abril, para colocar-se muito perto do nível "record" atingido em Janeiro último. Esse aumento, se bem que ùnicamente de 0,4%, é aliás significativo, de vez que o índice mostra o custo da vida no país. A média para o mes foi de 188,7 ou seja, 2,2% mais alta que a média para o mes de Abril do ano passado e 12,5% superior ao nível correspondente à média de preços no varejo para o semestre anterior à guerra na Coréia.

Índices de Preços	Média Pré-Coréia	Abril 1951	Março 1952	Abril 1952	Mudança em % Abril, 52 Desde Pré-Coréia	Desde Abril, 51	Desde Março, 52
Físico, todos produtos Agôsto 1939=100	252,5	373,9	304,3	295,3	+ 16,9	-21,0	-2,9
Por atacado, todos produtos. 1947-49=100	98,8	116,3	112,3	111,9	+ 13,2	- 3,8	-0,4
Varejo, todos produtos 1935-39=100	167,8	184,6	188,0	188,7*	+ 12,5	+ 2,2	+ 0,4

SITUAÇÃO ECONÔMICA DO CAFÉ: A debilidade no mercado de café durante Abril foi devida a vários fatores: 1) a aliviada posição econômica geral causada pela diminuição nas tensões internacionais; 2) a demora no restabelecimento econômicas sofrida por algumas nações que são importantes mercados para o produto e 3) a redução na suprimento de dólares fora dos Estados Unidos. Além dêsses motivos básicos, o mercado de café local sentiu desfavoravelmente a melhorio no suprimento do produto durante Abril criada pelas importações de quantidades substanciais dos países produtores, cujo total entre Dezembro de 1951 e Março de 1952 atingiu para cima de oito milhões de sacas. Esses grandes suprimentos, junto com a proximidade do verão quando o consumo é menor, conduziram para contrariar a influência altista de uma situação estatística muito equilibrada.

Contudo, para fins de Abril a baixa nos preços estimulou a atividade geral no mercado local e durante a primeira semana de Maio poude-se observar uma expansão tanto no termo como no mercado físico do produto. Para o meio de Maio havia maior firmeza nos preços não obstante o fato de que a procura continuava

em geral limitada. Durante a segunda quinzena de Maio poude-se observar aumento na frequência das compras por parte dos torradores, fenômeno que indicava uma redução substancial dos inventários acumulados durante os primeiros quatro meses do ano em curso.

Durante o mês de Maio os preços registraram ganhos de 15 a 47 pontos no têrmo local. Apesar de que a subida nos preços fez reduzir a atividade geral, o volume total de lotes vendidos foi bom, havendo se registrado 1.171 lotes vendidos. Essa cifra é de comparar com um total de 3.035 lotes vendidos em Abril, durante o qual predominaram os preços mais baixos, que por sua vez haviam estimulado aquela atividade.

No mercado físico do produto a procura durante Maio foi descrita nos seguintes termos: limitada, lenta e esporádica. Contudo, os preços recuperaram firmeza e o Santos 4 foi cotado durante a maior parte do mes a 53,00 c/ por libra para os disponíveis locais e 51,25 c/ FOB embarque imediato, preços que são de comparar com 52,00 c/ e 50,75 c/, respetivamente durante Abril. Os colombianos recuperaram substancialmente em Maio, havendo subido as cotações até 56,75 c/ por libra e mantiveram-se na média de 56,38 c/ durante o mês, comparado com a média de 55,40 c/ por libra que prevaleceu em Abril.

A REEXPORTAÇÃO DE CAFÈS BRASILEIROS

OS EFEITOS DESSAS TRANSAÇÕES SOBRE AS COTAÇÕES DE NOVA YORK — AS AUTORIDADES FEDERAIS ACABAM DE VENCER A BATALHA

Já tivemos o ensejo de comentar o grande volume da exportação de cafés, realizada por alguns países europeus para os Estados Unidos da América do Norte. Durante alguns meses, essas transações acoroçoaram, nos E.U.A., as manobras baixistas e serviram para reduzir o preço no "disponivel" na Bolsa de Café e Açúcar de Nova York. Por enquanto, os efeitos da reexportação ainda se fazem sentir. Atualmente, pode-se comprar café brasileiro, posto nas docas de Nova York, ao preço do produto posto a bordo de navios em Santos. Mas tal situação, felizmente, tende a desaparecer.

A tabela seguinte demonstra o vulto da reexportação ocorrida nos últimos oito meses:

CAFÉ BRASILEIRO REEXPORTADO PARA NOVA YORK

Procedência européia — **Unidade: saca de 60 K**

Períodos	Holanda	Bélgica	Suécia	Itália	Dinamarca	Total
1951						
Setembro a Dezembro	120.041	21.057	1.000	4.500	—	146.598
1952						
Janeiro	12.117	14.730	1.949	—	—	28.796
Fevereiro	87.241	14.980	7.559	—	—	109.780
Março	23.925	44.929	6.656	—	4.500	80.010
Abril	33.957	8.657	125	—	9.725	52.464
Total	277.281	104.353	17.289	4.500	14.225	417.648

PARA NOVA ORLEANS

Períodos	Holanda	Bélgica	Suécia	Itália	Dinamarca	Total
1952						
Janeiro	—	8.000	—	—	—	8.000
Fevereiro	1.000	—	—	—	—	1.000
Março	7.758	1.000	374	—	—	9.132
Abril	—	—	2.664	6.027	—	8.691
Total	8.758	9.000	3.038	6.027	—	26.823

TOTAL GERAL **444.471**

O perigo da reexportação reside principalmente nos países com os quais apenas temos um convênio de pagamento, e não um acordo comercial, como a Finlândia, a Suécia, a Noruéga, a Dinamarca, a Holanda e a Bélgica. Há dois meses, o nosso govêrno resolveu permitir a exportação de café para esses países sòmente sob a condição de que os importadores entregassem, dentre de 60 dias, documentos relativos ao pagamentos dos direitos alfandegários, pois uma vez pagos esses direitos, já não há possibilidade de reexportação para os E.U.A. Essa media dificultou consideràvelmente as atividades dos importadores, que de há muito costumavam importar os cafés através dos "portos francos", retirando-os parceladamente, não raro num prazo de **seis meses**, de acordo com as possibilidades comerciais. Daí haver partido desses importadores a iniciativa de insistir junto ás próprias autoridades dos seus países no sentido de que se dessem ao govêrno brasileiro garantias contra a reexportação. Graças a esses esforços, os govêrnos dos países acima enumerados acabam de proibir qualquer reexportação de cafe para os E.U.A., o que traduz legítima vitória das nossas autoridades.

Há outro grupo de países — ao qual pertencem a França, a Alemanha Ocidental, a Polónia, a Chescolováquia, a Áustria, Portugal, o Uruguai e a Argentina — com os quais mantemos um acordo comercial, que proibe a reexportação de café. Restam finalmente a Grã-Bretanha, a Islândia e o Egito, países com os quais não temos, nesse sentido, nenhum convênio. Em relação a esse grupos de países, a Divisão da Econômia Cafeeira do Ministerio da Fazenda exerce, com pleno exito, a maior vigilância. Eis por que temos razão em afirmar que os órgãos federais conseguiram vencer a dura e difícil batalha contra a reexportação de cafés para os E.U.A. Já a reexportação de cafés entre países da própria Europa não constitui inconveniente, contribuindo, ao contrário, para a intensificação de nossas remessas a esse continente.

(Do "O Estado de São Paulo", 3-5-1952)

PRECEITO DO DIA
UTILIDADE DA GELADEIRA

O calor favorece o desenvolvimento dos micróbios nos alimentos que, por isso, se tornam perigosos para a saúde. A geladeira conserva os alimentos, impedindo que êles se estraguem.

Evite que os alimentos fiquem estragados, comprando ou improvisando em sua casa uma geladeira. — SNES.

A CULTURA CAFEEIRA NA ÁFRICA

Tem este Boletim dedicado à expansão cafeeira na África a atenção que o assunto merece.

Além de estudos vários, já por nós divulgados, estamos atualmente publicando uma série de artigos de autoria do abalisado técnico dr. Otávio Teixeira Mendes Sobrinho, do Instituto Agronômico, de Campinas, resultado de suas observações diretas no continente negro, quando o visitou, recentemente, como integrante da comissão de agrônomos paulistas ali enviados pelo govêrno de São Paulo.

Nêsse mesmo intuito de continuar trazendo os nossos leitores informados sôbre o problema, resolvemos transcrever, DATA VENIA, do "O ESTADO DE S. PAULO", uma série de bem elaborados estudos publicados por êsse jornal, que para tal fim enviou à África um de seus redatores especializados.

I

Assistiremos, na segunda metade do século, ao estabelecimento de novo império do café no Continente Negro? — Uma cultura errante que retorna ao seu "habitat" original

Os Primeiros Indícios da Concorrência Africana

O que frequentemente distingue as grandes culturas é seu carater errante. Levadas de um para outro país, de um para outro continente, muitas vezes por obra do acaso, elas semeiam em seu caprichoso roteiro a fortuna ou a ruína. Temos os nossos exemplos. O Teatro Municipal de Manaus é ainda hoje o maior testemunho do antigo esplendor daquele centro da região amazônica, hoje em agonia, lentamente reconquistado pelo torpor da floresta equatorial. A "Hevea Brasilienses", que o encheu de riquezas, prospéra agora no outro lado do mundo, em meio às "jungles" malaias e indonésias.

Mas temos também o exemplo contrário, pois, se perdemos a borracha, ganhamos o café. Veio-nos êle da Ásia ou da África, não se sabe exatamente, porquanto sua origem se perde em lendas obscuras. O mais provável, segundo a volumosa bibliografia existente a respeito, é que essa planta extraordinária proceda da Abissínia, de onde lentamente se deslocou para, pouco a pouco, ir ganhando quase tôdas as regiões tropicais do globo. Na França, os primeiros "cafés", instalados inicialmente em Marselha, depois em Paris, adquiriam o precioso produto nos países do Levante, para onde a planta havia sido levada, há séculos, da Abissínia por ocasião de uma das invasões sofridas pelo império dos "Negos". Mais tarde, Java, o Ceilão e, sem dúvida, as Filipinas receberam também as sementes de que se originaram as culturas que até hoje ostentam. Os holandeses transplantaram uma muda da Batavia no Jardim Botânico de Amsterdam, que se passou a chamar a "sementeira universal do café", na suposição de que se originaram dessa única planta tôdas as grandes culturas da "coffea arabica" que de então para cá se desenvolveram no mundo.

Mas o cafeeiro continuou sua aventurosa expansão. Da Arábia ou do Extremo Oriente, atravessou os oceanos e atingiu as Antilhas, nascendo uma modesta plantação de café na Guiana. Foi daí que, segundo a história — história ou lenda — graças à cumplicidade de uma mulher, o tenente Francisco de Melo Palheta trouxe ao Brasil nossos primeiros cafeeiros. Isto, em 1827. Foi incomparável entre nós a fortuna dessa planta, que prosperou sucessivamente no Norte do País —

no Pará e no Maranhão aí por 1877 — depois no Rio de Janeiro, em seguida na Bahia e Minas e, finalmente, em São Paulo, de onde se transplantou para o Sul, enriquecendo presentemente o Norte do Paraná.

Depois de tão vastas e incessantes deslocações, volta agora essa planta admirável a florir no Continente Negro, que é provàvelmente, com dissemos seu país de origem, pois é ainda encontrada em estado selvático nas florestas do Congo e ao longo dos rios do Gabão. A Franca, que pela queda de seu primeiro império colonial havia perdido, em 1815, suas fontes próprias de abastecimento de café, teve de esperar o ano de 1870 e a constituição de seu segundo império da África para incrementar de novo essa cultura no Continente Negro.

Ao contrário, porém, da sorte que lhe reservaram outros continentes, o café, de início, só desventuras encontrou nas terras de origem. Suas primeiras plantações, nesta fase, foram medíocres, extremamente limitadas e imperfeitas. Seriam o solo e o clima das possessões francesas impróprios à cultura cafeeira? Renovar-se-ia na África, com esta planta, a aventura da seringueira amazônica, que renegara seu domínio original para expandir-se, tão fulgurantemente, na outra face da terra? Quem o poderia dizer? De qualquer forma, ainda parecia, nos trinta primeiros anos do século XX, que já estavam definitivamente fixadas as grandes áreas em que se poderia desenvolver, no mundo, esta rica cultura. E dessas áreas a África havia sido excluida!

Mas, quase imperceptìvelmente, o café se foi espalhando das colonias francesas para as possessões belgas, portuguesas e britânicas. Foi uma expansão demorada e medrosa, caracterizada por pequenas plantações de pouca ou nenhuma importância, que não chamavam a atenção. Entretanto, já se revelava nelas algum progresso. Longe estavam de assumir a feição da fulminante conquista da economia brasileira pelo café, mas seu avanço foi, apesar de lento, constante e geral. Por essa lavoura começaram a interessar-se, cada vez mais, tôdas as regiões africanas.

E, assim, foi de repente que descobrimos, há alguns anos, pelas estatísticas, que estava em vias de constituir-se na África um novo império do café. Império nascente que não cresce aos saltos, mas se fortalece com regularidade e constância, perigosamente, portanto...

Ameaçará êste novo surto cafeeiro a base sôbre a qual se assenta a economia brasileira? Deverão o Paraná e Goiás, São Paulo e o Rio, temer o Congo Belga e Angola como concorrentes? Eis a questão que se põe, não só para o Brasil, mas para todos os produtores. A curva do aumento da produção africana é de molde a inquietar os observadores. Mas essa curva, embora eloquente, não é bastante para autorizar uma previsão do futuro. Ela deve ser confirmada por outros fatores concretos, de cuja análise e confronto se poderão tirar conclusões decisivas. Foi para isso que percorremos a África, que contornamos o Continente Negro, que observamos tôdas as suas regiões cafeeiras. As observações que tivemos oportunidade de fazer, as informações que colhemos, as reflexões que os fatos nos sugeriram talvez nos permitem definir, com maior precisão, as ameaças que as estatísticas nos revelam.

(18-5-1952).

II

Ao passo que se enfraquece a posição do Brasil no mercado mundial de café, vai-se fortalecendo a produção africana

—— Oportuno e interessante confronto ——

A Curva Ascendente da Produção do Continente Negro

O Brasil estreou no comércio internacional do café em 1800 com a exportação de 13 sacas de 60 quilos. Mas recuperou ràpidamente o atraso com que se apresentava nesse terreno, pois foi graças ao surto decisivo e surpreendente de sua cafeicultura que decuplicou, num século, a produção mundial!

Nos tempos da Revolução Francesa elevava-se a 50.000 toneladas a produção mundial de café. Em 1935 esse total já era de 100.000 toneladas, ascendendo a 300.000 em 1855 e a 1 milhão de toneladas entre 1900 e 1914. Deste total, cabiam ao Brasil 850.000 toneladas.

O aumento do consumo mundial acompanhou, assim, o extraordinário rítmo de expansão da nossa cafeicultura, cuja indiscutível supremacia se ia afirmando através dos anos e ainda hoje se mantém, apesar das crises sofridas pelo nosso grande produto de exportação. Cometemos, em relação ao café, grandes erros, inclusive na política que várias vezes adotamos em sua defesa. Entretanto, continuamos a ser o maior produtor mundial de café.

Estão-se alterando, porém, de maneira inquietadora, as proporções de nossa produção em face da produção mundial. Começamos a preocupar-nos com a rapidez do desenvolvimento dessa riqueza em outros países e em outros continentes. Limitando-nos a uma rápida sondagem, que mais tarde confirmaremos com estudos mais pormenorizados, veremos como está evoluindo a participação dos diversos países da América Latina e da África na produção mundial. Utilizar-nos-emos para este confronto de dois períodos relativamente próximos entre si: 1934-38 e 1951-52. O confronto está resumido neste quadro:

PARTICIPAÇÃO DOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA E DA AFRICA NA PRODUÇÃO MUNDIAL DE CAFÉ
(Em porcentagem)

Países	1934-38	1951-52	Diferença
Brasil	60,3%	48,5%	—11,8%
Colômbia	10,8%	18	+ 7,2
Guatemala	2,4	2,9	+ 0,5
Salvador	2,7	3,1	+ 0,4
México	2,0	2,9	+ 0,9
África Ocidental Francesa	0,3	3,1	+ 2,8
A.E.F.	0,1	0,3	+ 0,2
Camerum	0,1	0,6	+ 0,5
Madagascar	1,0	1,5	+ 0,5
Congo Belga	0,7	1,8	+ 1,1
África Portuguesa	1,9	4	+ 2,1
Angola	0,7	2,4	+ 1,1
Etiopia	—	—	—
Total da Africa	**5,6**	**14,8**	**+ 9,2**

O quadro revela que ao curso destes últimos quinze anos um só país produtor perdeu terreno: O Brasil! E essa perda foi consideravel, pois representa 11,8%. Quanto á África, todas as suas regiões cafeeiras, sem exceção, registraram, durante o mesmo período, avanços consideràveis, representados por porcentagem quase identica á do recuo brasileiro. Deve-se ter em conta, para a justa avaliação da importância dos ganhos africanos, que essa porcentagem de avanço é devida, em parte, ao aumento da produção do Continente Negro e, em parte, ao decréscimo da nossa.

Pela primeira vez, portanto, deixam, senão de confundir-se, pelo menos de evoluir paralelamente, as curvas da produção mundial e da produção brasileira de café. O gráfico que ilustra esta reportagem dará aos nossos leitores melhor idéia dessa modificação.

Aludiremos mais pormenorizadamente, no proximo capitulo desta reportagem, a curva ascendente da produção africana.

(20-5-1952)

III

Constante o rítmo de desenvolvimento da produção africana — Fatores da unidade do Continente Negro — Necessidades do máximo incremento de suas atividades econômicas

São notáveis, pela regularidade que apresentam, as curvas do desenvolvimento da produção cafeeira africana. Não se notam movimentos bruscos num ou noutro sentido. Não é a uma revolução que assistimos ali, mas a um crescimento monótono, que apresenta os mesmos caracteristicos em todas as regiões produtoras, que têm conseguido manter até aqui o mesmo ritmo de expansão. Não nos esqueçamos de que esta regularidade é mais perigosa, do ponto de vista dos paìses concorrentes, do que vastos mas inconstantes movimentos, capazes de perder, num ano, o terreno ganho numa década. Esta constância parece, realmente, indicar uma política consciente por parte dos responsáveis pelo fortalecimento da econômia do Continente Negro: evitar qualquer desenvolvimento espetaculoso da econômia cafeeira, mas assegurar sua solidez por meio de medidas que apresentem o máximo de segurança e estabilidade.

Esta regularidade da progressão africana sugere outro motivo de inquietação. Até aqui, os recuos sofridos pela posição do Brasil no mercado cafeeiro mundial se têm verificado em benefìcio de diversos paìses que estão longe de constituir unidade econômica. Os nossos concorrentes vêm evoluindo uns num sentido, outros em sentido contrário. Os avanços de uns têm sido compensados, dessa forma, pelas perdas de outros. Mesmo que não se achassem empenhados numa luta de concorrência, as necessidades gerais de sua política e de sua econômia divergiriem, o que suporia, em matéria de econômia cafeeira, total independência por parte de cada país produtos. Mas o aparecimento da África entre os grandes produtores mundiais de café apresenta a questão sob outro aspecto.

Não podemos, é evidente, considerar o Continente Negro como um todo indivisível. Mas se são diferentes os modos de vida de suas regiões, suas crenças, suas tradições — não se devem esquecer também os fatores de unidade do con-

tinente. A África é, sem duvida, o mais maciço dos continentes e á sua forma simples corresponte uma idêntica simplicidade das raças que o povoam e de seus níveis de vida. A civilização européia, aliás, não tem influido senão nas regiões perféricas desse imenso continente, de modo que os povos do interior pouco têm evoluido através dos séculos, o que de muitos pontos de vista, os aproxima.

Poder-se-ia crer que, politicamente, são profundas as diferenças entre as várias regiões africanas. Realmente, as lutas travadas em torno da partilha do continente entre as grandes nações colonizadoras deixaram traços indeléveis. Ingleses, franceses e belgas desenvolvem, presentemente, entre si, no plano puramente econômico, uma luta tão decidida quanto a que caracterizou a conquista dos territórios africanos. Mas, apesar disso, há importantes fatores da unidade continental. As condições naturais, climáticas e raciais impõem uma espécie de orientação única a todas as potências colonizadoras. As diferentes metrópoles não adotam, é evidente, com propósito deliberado, a mesma política; mas o parentesco entre as condições naturais das diversas colônias leva-as a seguir política semelhante no que respeita á utilização de seus recursos. E entre estes figura o café! Deste ponto de vista, a África constitui um bloco econômico E a África, por conseguinte, e não esta ou aquela de suas regiões, foi quem se beneficiou com o recuo do Brasil nos mercados cafeeiros mundiais.

Tudo indica que, por muito tempo ainda, a África deva ser assim considerada. Alcançado pelo progresso técnico, vai-se livrando aquele continente, paulatinamente, do secular torpor em que jazia. Esta transformação acabará destruindo todas as suas velhas estruturas — políticas, econômicas, religiosas e sociais. Êste problema da transição de uma econômia primitiva para uma econômia moderna e complexa põe-se em termos mais ou menos semelhantes a todas as regiões africanas — pelo menos da África negra — excluindo os paìses periféricos, como o África do Norte e a União Sul-Africana, que não interessam, aliás, a este estudo sobre a cultura cafeeira.

O desafio a que tem de responder o Continente Negro obriga-lo-á a soluções extremas. Diante do enfraquecimento de todos os modos de vida a que até aqui se ligavam, os povos africanos, dirigidos pelas metrópoles européias de que dependem, devem impulsionar ao máximo a exploração de seus recursos econômicos. É o que explica a aspereza dos esforços desenvolvidos pela África para libertar-se de uma econômia subdividida, regional, submetida a projetos de pequena envergadura. Ela procura integrar-se nas grandes correntes da econômia mundial. O aproveitamento dos seus recursos minerais já lhe abriu uma vasta porta para o comércio internacional .E o café lhe vem servindo, há dez anos, de moeda de intercâmbio com os paìses europeus. Talvez passe, dentro em breve, a representar o mesmo papel no comércio do Continente Negro com os Estados Unidos.

A proporção das exportações africanas sobre as exportações mundiais tem crescido com muita regularidade, como se vê desta tabela.

PROPORÇÃO DAS EXPORTAÇÕES AFRICANAS EM RELAÇÃO AS ESPORTAÇÕES MUNDIAIS

Anos	Porcentagem
1930	4,6
1935	6,8
1936	8,3
1937	8,2
1938	8,8
1939	9,1
1940	8,9
1941	11,5
1942	12,8
1943	11,9
1944	11,9
1945	12,8
1946	12,8
1947	13,9
1948	13,8
1949	12,9
1950	14,1

Convém sublinhar desde já que são limitadas e imprecisas as estatísticas de que dispomos sobre a produção cafeeira africana. Devem-se essas deficiências às seguintes razões:

Extrema subdivisão da cultura nos paises de aconômia pouco desenvolvida (o caso da Etiópia é, a este respeito, sintomático); diferenças de padrões de medidas. A capacidade da saca varia de um país para outro. A superfície registrada é, em alguns casos, o total da área plantada, e em outros a área em produção. Como unidade de tempo, escolhe-se ás vezes o ano fiscal, outras o ano comercial e outras, finalmente, o ano solar; multiplicidade das repartições elaboradoras de estatísticas: de um lado, os serviços oficiais de cada região; de outro, as secções especializadas das grandes casas comerciais, como "Gordon Patton", dos Estados Unidos, ou a "Société Commerciale Interaceanic", da França; ausência de tentativas, no plano internacional, para a uniformização ds diferentes estatisticas; e, enfim, os choques de interesses opostos e poderosos, que encontram, ás vezes, nas estatísticas confusas, um verdadeiro aliado!

Voltaremos ulteriormente a este assunto, e evocaremos então as lutas comerciais de que é centro o mercado exportador africano. Mas queremos desde já sublinhar, como estamos fazendo, a insegurança das estatísticas de que dispomos. Mas estão longe essas estatísticas de ser inúteis. Cada região, com efeito, adota critérios mais ou menos equivalentes de um ano para outro, e desde que se examine o desenvolvimento da cultura cafeeira em longos períodos, podem-se obter das estatísticas informações suficientes, embora inexatas, sobre a evolução em estudo. É com esta orientação que nos utilizaremos, durante toda ésta reportagem, dos aludidos informes.

(21-5-1952)

IV

Culturas modernas ao lado de plantações primitivas — o Comércio — Rudimentar sistema de trocas — O problema da mão-de-obra

Face a Face Duas Formas de Civilização

Achando-nos em Abidjan, na Costa do Marfim, aconselharam-nos a que nos dirigissemos às proximidades da cidade de Man, se quisessemos contemplar uma verdadeira cultura de café, organizada — disseram-nos — segundo os métodos europeus mais modernos. Para lá seguimos. Quando nos achávamos a cerca de uma dezena de quilômetros da cidade, o guia interrompeu a marcha para indicar-nos um cafèzal. Embora êle nos apontasse a plantação, não conseguimos, a princípio, ver mais do que um sombrio vale coberto por abundante vegetação tropical. Foi preciso que prestassemos muita atenção para descobrir que, com efeito, em torno de uma pequena cabana de tábuas havia uns quatro ou cinco cafeeiros...

O guia não compreendeu nossa estupefação. Não era aquela, evidentemente, a adiantada cultura que iriamos apreciar; mas êle nos pôs diante de uma autêntica plantação indígena, com o aspecto típico da maioria das plantações de café do interior da África. São elas não só tratadas sem cuidados especiais, mas consistem, na maioria dos casos, de algumas dezenas, apenas, de cafeeiros. Além disso, não são bem delimitados os terrenos pertencentes a êste e àquele lavrador, de modo que por ocasião das colheitas, e principalmente quando a safra é abundante, se travam entre êles disputas bizantinas em torno de alguns cafeeiros!

Sentimo-nos perto daquela selvagem cultura que se pratica, em mais vasta escala, na Etiópia, e cujos resultados, do ponto de vista da qualidade do café, são excelentes, pois a "Coffea Arabica" abissínia é dos raros cafés africanos aceitos pelo exigente mercado norte-americano.

Prosseguindo em nosso caminho, encontramos, porém, dez quilômetros além, a moderna cultura de que nos haviam falado. Tratava-se, realmente, de uma plantação irrepreensível, bem organizada, de acôrdo com os mais modernos processos agrícolas.

Portanto, como em tudo na África, notam-se os mais fortes contrastes na cultura cafeeira: de um lado, plantações modernas, orientadas por técnicos europeus; de outro, pequenos cafèzais tratados segundo métodos rotineiros, imutáveis através dos séculos!

A mesma observação se pode fazer em relação ao comércio dêsse produto. Em Madagascar, por exemplo, quando se aproxima a época da colheita, começa-se a notar a chegada de mercadores chineses, que invadem quase todos os recantos da ilha. Deixam êles as cidades, onde se estabelecem com casas de comércio varejusta, e se dirigem ao interior, recolhendo, quilo por quilo, o café produzido pelos indígenas. Frequentemente, seu comércio consiste simplesmente de trocas, oferecendo tôda sorte de mercadorias — arroz, agulhas, utensílios de cozinha — pelo café colhido. No Congo Belga, porém, onde existe também essa forma rudimentar de comércio, já se acham em funcionamento, em Leopoldville e em Clostermanville — no interior, na Ruanda-Urundi — duas grandes cooperativas, uma para o comércio do café "Robusta", outra para o "Arabica". São duas sociedades muito bem

organizadas e dirigidas, prestando inegáveis serviços aos agricultores. Uma delas edita interessante revista mensal destinada aos agricultores europeus estabelecidos na colônia, muito bem redigida e divulgando informações oportunas sôbre o mercado, a cultura e o comércio do café.

São extremas as diferenças existentes entre as duas formas de cultura do café. E são perigosas as tensões que elas provocam. Êsses contrastes impedem que se dê maior uniformidade ao desenvolvimento dessas atividades econômicas, estabelecendo, também, notáveis diferenças de nível de vida entre os que se entregam à cultura cafeeira. Nota-se em tôda parte que a jovem África realiza esforços gigantescos para progredir, para libertar-se de um passado morto, esteril. Mas as tradições são tenazes, e nem diante das demonstrações mais claras o indígena se dispõe a abandonar seus métodos rotineiros de trabalho. Ao longo de todo o estafante itinerário que seguimos no Continente Negro, observamos os sinais da tensão determinada por essas diferenças, por essa verdadeira luta que se trava entre o progresso e o atraso. Não se pode, por exemplo, fazer idéia do que representa, naquele continente, o problema da adubação das terras, sem conhecer a fôrça de resistência dos agricultores indígenas a todo progresso. Nem se pode conceber a importância que apresenta, ali, o problema da mão-de-obra, sem se saber que, ao lado de um jovem proletariado em formação, existe ainda, utilizada pela agricultura, a massa de indígenas errantes, instáveis, incapazes de fixar-se em qualquer lugar. E tais contrastes se repetem em todos os elementos da economia cafeeira da África: a mão-de-obra, os métodos de cultura, a utilização do solo, as lutas contra as enfermidades, as condições de transporte, o benefício do produto e sua comercialização.

Essa divisão de tôda a vida africana entre duas formas de civilização — uma moderna, ansiosamente voltada para o futuro, outra com os olhos fixos no passado — é observada em todos os países do continente. E ela caracteriza, como tudo o mais, a cultura cafeeira. A evolução não é, sem dúvida, idêntica em tôdas as regiões, pois umas já se adiantam às outras, e em face de alguns trechos de Angola, para só citar esta colônia, a Abissínia poderá dar a impressão de que é a Idade-Média que contempla o Século XX. Mas o que importa é a proporção em que se combinam essas duas formas de civilização, presentes, ambas, em todos os países do Continente Negro. A cem quilômetros da americanizada cidade de Leopoldville, no Congo Belga, encontram-se indígenas ainda inatingidos pela civilização moderna; e pelas estradas de Madagascar trafegam desde os leves veículos a tração humana, até os mais modernos e poderosos tratores.

O problema fundamental criado por essa partilha da África entre duas tendências é o da divisão de sua economia entre métodos de trabalho que representam, entre si, diferenças de séculos. A esta luz é que deveremos, em primeiro lugar, examinar as condições gerais da cultura cafeeira da África, para nos determos depois na observação particular do estado dessa atividade econômica nas diferentes regiões do continente. Assim poderemos definir melhor os caracteres próprios da cafeicultura de cada país africano, examinando mais pormenorizadamente seus progressos atuais e suas possibilidades futuras.

(22-5-1952)

V

Arvores — não arbustos! — de muitos metros de altura, em forma de espanadores, em meio a uma confusão inextricável, eis os "Robusta" das plantações indígenas

O Carater Rudimentar e Irregular da Produção Indígena

Visitando uma pequena plantação indígena, relativamente limpa e bem tratada, vimos um cafeeiro completamente seco, manifestamente morto. Perguntamos ao seu proprietário por que motivo conservava ele tal esqueleto, de cuja volta à vida já não poderia haver esperanças. Assumiu o lavrador um ar misterioso e respondeu-nos que aquela árvore estava, com efeito, bem seca, bem morta mas que jamais se pode saber o que nos reserva o futuro! Quem poderia assegurar que aquela árvore, morta agora, não voltasse dentro de alguns anos a reverdecer?

Revela-nos este fato o espírito do indígena africano plantador de café. Não nos queremos referir, é claro, ao lavrador que trabalha nas grandes culturas organizadas e tratadas segundo os mais modernos métodos de trabalho ali implantados pelos técnicos europeus; mas aos responsáveis pela cultura indígena, familiar, rudimentar, á qual já aludimos na reportagem anterior, e que tanta importância representa no total da produção africana. Há outros característicos que distinguem estas duas formas de cultura cafeeira. Ao passo que as modernas e grandes plantações visam diretamente o intercâmbio, com todas as consequências que este objetivo implica, a cultura indígena, embora não seja uma atividade puramente doméstica — porque, finalmente, sua produção acaba sendo exportada também — é antes de mais nada uma atividade familiar, tradicional, não orientada pela necessidade do intercâmbio e da exportação, aos quais ela só indiretamente se liga.

Assim a cultura do café na África distingue-se por característicos fundamentalmente diversos, segundo pertença a um ou outro setor, isto é, á grande lavoura europeizada ou á lavoura indígena.

Neste segundo caso — o predominante, segundo vimos — o café é cultivado em meio a outras plantações. É uma cultura que não se fixa. Por ser uma árvore que esgota rapidamente o solo, suas plantações se deslocam continuamente. É o tipo da cultura extensiva. Os pequenos cafèzais indígenas jamais são estercados, raramente são carpidos. Encontram-se em mistura com a mandioca, o milho e o amendoim, conforme a região. Apresentam o aspecto de pequenas capoeiras inextricáveis, através de cuja vegetação o ar e a luz passam com dificuldade. Por falta de cuidados culturais, o café apresenta nesses lugares aspecto bem diferente daqueles que estamos habituados a admirar. O "Roubusta", por exemplo, que é a variedade dominante no Continente Negro, desenvolve-se de maneira irregular, formando os seus brotos touceiras impenetraveis. E, jamais podado, atinge, aos quinze anos de idade, altura consideravel. Quando velho — e isto é que dá o aspecto particular das plantações indígenas — assume a forma de um espanador.

Com essa forma, e crescendo tanto em altura, torna-se difícil a colheita, porque só frutificam os ramos mais elevados e ainda assim nas pontas apenas.

Para a colheita, os trabalhadores sobem nas árvores, correndo o risco de quebrar os ramos menos resistentes e de cair. Nestas condições, é ridículo o rendimento das plantações indígenas.

Além disso, não se visando com essas plantações, dado o seu carater familiar,

a exportação do produto, é pequeno o estímulo que recebem do exterior. Seus plantadores não sonham, é natural, com a conquista de mercados, e portanto nada significam para eles as medidas que com esse sentido costumam tomar os responsáveis pelas grandes culturas cafeeiras; para eles o café não passa de um "bico", que os ajudará a cobrir suas modestas despesas. Não se pode pensar, portanto, na rápida renovação dos processos de produção indígena. Sem o estímulo da ambição, os indígenas continuarão a cultivar de modo primitivo seus cafeeiros, isentos da influência das flutuações do mercado internacional com as quais não se incomodam, pois não as conhecem!

Só indiretamente essa influência se exerce. No ano passado, por exemplo, como consequência remota dos altos preços alcançados pelo café nos mercados mundiais, os indígenas colheram inteiramente — o que é raro — a safra de seus cafeeiros. Foi graças a esse fato que aumentou consideravelmente, em 1951, a produção total do Continente Negro. Mas é de duvidar que as altas cotações internacionais tenham repercutido efetivamente nos preços pagos pelos comerciantes aos produtores indígenas. A comercialização desse produto no interior da África é, com efeito, conforme já dissemos, rudimentar e primitiva. A colheita de cada lavrador indigena é minuscula, não vai além de alguns quilos. Frequentemente, o lavrador vende-a toda de uma vez; mas outras vezes conserva-a como moeda, para trocas, quando tem necessidade de alguma coisa mais indispensável. A venda se verifica geralmente aos mercadores chineses ou indianos, que conseguem de café em troca de um utensílio de cozinha, de uma bugiganga qualquer.

Chegamos, assim, a esta verificação: o setor doméstico, ou familiar, da cultura cafeeira africana é tão pouco permeável ao que ocorre no mundo exterior, que as flutuações dos preços nos mercados mundiais não influem nem no seu incremento, nem na sua diminuição. Fechada em si mesma, distante das grandes vias do comercio internacional, não sofre os efeitos da conjuntura mundial. Nenhuma ação a longo prazo pode ser desenvolvida, nas atuais condições, para melhorar de forma definitiva os seus rendimentos, para modernizar seus metodos de cultura e colheita. E é por isso mesmo que essa cultura apresenta ainda o carater rudimentar e irregular a que nos referimos.

O problema que se põe é o de saber se é possível tentar uma ação no sentido de quebrar os limites ancestrais da economia doméstica, para integrá-la na economia geral da região e, em seguida, inclui-la no circuito do comércio internacional. E em que condições será possível esta transformação, que já vem sendo tentada em diferentes regiões do imenso território africano?

(23-5-1952)

VI

A industrialização e a proletarização das cidades atrairam grandes correntes de trabalhadores das plantações de café, quer das indígenas, quer das dirigidas por europeus — Saberão os africanos resolver o problema da mão-de-obra visando principalmente a sua qualidade, e não apenas a quantidade?

Vilarejos povoados quase exclusivamente por mulheres e crianças

Já se iniciou em quase todos os países africanos a transformação tendente a quebrar o círculo, até hoje pràticamente intransponivel, em que se encerra, isolo-

da do mundo exterior, a economia doméstica do Continente Negro. A lavoura cafeeira ja foi sèriamente atingida por esse fenômeno, sendo de esperar que suas consequências se ampliem no futuro. Os que desejarem ajuizar com segurança das perspectivas do café na África deverão considerar atentamente esta questão.

A transformação está sendo incentivada de diversos modos: uma ativa propaganda se tem realizado junto aos trabalhadores indígenas, sugerindo-lhes o emprego de novos métodos de cultura; as administrações coloniais já estão prestando, nesse sentido, ajuda técnica aos lavradores; multiplicam-se estações experimentais em todas as regiões, sendo ràpidamente ampliado seu raio de ação, com o fim de conquistar maior número de adeptos dos métodos modernos de agronomia na cultura cafeeira. Deve-se notar, porém, que o progresso da industrialização na faixa costeira do continente já faz sentir os seus efeitos no interior, particularmente nas plantações de café, criando-lhe problemas de difícil solução.

Serão indubitavelmente benéficos, no futuro, os resultados dessas transformações, mas à custa de pesados sacrifícios. A ancestral sociedade africana, atingida por essa rápida metamorfose, dá sinais de desorientação, parecendo não dispôr da força necessaria para adaptar-se ao novo estado de coisas. Já se nota o enfraquecimento do setor doméstico da economia continental, diante da atração exercida sôbre a população pelos centros diretamente ligados às grandes correntes do comércio internacional. Tudo indica que essa evolução não se processará sem graves convulsões.

No terreno da mão-de-obra a crise já manifestou. Todas as culturas cafeeiras do continente estão lutando com a escassez de trabalhadores. Os elementos desta crise já existiam, em germe, na estrutura demográfica africana. Na África Negra, principalmente, isto é, nas regiões que abrigam a maior parte dos cafèzais do continente, a densidade demografica sempre foi fraquíssima. E a maioria da população, muito atrasada, não pode ser ainda utilizada em trabalhos de envergadura.

No passado, ao mesmo tempo que se despovoava o continente com o triste comercio de escravos, certas colônias eram forçadas a incrementar a imigração estrangeira para o desenvolvimento da agricultura. Já no Século XVII, a Companhia Holandesa das Indias Orientais teve de incentivar a imigração de trabalhadores do Extremo Oriente na Colônia do Cabo. Mais tarde, as culturas de cana-de-açúcar de Natal (África do Sul), cresceram graças aos imigrantes indianos. O mesmo se deu na exploração das minas de ouro do Transvaal, que se encheram de trabalhadores chineses e outros. As estradas de ferro da África Oriental foram construidas por trabalhadores indianos, e as do Congo por imigrantes de Cuba.

Com os recentes progressos da técnica nas regiões costeiras, a procura de mão-de-obra cresceu ràpidamente. As miseráveis populações do interior começaram a sentir-se atraídas pela miragem das cidades. Certas capitais africanas proporcionam, assim, ao observador uma idéia nítida e dramática deste novo problema do Continente Negro — o desequilibrio demográfico que se vai aprofundando na maioria das colônias. Leopoldville, Duala, Abidjan e outras cidades viram crescer em poucos anos, de maneira alarmante, a proporção de suas populações negras. A capital do Congo Belga, por exemplo, apresenta-se ao viajante que nela desembarca pela primeira vez como uma bela cidade moderna, harmoniosa e ativa cuja população, de 46.000 almas em 1940, já se elevou hoje a 200.000; Djibuti — para citar mais um interessante exemplo — encravada entre o mar e o deserto, não passa de um enorme e desolado acampamento de nomades da Somália, desorientados pelas atuais transformações em suas condições de vida, que permaneciam imutáveis há séculos.

Os duzentos mil congoleses que constituem o miserável proletariado de Leopoldvile viviam, ainda ontem, no interior, arrancando do solo seus magros recursos. A primeira consequência da evolução do país para a economia moderna vem sendo, portanto, o exodo desordenado dos lavradores indígenas para as cidades. Os vilarejos do interior são, presentemente, povoados muitas vezes apenas por mulheres e crianças. Os raros adultos masculinos que ali ainda permanecem constituem os últimos elementos de que a administração colonial ainda dispõe para a conservação das estradas e construções de pontes. Procuram eles, portanto, libertar-se a todo custo da posição em que se encontram, emigrando, por sua vez, para as cidades, á primeira oportunidade que se lhes apresente. Mesmo sem abandonar totalmente suas pequenas plantações de café, os indígenas fogem para os centros urbanos, de onde, após meses e meses de desocupação, voltam rapidamente na época da colheita, para retornar depois ás cidades. Desse modo, sem tratos culturais, os cafeeiros se tornam rapidamente improdutivos. Estabelece-se, assim, esta paradoxal situação: enquanto as culturas de café lutam com penuria de mão-de-obra, as cidades são flageladas pelo problema do desemprego...

Nota-se porém, ao mesmo tempo, em numerosas regiões, grande esforço dos colonos europeus para dedicar-se mais ativamente á cultura cafeeira. O que se passa nas possessões britânicas, como Kenia, onde a superficie das culturas indígenas cresce em detrimento da extensão das culturas européias, é uma exceção. Nas colonias francesas, com efeito, o que decresce é a proporção das plantações indígenas. Mas é no Congo Belga e, sobretudo, em Angola que aumenta mais rapidamente, de ano para ano, a proporção dos cafèzais cultivados pelos colonos europeus e pertencentes, ás vezes, a grandes companhias.

Mas nestes casos o problema de mão-de-obra apresenta-se de forma ainda mais aguda. A lavoura cafeeira precisa, como se sabe, de grande quantidade de trabalhadores, dados os tratos culturais que exige. Esse é, portanto, no momento, o primeiro problema que os colonos europeus terão de resolver, se é que desejam criar, ao lado do setor indígena, tradicional e primitivo, um setor moderno da cultura cafeeira.

Pergunta-se, diante disto, se aquelas calonias dispõem, realmente, de meios para enfrentar a situação, pois, com a modernização da lavoura, aumentarão os trabalhos agrícolas, com as providências tendentes á proteção do solo, com o aperfeiçoamento dos cuidados culturais, com a adubação etc. Para muitos, a solução estaria não no aumento do numero de trabalhadores, mas na elevação de sua capacidade profissional.

E é realmente sob este ângulo que a questão deve ser encarada. Veremos se as administrações coloniais e os colonos europeus estão em condições de resolver, neste sentido, o dificil problema. (24-5-1952)

(Cont. no próximo Boletim)

Estatistica

SUPLEMENTO ESTATISTÍCO

ANO XVIII | São Paulo, 14 de Junho de 1952 | N.º 317

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO
SAFRA 1951/1952

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estrada de Ferro	julho/abril	1.ª dezena maio	2.ª dezena maio	3.ª dezena maio	Totais
Santos a Jundiaí	128 990	—	530	3 834	133 354
Sorocabana	943 928	—	—	2 774	946 702
Paulista	1 901 283	515	1 456	18 683	1 921 937
Mogiana	514 673	100	123	1 008	515 904
Araraquara	626 322	688	7 077	42 726	676 813
N. Brasil	1 287 022	—	—	23 399	1 310 421
C. Brasil	540	—	—	—	540
Estrada de Rodagem	402	—	—	—	402
Total	**5 403 160**	**1 303**	**9 186**	**92 424**	**5 506 073**

NOTAS: Os despachos nas EE.FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferroviário	Rodoviário	Ferroviário	Rodoviário	
julho/abril	348 160	337 870	8 732	53 621	748 383
1.ª dez. maio	—	—	—	—	—
2.ª dez. maio	—	3 680	—	—	3 680
3.ª dez. maio	6 855	21 340	—	—	28 195
Total	**355 015**	**362 890**	**8 732**	**53 621**	**780 258**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	julho/abril	1.ª dezena maio	2.ª dezena maio	3.ª dezena maio	Totais
Paraná	137 198	—	—	*1 700	138 898
Minas Gerais	108 853	—	* —	* —	108 853
Goiás	21 298	—	—	* —	21 298
Goiás (Rod.)	1 500	—	—	—	1 500
Mato Grosso	5 982	—	—	—	5 982
Total	**274 831**	—	—	**1 700**	**276 531**

(*) Incompletos

SAFRA 1951/1952 — (ATÉ 31 DE MAIO DE 1952)
MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS

Paulista	Despachado	Destino Alterado	Total	Liberado	A liberar
Anteriores	1 727 883	2 179	1 725 704	1 725 704	—
2.ª Agôsto 51	420 597	—	420 597	420 597	—
3.ª " "	648 914	138	648 776	648 776	—
1.ª Setembro "	429 157	160	428 997	428 855	142
2.ª " "	552 448	1 024	551 424	550 036	1 388
3.ª " "	* 440 963	6 305	434 658	432 608	2 050
1.ª Outubro "	302 296	2 293	300 003	297 058	2 945
2.ª " "	193 287	3 684	189 603	52 663	136 940
3.ª " "	**189 277	4 635	184 642	—	184 642
1.ª Novembro "	80 893	590	80 303	—	80 303
2.ª " "	76 477	440	76 037	—	76 037
3.ª " "	66 946	1 400	65 546	—	65 546
1.ª Dezembro "	57 160	1 171	55 989	—	55 989
2.ª " "	58 588	1 825	56 763	—	56 763
3.ª " "	39 105	208	38 897	—	38 897
1.ª Janeiro 52	20 145	2 096	18 049	—	18 049
2.ª " "	18 711	—	18 711	—	18 711
3.ª " "	20 853	—	20 853	—	20 853
1.ª Fevereiro "	12 087	500	11 587	—	11 587
2.ª " "	11 842	—	11 842	—	11 842
3.ª " "	6 026	—	6 026	—	6 026
1.ª Março "	3 485	—	3 485	—	3 485
2.ª " "	4 128	—	4 128	—	4 128
3.ª " "	4 175	—	4 175	—	4 175
1.ª Abril "	300	—	300	—	300
2.ª " "	1 441	—	1 441	—	1 441
3.ª " "	1 177	—	1 177	—	1 177
1.ª Maio "	1 303	—	1 303	—	1 303
2.ª " "	9 186	—	9 186	—	9 186
3.ª " "	92 424	—	92 424	—	92 424
Total	**5 491 274**	**28 648**	**5 462 626**	**4 556 297**	**906 329**
Despolpado	14 397	—	14 397	14 397	—
Rodoviário	402	402	—	—	—
Total Geral	**5 506 073**	**29 050**	**5 477 023**	**4 570 694**	**906 329**
(Outros Estados) (até 3.ª dez. Maio)					
Paranaense	138 898	710	138 188	93 694	44 494
Mineiro	108 853	872	107 981	91 058	16 923
Goiano	21 298	333	20 965	18 682	2 283
Goiano (Rod.)	1 500	—	1 500	1 130	370
Matogrossense	5 982	—	5 982	5 382	600
Total	**276 531**	**1 915**	**274 616**	**209 946**	**64 670**

OBS.: Destino alterado p/ "Rio de Janeiro" 1 646
Destino alterado p/ "Interior e Cap." 27 002 28 648

Safra 50/51 — Por liberar (dependendo de Ação Judicial) 1 080

* Destino Alterado .

** Anulado

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

ABRIL DE 1952

Saca de 60 quilos

Pôrto de embarque	Exterior	Consumo de bordo	Cabotagem	Total
ABRIL —				
Santos	416 971	165	951	418 087
Rio de Janeiro	176 522	38	390	176 850
Vitória	20 672	—	19 293	39 965
Paranaguá	313 857	3	1 312	315 172
Angra dos Reis	9 977	—	—	9 977
Salvador	165	—	1 063	1 228
Recife	625	—	—	625
Total	**938 789**	**206**	**23 009**	**962 004**
Janeiro	1 510 375	293	26 901	1 537 569
Fevereiro	1 405 445	171	34 004	1 439 660
Março	1 496 154	219	22 899	1 519 272
Total de Janeiro a Abril	**5 350 763**	**889**	**106 853**	**5 458 505**

NOTA: — Cifras sujeitas a retificação.

O PRECEITO DO DIA

COMO SE ACUMULAM VENENOS

Pela transpiração, elimina-se parte dos resíduos formados no interior do organismo. O movimento e o exercício, aumentando a transpiração, facilitam a eliminação dessas impurezas pelo suor. Eis por que a vida sedentária, em outras palavras, a falta de atividade e de exercícios, é sempre prejudicial à saúde.

Evite a intoxicação do organismo ativando a transpiração por meio de exercícios moderados. — SNES.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

I — Detalhe pelos países de destino

ABRIL de 1952

DESTINO	Quantidade em (sacas de 60 quilos	Valor em (Cruzeiros)
AFRICA:		
LÍBIA: Trípoli	428	500 850
MARROCOS FRANCÊS:		
Casablanca	100	127 547
SUDOESTE AFRICANO:	175	196 350
Luderitz Bay	50	55 357
Walvis Bay	125	140 993
TANGER:	100	112 371
UNIÃ SUL AFRICANA:	6 569	7 616 229
Cape Town	1 125	1 271 901
Durban	3 833	4 477 824
Mossel Bay	761	894 341
Pôrto Elizabeth	850	972 163
AMÉRICA DO NORTE:		
CANADÁ:	18 251	22 415 194
Hamilton	180	214 905
London	250	311 410
Montreal	10 971	13 506 920
Toronto	1 850	2 281 539
Vancouver	4 750	5 787 053
Winnipeg	250	313 367
ESTADOS UNIDOS:	555 954	677 891 348
Baltimore	74 617	91 449 856
Boston	23 350	28 681 251
Charleston	8 500	9 864 659
Filadélfia	8 515	10 357 212
Houston	31 928	38 744 761
Jacksonville	14 750	18 154 159
Los Ângeles	28 900	35 461 979
New Orleans	104 942	125 600 803
New York	191 703	234 793 796
Norfolk	6 052	7 249 519
Portland	3 875	4 741 840
São Francisco	55 819	69 129 966
Seattle	2 753	3 359 634
Tacoma	250	301 913
AMÉRICA DO SUL:		
ARGENTINA:	18 069	20 982 932
Buenos Aires	15 836	18 497 296
Rosário	2 233	2 485 636

DESTINO	Quantidade em (sacas de 60 quilos	Valor em (Cruzeiros)
CHILE:	8 037	8 196 735
Antofagasta	100	104 082
Corral	150	148 308
Punta Arenas	200	199 340
Talcahuano	2 242	2 298 623
Valparaiso	5 345	5 446 382
PARAGUAI: Assunção	300	377 273
ASIA:		
CHIPRE:Famagusta	10 000	10 901 138
JAPÃO:	1 710	2 242 737
Cobe	1 047	1 371 055
Iocoama	663	871 682
JORDÂNIA: Aman	295	337 837
TURQUIA:	3 041	3 488 448
Smyrna	1 375	1 544 586
Stambul	1 666	1 943 862
EUROPA:		
ALEMANHA:	62 325	83 733 702
Bremen	12 611	17 018 240
Hamburgo	47 814	64 176 877
Heilbornn	400	534 439
Verdingen	1 500	2 004 146
ÁUSTRIA: via Trieste	384	440 414
BELGO-LUXEMBURGUESA, U.E. Antuérpia	10 357	12 625 928
DINAMARCA: Copenhague	15 015	18 387 552
FINLÂNDIA: Helsinki	27 999	33 524 504
FRANÇA:	41 167	50 627 167
Bordeaux	3 766	4 495 125
Dunquerque	1 000	1 185 756
Havre	34 284	42 340 722
Marselha	1 950	2 388 165
Strasburgo	167	317 399
GIBRALTAR:	516	567 398
GRÃ-BRETANHA:	48 750	59 751 265
Liverpool	21 750	26 812 405
Londres	22 000	26 946 640
Manchester	5 000	5 992 220
GRÉCIA: Pireus	8 415	9 944 003
HOLANDA:	6 083	7 712 347
Amsterdam	5 833	7 392 622
Rotterdam	250	319 725

DESTINO	Quantidade em (sacas de 60 quilos	Valor em (Cruzeiros)
IRLANDA: Dublin	250	324 053
ITÁLIA:	8 092	10 242 855
Bari	74	99 132
Catânia	366	403 625
Gênova	4 000	5 179 535
Livorno	150	199 256
Nápoles	1 013	1 257 361
Pôrto Tôrres	82	97 891
Riposto	63	75 577
Spezia	1 342	1 610 746
Veneza	1 002	1 319 732
MALTA: La Valeta	1 100	1 227 638
NORUEGA:	29 500	36 790 665
Bergen	5 500	6 847 875
Oslo	17 000	21 212 610
Stavanger	1 000	1 241 100
Trondhjen	6 000	7 489 080
SUÉCIA:	50 774	65 269 565
Estocolmo	25 424	31 405 673
Gotemburgo	18 500	23 764 112
Helsingborg	6 550	8 440 390
Malmo	1 300	1 659 390
SUIÇA: via Antuérpia	5 000	5 635 308
OCEANIA:		
NOVA ZELÂNDIA: Wellington	33	42 166
TOTAL GERAL	**938 789**	**1 152 233 519**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

II — Detalhe pelos portos de procedência

JANEIRO a ABRIL de 1952

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
AFRICA:			
Canárias	Rio de Janeiro	5 442	5 400 620
	Vitória	2 500	2 429 513
	Total	**7 942**	**7 830 133**
Egito	Santos	250	312 731
	Rio de Janeiro	13 496	14 342 819
	Vitória	2 000	2 093 249
	Total	**15 746**	**16 748 799**
Líbia	Rio de Janeiro	2 478	2 906 741
Marrocos Espanhol	Vitória	3 500	3 465 514
Marrocos Francês	Rio de Janeiro	1 875	1 950 888
	Vitória	10 231	10 696 537
	Total	**12 106**	**12 647 425**
Rodésia do Sul	Santos	50	62 939
Sudão Anglo-Egípcio	Rio de Janeiro	2 166	2 193 985
Sudoeste Africano	Rio de Janeiro	300	327 434
Tanger	Rio de Janeiro	100	112 371
	Vitória	2 500	2 839 253
	Total	**2 600**	**2 951 624**
União Sul Africana	Santos	2 196	2 741 757
	Rio de Janeiro	17 799	19 351 072
	Total	**19 995**	**22 092 829**
AMÉRICA DO NORTE:			
Canadá	Santos	58 653	72 865 062
	Rio de Janeiro	3 530	4 245 435
	Angra dos Reis	750	897 814
	Paranaguá	18 658	22 575 782
	Total	**81 591**	**100 584 093**
Estados Unidos	Santos	1 696 839	2 100 669 516
	Rio de Janeiro	540 925	641 029 296
	Vitória	49 800	47 919 437
	Angra dos Reis	79 326	97 587 880
	Paranaguá	742 270	896 110 707
	Recife	500	597 442
	Total	**3 109 660**	**3 783 914 278**

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
AMÉRICA DO SUL:			
Argentina	Santos	22 770	28 823 828
	Rio de Janeiro	65 677	74 289 857
	Vitória	21 662	22 436 768
	Paranaguá	192	263 040
	Total	**110 301**	**125 813 493**
Chile	Santos	150	192 992
	Rio de Janeiro	3 344	3 792 587
	Vitória	20 420	20 765 753
	Total	**23 914**	**24 751 332**
Paraguai	Rio de Janeiro	1 500	1 907 841
Uruguai	Rio de Janeiro	4 050	4 272 561
ÁSIA:			
Aden	Rio de Janeiro	170	180 340
Chipre	Santos	175	225 476
	Rio de Janeiro	17 140	18 744 515
	Vitória	250	250 887
	Total	**17 565**	**[illegible] 220 878**
Filipinas	Santos	325	409 472
Iraque	Rio de Janeiro	45 936	49 220 470
Israel	Rio de Janeiro	169	190 229
Japão	Santos	5 395	7 018 816
Jordânia	Rio de Janeiro	4 693	4 908 208
Líbano	Rio de Janeiro	2 990	3 013 108
Síria	Rio de Janeiro	415	417 893
Turquia	Rio de Janeiro	26 941	29 542 695
EUROPA:			
Alemanha	Santos	203 858	268 779 984
	Rio de Janeiro	19 788	24 895 961
	Angra dos Reis	4 403	5 546 000
	Paranaguá	9 017	11 328 305
	Bahia	302	373 354
	Total	**237 368**	**310 923 604**
ÁUSTRIA	Santos	282	354 752
	Rio de Janeiro	642	757 605
	Total	**924**	**1 112 357**

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Belgo-Lux. U.E.	Santos	45 376	58 251 146
	Rio de Janeiro	45 079	50 961 252
	Vitória	8 378	8 586 655
	Paranaguá	14 143	17 442 059
	Total	**112 976**	**135 241 112**
Dinamarca	Santos	70 759	87 938 683
	Rio de Janeiro	24 601	28 267 808
	Total	**95 360**	**116 206 491**
Finlândia	Santos	72 293	92 847 667
	Rio de Janeiro	139 998	151 469 579
	Total	**212 291**	**244 317 246**
França	Santos	83 375	107 256 995
	Rio de Janeiro	137 375	154 537 010
	Vitória	12 362	11 868 642
	Paranaguá	18 543	22 869 962
	Bahia	1 660	2 048 277
	Recife	12 540	15 340 943
	Total	**265 855**	**313 921 829**
Gibraltar	Rio de Janeiro	3 432	3 646 801
	Vitória	2 000	1 946 204
	Total	**5 432**	**5 593 005**
Grã-Bretanha	Santos	20 000	24 844 143
	Rio de Janeiro	40 280	44 433 503
	Paranaguá	102 652	123 814 188
	Bahia	250	290 257
	Total	**163 092**	**193 382 091**
Grécia	Rio de Janeiro	17 055	19 542 190
Holanda	Santos	94 724	120 353 381
	Rio de Janeiro	21 135	23 223 133
	Vitória	5 125	5 209 962
	Angra dos Reis	1 000	1 214 400
	Paranaguá	11 097	13 879 194
	Bahia	500	605 640
	Total	133 581	164 485 710
Irlanda	Santos	250	324 053
Islândia	Rio de Janeiro	6 020	6 775 533
Itália	Santos	52 862	68 589 932
	Rio de Janeiro	37 976	40 805 200
	Vitória	14 209	14 134 914
	Paranaguá	2 529	3 175 488
	Bahia	2 517	2 977 352
	Recife	3 201	3 743 050
	Total	**113 294**	**133 425 936**
Iugoslávia	Santos	3 662	4 606 745
	Rio de Janeiro	4 000	4 279 746
	Total	**7 662**	**8 886 491**

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Malta	Rio de Janeiro	3 100	3 493 921
	Vitória	110	106 615
	Total	**3 210**	**3 600 536**
Noruega	Santos	36 250	44 934 266
	Rio de Janeiro	26 250	32 355 000
	Paranaguá	30 500	37 235 400
	Total	**93 000**	**114 524 666**
Polônia	Rio de Janeiro	1 646	1 974 968
Suécia	Santos	267 047	342 033 855
	Rio de Janeiro	48 502	55 260 387
	Angra dos Reis	9 825	12 425 171
	Paranaguá	13 726	16 829 153
	Bahia	863	1 096 608
	Total	**339 963**	**427 645.174**
Suíça	Santos	1 275	1 675 037
	Rio de Janeiro	19 896	22 432 739
	Vitória	5 000	5 026 174
	Total	**26 171**	**29 133 950**
Tchecoslováquia	Rio de Janeiro	3 500	3 859 800
Trieste	Santos	5 985	7 327 860
	Rio de Janeiro	2 598	2 812 140
	Vitória	500	475 527
OCEANIA:	**Total**	**9 083**	**10 615 527**
Austrália	Santos	499	634 042
Nova Zelândia	Santos	33	42 166
TOTAL GERAL:		**5 350 768**	**6 472 761 607**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

III — Detalhe do volume em sacas de 60 quilos, pelos paises do destino, segundo a procedência

JANEIRO A ABRIL DE 1952

PORTOS DE DESTINOS	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Para-naguá	Bahia	Recife	TOTAL
AFRICA:								
CANÁRIAS:								
Las Palmas	—	2 500	—	—	—	—	—	2 500
Tenerife	—	2 942	2 500	—	—	—	—	5 442
EGITO. Alexandria	250	13 496	2 000	—	—	—	—	15 746
LÍBIA:								
Bengazi	—	2 000	—	—	—	—	—	2 000
Trípoli	—	478	—	—	—	—	—	478
MARROCOS ESPANHOL:								
via Tanger	—	—	3 500	—	—	—	—	3 500
MARROCOS FRANCÊS:								
Casablanca	—	1 875	10 231	—	—	—	—	12 106
RODÉSIA DO SUL: via Beira	50	—	—	—	—	—	—	50
SUDÃ ANGLO-EGÍPCIO:								
Pôrto Sudão	—	2 166	—	—	—	—	—	2 166
SUDOESTE AFRICANO:								
Luderitz Bay	—	75	—	—	—	—	—	75
Walvis Bay	—	225	—	—	—	—	—	225
TANGER:	—	100	2 500	—	—	—	—	2 600
UNIÃO SUL AFRICANA:								
Cape Town	363	4 650	—	—	—	—	—	5 013
Durban	1 608	7 541	—	—	—	—	—	9 149
Mossel Bay	—	2 483	—	—	—	—	—	2 483
Port Elizabeth	225	3 125	—	—	—	—	—	3 350

PORTOS DE DESTINOS	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
AMÉRICA DO NORTE:								
CANADÁ:								
Hamilton					180	—	—	180
Halifax	2 350	250	—	—	250	—	—	2 850
London	500	—	—	—	—	—	—	500
Montreal	35 790	500	—	—	1 918	—	—	38 208
Saint John	500	—	—	—	—	—	—	500
Toronto	5 748	400	—	—	1 250	—	—	7 398
Vancouver	12 415	1 630	—	750	14 060	—	—	28 855
Winnipeg	1 000	750	—	—	1 000	—	—	2 750
via Nova York	350	—	—	—	—	—	—	350
ESTADOS UNIDOS:								
Baltimore	138 363	27 842	250	1 000	73 017	—	500	240 972
Boston	57 668	10 825	—	625	36 626	—	—	105 744
Charleston	3 823	6 000	—	—	3 000	—	—	12 823
Corpus Christi	—	—	—	1 000	2 000	—	—	3 000
Filadélfia	28 041	6 000	—	—	5 652	—	—	39 693
Houston	54 694	60 828	4 500	5 642	50 026	—	—	175 690
Jacksonville	93 000	21 250	—	—	3 000	-	—	117 250
Los Ângeles	33 592	15 701	—	3 500	54 415	—	—	107 208
New Orleans	345 668	148 247	43 775	29 295	187 011	—	—	753 996
New York	748 556	193 410	275	12 662	288 468	—	—	1 243 371
Norfolk	21 155	3 000	1 000	—	3 750	—	—	28 905
Portland	7 218	2 625	—	1 250	7 700	—	—	18 793
São Francisco	112 987	41 197	—	22 852	17 580	—	—	194 616
Seattle	52 074	4 000	—	1 500	7 525	—	—	65 099
Tacoma	—	—	—	—	2 500	—	—	2 500
AMÉRICA DO SUL:								
ARGENTINA:								
Buenos Aires	22 770	58 262	19 914	—	192	—	—	101 138
Rosário	—	7 415	1 748	—	—	—	—	9 163

PORTOS DE DESTINOS	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
CHILE:								
Antofagasta	—	—	215	—	—	—	—	215
Arica	—	—	40	—	—	—	—	40
Coquimbo	—	—	45	—	—	—	—	45
Corral	—	—	280	—	—	—	—	280
Iquique	—	—	60	—	—	—	—	60
Puerto Montt	—	—	60	—	—	—	—	60
Punta Arenas	—	125	769	—	—	—	—	894
Talcahuano	—	592	4 267	—	—	—	—	4 859
Valparaiso	150	2 627	14 684	—	—	—	—	17 461
PARAGUAI: Assunção	—	1 500	—	—	—	—	—	1 500
URUGUAI: Montevidéu	—	4 050	—	—	—	—	—	4 050
ÁSIA:								
ADEN: via Beirute	—	170	—	—	—	—	—	170
CHIPRE:								
Famagusta	175	12 252	—	—	—	—	—	12 427
Larnaca	—	2 322	250	—	—	—	—	2 572
Limassol	—	2 566	—	—	—	—	—	2 566
FILIPINAS: Manila	325	—	—	—	—	—	—	325
IRAQUE: via Beirute	—	45 936	—	—	—	—	—	45 936
ISRAEL: Gaza	—	169	—	—	—	—	—	169
JAPÃO								
Cobe	2 257	—	—	—	—	—	—	2 257
Iocoama	3 033	—	—	—	—	—	—	3 033
Osaca	105	—	—	—	—	—	—	105
JORDÂNIA: Aman	—	4 693	—	—	—	—	—	4 693
LÍBANO: Beirute	—	2 990	—	—	—	—	—	2 990
SÍRIA: Lattakia	—	415	—	—	—	—	—	415
TURQUIA:								
Smyrna	—	6 250	—	—	—	—	—	6 250
Stambul	—	20 691	—	—	—	—	—	20 691

PORTOS DE DESTINOS	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
EUROPA:								
ALEMANHA:								
Bremen	56 170	4 854	—	1 174	1 844	—	—	64 042
Frankfurt	8 038	—	—	—	—	—	—	8 038
Hamburgo	137 525	14 934	—	3 229	7 173	302	—	163 163
Heilborn	400	—	—	—	—	—	—	400
Verdingen	1 725	—	—	—	—	—	—	1 725
ÁUSTRIA:								
via Amsterdam	282	—	—	—	—	—	—	282
via Trieste	—	642	—	—	—	—	—	642
BELGO-LUXEMBURGUESA, U. E:								
Antuérpia	45 376	45 079	8 378	—	14 143	—	—	112 976
DINAMARCA: Copenhague	70 759	24 601	—	—	—	—	—	95 360
FINLÂNDIA: Helsinki	72 293	139 998	—	—	—	—	—	212 291
FRANÇA:								
Bordeaux	2 000	7 766	—	—	250	—	890	10 906
Dunquerque	1 000	20 425	750	—	1 250	—	—	23 425
Havre	58 709	87 844	4 487	—	16 168	535	9 900	177 643
Marselha	19 916	19 183	7 125	—	875	650	1 750	49 499
Strasburgo	1 750	2 157	—	—	—	475	—	4 382
GIBRALTAR:	—	3 432	2 000	—	—	—	—	5 432
GRÃ-BRETANHA:								
Liverpool	—	—	—	—	33 250	—	—	33 250
Londres	20 000	40 280	—	—	64 312	250	—	124 842
Manchester	—	—	—	—	5 000	—	—	5 000
GRÉCIA: Pireus	—	17 055	—	—	—	—	—	17 055
HOLANDA:								
Amsterdam	81 491	20 635	2 625	1 000	9 472	500	—	115 723
Rotterdam	13 233	500	2 500	—	1 625	—	—	17 858
ISLÂNDIA: Reykjavik	—	6 020	—	—	—	—	—	6 020
IRLANDA: Dublin	250	—	—	—	—	—	—	250

PORTOS DE DESTINOS	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Para-naguá	Bahia	Recife	TOTAL
ITÁLIA:								
Ancona	235	165	—	—	—	—	—	400
Bari	266	262	125	—	—	—	—	653
Gagliari	—	125	—	—	—	—	—	125
Catânia	276	965	288	—	—	—	—	1 529
Gênova	28 029	7 540	7 107	—	1 950	1 848	2 368	48 842
Livorno	2 966	737	698	—	125	—	—	4 526
Messina	31	320	382	—	—	—	—	733
Monfalcone	168	969	250	—	—	389	125	1 891
Nápoles	11 485	16 919	2 327	—	329	165	—	31 225
Palermo	235	2 363	220	—	—	—	—	2 818
Pôrto Tôrres	190	545	442	—	—	—	—	1 177
Riposto	—	188	74	—	—	—	—	262
Spezia	689	910	—	—	—	—	—	1 599
Veneza	8 292	5 978	2 296	—	125	115	708	17 514
IUGOSLÁVIA:								
Rijeka	—	4 000	—	—	—	—	—	4 000
via Trieste	3 662	—	—	—	—	—	—	3 662
MALTA: Valeta	—	3 100	110	—	—	—	—	3 210
NORUEGA:								
Bergen	6 500	4 000	—	—	6 500	—	—	17 000
Oslo	22 000	19 000	—	—	16 500	—	—	57 500
Stavanger	2 000	—	—	—	—	—	—	2 000
Trondjen	5 750	3 250	—	—	7 500	—	—	16 500
POLÔNIA: Gdnia	—	1 646	—	—	—	—	—	1 646
SUÉCIA:								
Estocolmo	121 361	36 709	—	4 675	9 749	620	—	173 114
Gefle	—	500	—	—	—	—	—	500
Gotemburgo	89 824	6 993	—	2 775	2 964	243	—	102 799
Helsingborg	29 291	2 675	—	2 375	625	—	—	34 966
Malmo	26 571	1 625	—	—	388	—	—	28 584

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDENCIA							
	Santos	R. Jaeniro	Vitória	A. dos Reis	Para-naguá	Bahia	Recife	TOTAL
SUÍÇA:								
via Amsterdam	1 275	7 194	500	—	—	—	—	8 969
via Antuérpia	—	9 446	—	—	—	—	—	9 446
via Gênova	—	2 506	4 000	—	—	—	—	6 506
via Rotterdam	—	250	—	—	—	—	—	250
via Trieste	—	500	500	—	—	—	—	1 000
TCHECOSLOVÁQUIA:								
via Hamburgo	—	3 500	—	—	—	—	—	3 500
TRIESTE:	5 985	2 598	500	—	—	—	—	9 083
OCEANIA:								
AUSTRÁLIA: Sydney	499	—	—	—	—	—	—	499
NOVA ZELÂNDIA: Wellington	33	—	—	—	—	—	—	33
TOTAL GERAL:	**2 745 333**	**1 364 009**	**160 547**	**95 304**	**963 237**	**6 092**	**16 241**	**5 350 763**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

IV — Janeiro a Abril de 1952, em comparação com o mesmo período de 1952
1. Detalhe mensal

MESES	1951		1952		Diferença (para + ou —) em 1952	
	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)
Fevereiro	1 241 156	1 483 548 701	1 510 375	1 789 866 134	+ 269 219	+306 317 433
Janeiro	1 598 385	1 932 010 282	1 405 445	1 706 607 918	— 192 940	—225 402 364
Março	1 489 071	1 807 919 845	1 496 154	1 824 054 036	+ 7 083	+ 16 134 191
Abril	1 012 208	1 239 152 373	938 789	1 152 233 519	— 73 419	— 86 918 854
QUATRO MESES:	5 340 820	6 462 631 201	5 350 763	6 472 761 607	+ 9 943	+ 10 130 406
Maio	1 172 545	1 431 355 616	—	—	—	—
Junho	914 292	1 105 370 898	—	—	—	—
Julho	891 810	1 063 395 804	—	—	—	—
Agôsto	1 407 054	1 637 768 098	—	—	—	—
Setembro	1 533 400	1 784 172 843	—	—	—	—
Outubro	1 763 933	2 068 681 593	—	—	—	—
Novembro	1 651 876	1 940 311 786	—	—	—	—
Dezembro	1 682 278	1 963 133 699	—	—	—	—
ANO:	**16 358 008**	**19 456 821 538**	—	—	—	—

2. — Portos de Procêdencia

PROCEDÊNCIA PORTOS DE	1951		1952		Diferença (para + ou —) em 1952	
	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)
Santos	2 612 792	3 270 688 489	2 745 333	3 444 117 296	+ 132 541	+173 428 807
Rio de Janeiro	1 237 858	1 396 258 581	1 364 009	1 558 125 241	+ 126 151	+161 866 660
Vitória	109 154	114 540 903	160 547	160 251 604	+ 51 393	+ 45 710 701
Angras dos Reis	86 174	104 456 916	95 304	117 671 265	+ 9 130	+ 13 214 349
Paranaguá	1 252 228	1 526 610 583	963 237	1 165 523 278	— 288 991	—361 087 305
Bahia	10 290	12 143 320	6 092	7 391 488	— 4 198	— 4 751 832
Recife	32 324	37 932 409	16 241	19 681 435	— 16 083	— 18 250 974
TOTAL	**5 340 820**	**6 462 631 201**	**5 350 763**	**6 472 761 607**	**+ 9 943**	**+ 10 130 406**

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE ABRIL DE 1952

CONTINENTES	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA:	Alemanha	2.186	
	Áustria	384	
	Bélgica	2.030	
	Dinamarca	8.000	
	Finlândia	19.999	
	França	18.862	
	Gibraltar	516	
	Grã-Bretanha	5.000	
	Grécia	8.415	
	Holanda	125	
	Itália	1.827	
	Malta	1.100	
	Suécia	3.587	
	Suiça	5.000	
	Turquia	1.666	78.697
AMÉRICA DO NORTE:	Estados Unidos	67.335	67.335
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	11.344	
	Chile	937	
	Paraguai	300	12.581
ÁFRICA:	Líbia	428	
	Marrocos Espanhol	100	
	Sudoeste Africano	175	
	Tânger	100	
	U. S. Africana	5.436	6.239
ÁSIA:	Chipre	10.000	
	Líbano	165	
	Transjordânia	130	
	Turquia	1.375	11.670
	Total p/ o exterior:		**176.522**
CABOTAGEM:	Norte	155	
	Sul	235	390
	TOTAL GERAL:		**176.912**

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ, NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE MAIO E SAFRA 1951/52

MESES	ENTRADAS	EMBARQUES
1951		
julho	279.271	282.021
agôsto	390.108	410.182
setembro	442.806	531.090
1.º trimestre:	**1.112.185**	**1.223.293**
outubro	703.560	615.614
novembro	729.740	509.561
dezembro	766.711	611.090
2.º trimestre:	**2.200.011**	**1.736.265**
1.º semestre:	**3.312.196**	**2.959.558**
1952		
janeiro	400.023	455.039
fevereiro	401.736	308.851
março	400.000	425.783
3.º trimestre:	**1.201.759**	**1.189.673**
9 meses:	**4.513.955**	**4.149.231**
abril	293.562	176.912
maio	192.028	160.291

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE MAIO DE 1952

VIAS	PROCEDÊNCIAS					Total
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Bahia	
E. F. C. do Brasil	1.430	1.387	—	—	—	**2.817**
E. F. Leopoldina	—	6.425	3.633	14.344	—	**24.402**
Regulador	—	—	—	25.227	—	**25.227**
Rodoviário	12.354	32.807	12.201	78.935	3.285	**139.582**
Totais:	**13.784**	**40.619**	**15.834**	**118.506**	**3.285**	**192.028**

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA 1951/1952

MÊSES	ENTRADAS						MOVIMENTO			
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Matogrossense	Total	Embarques	Despachos	Café Retirado do estoque	Existência
Julho	320 910	20 956	5 555	27 791	—	375 212	463 494	465 670	1 970	1 477 517
Agôsto	446 425	30 019	2 331	32 534	300	511 609	613 037	595 291	2 119	1 373 970
Setembro	597 479	26 722	4 567	37 531	1 528	667 927	582 738	621 612	1 895	1 457 264
Outubro	745 505	31 257	4 726	43 582	2 500	827 570	761 542	742 231	1 681	1 521 611
Novembro	736 049	29 750	2 203	87 366	2 362	857 730	718 554	781 513	1 835	1 658 952
Dezembro	611 373	17 229	2 456	157 802	1 759	790 619	640 042	570 482	1 676	1 807 853
Janeiro	726 695	13 516	5 835	161 205	—	907 251	750 356	749 757	1 691	1 963 057
Fevereiro	699 660	15 160	2 909	8 977	733	727 439	774 516	773 786	5 635	1 910 345
Março	624 880	7 940	2 000	6 480	495	641 795	802 204	798 177	1 631	1 748 305
Abril	476 537	8 255	2 389	2 134	1 600	490 915	416 894	415 065	3 280	1 819 046
Maio	405 686	7 186	1 419	10 364	300	424 955	547 836	538 512	5 509	1 690 656
Total	6.391.199	207.990	36 390	575 766	11 677	7 223 022	7 071 213	7 052 096	28 922	

SANTOS

DIA			Est. de Café em Santos em poder do D.N.C.		
	pachos	Café retirado do estoque	Existência em poder do D.N.C.	Vendas	Existência
2	3 195	—	438	26 975	1 819 076
3	5 148	—	438	17 039	1 813 383
5	4 800	—	438	16 076	1 817 569
6	9 339	—	438	26 043	1 799 527
7	6 471	—	438	21 852	1 798 657
8	4 378	1 727	538	19 648	1 795 150
9	8 518	—	438	31 746	1 779 499
10	6 162	—	438	11 107	1 768 495
12	4 297	—	438	18 735	1 772 341
13	7 695	—	438	21 660	1 758 583
14	6 665	—	438	53 751	1 763 334
15	6 958	—	438	23 335	1 765 693
16	8 866	—	438	40 726	1 778 691
17	3 348	—	438	14 518	1 779 175
19	5 931	—	438	20 941	1 767 977
20	5 885	—	438	17 858	1 750 880
21	2 280	—	438	44 475	1 752 103
22	—	—	438	—	1 756 639
23	0 491	—	433	34 134	1 759 139
24	1 910	—	438	15 056	1 773 987
26	9 389	—	438	47 482	1 747 132
27	5 951	—	438	24 877	1 708 373
28	0 385	—	438	43 413	1 673 627
29	9 703	—	438	40 033	1 665 094
30	9 775	—	438	25 184	1 678 907
31	0 972	3 782	438	19 607	1 690 656
TOTAL	**8 512**	**5 509**	**—**	**676 271**	**—**

IO DE JANEIRO

ARQUES					
ıbotagem	Total	Revertido ao merc.	Retirado do merc.	Consumo local	Existência
—	2 500	—	38	2 100	703 584
—	11 089	—	—	1 050	691 445
75	1 423	—	—	1 050	694 860
—	—	—	—	1 050	697 699
—	—	—	—	1 050	703 882
—	24 167	—	100	1 050	681 614
—	7 600	—	100	1 050	676 488
—	8 422	—	—	1 050	667 016
100	6 056	—	—	1 050	662 629
—	2 125	—	200	1 050	673 788
—	1 298	—	70	1 050	681 854
—	6 500	—	130	1 050	682 193
—	—	—	200	1 050	689 480
—	854	—	—	1 050	687 576
290	2 840	—	—	1 050	688 836
50	5 026	—	—	1 050	694 988
—	130	—	—	1 050	703 536
—	15 475	—	100	1 050	686 911
—	4 575	—	—	1 050	693 018
—	8 978	—	—	1 050	682 990
—	5 398	—	—	1 050	691 086
—	11 144	—	—	1 050	693 492
—	7 350	—	—	1 050	701 613
—	15 450	1 263	139	1 050	703 594
50	7 073	—	—	1 050	710 181
—	4 818	—	300	1 050	704 013
565	**160 291**	**1 263**	**1 277**	**28 350**	**—**

CAFÉ DISPONIVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1 9 5 2	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	TOTAL
Janeiro	1 963 057	600 183	86 452	6 177	592 008	68 414	18 028	3 334 319
Fevereiro	1 910 345	666 724	83 484	5 744	623 551	37 279	14 346	3 341 473
Março	1 748 305	613 124	66 938	4 974	599 087	29 686	10 811	3 072 925
Abril	1 819 046	700 638	52 623	5 971	489 312	27 003	10 771	3 105 364
ABRIL DE								
" 1951	1 591 003	650 954	23 444	13 296	422 871	11 094	26 241	2 738 903
" 1950	1 690 389	632 180	64 843	29 487	132 920	20 612	27 085	2 597 516
" 1949	2 224 502	672 194	21 918	70 517	183 757	7 793	27 438	3 208 119
" 1948	2 188 836	767 309	83 878	62 450	237 974	9 793	59 045	3 409 285

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

MAIO DE 1952

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIA	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Tipo 4 mole	Tipo 4 duro	5 sem descrição	Tipo 7	Tipo 7
2	196 50	194 50	192 50	164 00	148 10
5	196 50	194 50	192 50	166 00	150 80
6	196 50	194 50	192 50	165 00	150 80
7	196 50	194 50	192 50	166 50	150 90
8	197 00	194 50	192 50	166 50	151 00
9	197 00	194 50	192 50	166 50	150 60
12	197 00	194 50	192 50	165 00	151 70
13	197 00	194 50	192 50	165 50	149 30
14	197 00	194 50	192 50	164 50	148 90
15	197 00	194 50	192 50	164 50	148 80
16	197 00	194 50	192 50	165 50	149 00
19	196 50	194 50	192 00	165 00	148 10
20	196 00	194 50	192 00	165 00	147 80
21	196 50	194 50	192 00	164 00	148 00
23	196 50	194 50	191 50	163 00	147 00
26	196 50	194 50	191 50	164 50	147 00
27	196 50	194 50	191 50	164 50	147 00
28	196 50	194 50	191 50	165 50	148 50
29	196 50	194 50	191 50	167 50	148 80
30	196 50	194 50	191 50	166 00	149 70
Média	**196 65**	**194 00**	**192 12**	**165 22**	**149 14**

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr)

MAIO DE 1952

DIA	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole	Tipo 4	Tipo 7
1	52 75	52 25	54 00	53 00	—/—	47 25
2	52 75	52 25	54 00	53 00	"	47 25
5	52 75	52 25	54 00	53 00	"	47 25
6	53 00	52 50	54 50	53 50	"	47 25
7	53 00	52 50	54 50	53 50	"	47 25
8	53 00	52 50	54 50	53 50	"	47 75
9	53 00	52 50	54 50	53 50	"	47 75
12	53 00	52 50	54 50	53 50	"	47 75
13	52 75	52 25	54 25	53 25	"	47 75
14	53 00	52 50	54 50	53 50	"	47 75
15	53 00	52 50	54 50	53 50	"	47 75
16	53 00	52 50	54 50	53 50	"	47 75
19	53 00	52 50	53 50	54 50	"	47 75
20	53 00	52 50	54 50	53 50	"	47 75
21	53 00	52 50	54 25	53 25	"	47 75
22	53 00	52 50	54 25	53 25	"	47 75
23	53 00	52 50	54 50	53 50	"	47 75
26	53 00	52 50	54 50	53 50	"	47 75
27	53 00	52 50	54 50	53 50	"	47 75
28	53 00	52 50	54 50	53 50	"	47 75
29	53 00	52 50	54 50	53 50	"	47 75
Média	**52 95**	**52 88**	**54 39**	**53 15**	—	**47 63**

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Maio de 1952)

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS					
	3	10	17	24	31	MÉDIA
COLÔMBIA:						
Medelin Excelso	(2) 55 3/8	(2) 55 3/8	(2) 55 1/4	(2) 55 3/4	(2) 56 3/4	55 39/64
Armenia	(2) 55 3/8	(2) 55 3/8	(2) 55 1/4	(2) 55 3/4	(2) 56 3/4	55 39/64
Manizales	(2) 55 3/8	(2) 55 3/8	(2) 55 1/4	(2) 55 3/4	(2) 56 3/4	55 39/64
Cucutá	(2) 55 1/8	(2) 55 1/8	(2) 55 00	(2) 55 00	(2) 56 1/2	55 5/16
Bogotá	(2) 55 1/8	(2) 55 1/8	(2) 55 00	(2) 55 00	(2) 56 1/2	55 5/16
Tolima	(2) 55 1/8	(2) 55 1/8	(2) 55 00	(2) 55 00	(2) 56 1/2	55 5/16
COSTA RICA:						
Duro	(2) 55 3/4	(2) 55 3/4	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(2) 57 00	55 51/64
Atlântico Fino	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	(6) 54 3/4	(6) 54 3/4	(2) 56 3/4	55 29/64
EQUADOR:						
Lavado	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 53 1/2	(6) 53 1/2	(6) 64 00	53 51/64
Extra não lavado ...	(6) 48 00	(6) 48 00	(6) 47 3/4	(6) 47 3/4	(6) 48 00	49 29/32
GUATEMALA:						
Antigua	(6) 56 1/2	(6) 56 1/2	(2) 56 00	(2) 56 00	(6) 57 3/4	56 9/16
Extra primeira	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	(2) 53 1/2	(2) 53 1/2	(6) 56 3/4	54 25/32
Lavado bom	(2) 54 00	(2) 54 00	n/cot.	n/cot.	(6) 55 1/2	54 1/2
Bourbon	(2) 53 1/2	(2) 53 1/2	„	„	(6) 54 1/2	53 53/64
HAITÍ:						
Lavado bom mole ..	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 53 00	(6) 53 00	(6) 53 1/2	53 1/2
Catado à mão	(6) 50 1/4	(6) 50 1/4	(6) 49 3/4	(6) 49 3/4	(6) 50 1/2	50 3/32
HONDURAS:						
Lavado bom	(6) 56 1/4	(6) 56 1/4	(6) 56 00	(6) 56 00	(6) 56 1/2	56 13/64
Tipo 5 - comum duro	(6) 48 1/2	(6) 46 1/2	(6) 47 3/4	(6) 47 3/4	(6) 47 1/2	48 00

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Maio de 1952)

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS					
	3	10	17	24	31	MÉDIA
MÉXICO:						
Coatepec	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(2) 55 1/2	54 45/64
Tapachula primeira .	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(2) 54 00	(2) 54 00	(2) 55 1/2	54 1/2
NICARÁGUA:						
Matagalpa	(2) 54 00	(2) 54 00	(2) 53 3/4	(2) 53 3/4	n/cot.	53 7/8
Lavado primeira ...	(2) 53 3/4	(2) 53 3/4	(2) 53 1/2	(2) 53 1/2	"	53 5/7
EL SALVADOR:						
Lavado primeira ...	(6) 57 00	(6) 57 00	(6) 56 1/2	(6) 56 1/2	(Mon) 5700	56 51/64
S. DOMINGOS:						
Lavado bom mole ..	(6) 51 00	(6) 51 00	(6) 52 00	(6) 52 00	(6) 51 1/4	51 29/64
Fino	(6) 53 00	(6) 53 00	(6) 53 1/2	(6) 53 1/2	(6) 52 00	53 00
VENEZUELA:						
Maracaibo	(6) 55 00	(6) 55 00	(2) 54 3/4	(2) 54 3/4	(6) 55 3/4	55 3/64
CONGO BELGA:						
Lavado robusta	(2) 54 00	(2) 54 00	(2) 53 3/4	(2) 53 3/4	(2) 53 3/4	53 27/32
MOOCA:						
Mooca (Arabia)	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	(2) 55 00	(2) 55 00	(2) 55 1/2	55 19/64
N.E.I.:						
Genuino Java lavado	(6) 68 00	(6) 68 00	(2) 68 00	(2) 68 00	(2) 68 00	68 00
UGANDA:						
Lavado	(6) 45 00	(6) 45 00	(6) 44 1/2	(6) 44 1/2	(6) 44 1/2	44 45/64

INDICAÇÕES:
(1) C. & F. — U.S.A. (Nova York)
(2) Desembarcado à vista líquido
(3) Disponivel
(4) F.O.B. (Nova York)
(5) F.O.B. País de Procedência
(6) Nominal

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 grs.) — Contrato "S"

MAIO DE 1952

DIAS	MAIO		JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO		MARÇO		MAIO 1953	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	52 45	52 62	52 85	53 05	52 25	52 40	51 60	51 85	51 20	51 48	50 00	50 57
2	53 10	52 95	53 40	53 15	52 50	52 58	51 70	52 10	51 65	51 75	50 70	50 83
5	52 85	53 15	53 25	53 33	52 50	52 70	52 20	52 20	51 83	51 85	51 00	50 95
6	n/cot.	53 05	53 50	53 25	52 85	52 65	52 30	52 10	51 85	51 75	51 05	50 95
7	"	52 95	53 50	53 17	52 90	52 63	52 15	52 11	52 00	51 80	n/cot.	50 90
8	53 25	52 94	52 50	53 05	52 75	52 37	52 11	51 75	51 80	51 44	51 00	50 40
9	52 70	52 75	52 95	52 83	52 50	52 37	52 00	51 75	51 70	51 44	50 70	50 40
12	n/cot.	52 60	52 75	52 70	52 25	52 16	51 50	51 63	51 30	51 21	50 40	50 21
13	52 70	52 75	52 80	52 85	52 00	52 37	51 60	51 78	51 10	51 42	50 00	50 42
14	n/cot.	52 66	53 00	52 76	52 45	52 25	51 89	51 73	51 49	51 40	50 40	50 40
15	"	53 05	52 85	52 02	52 35	51 52	51 75	52 00	51 45	51 65	n/cot.	50 65
16	"	52 90	52 95	52 85	52 45	52 40	51 80	51 80	51 45	51 50	50 25	50 50
19	"	52 94	52 95	52 91	52 40	52 50	51 75	51 90	51 45	51 60	50 55	50 60
20	"	52 95	53 00	52 28	52 50	52 43	51 90	51 90	51 55	51 60	50 55	50 60
21	"	53 00	52 90	53 05	52 43	52 54	51 80	51 99	51 50	51 67	50 65	50 65
22	"	52 92	53 05	53 00	52 55	52 45	51 98	51 90	51 63	51 57	n/cot.	50 45
23	"	—	53 00	52 49	52 55	51 90	51 98	51 59	51 63	51 59	50 50	50 39
26	—	—	53 00	52 96	52 55	52 46	51 50	51 87	51 75	51 58	50 50	50 38
27	—	—	53 10	53 15	52 60	52 44	51 98	51 75	51 64	51 40	50 50	50 27
28	—	—	53 15	53 25	52 50	52 60	51 90	51 94	51 55	51 64	50 55	50 62
29	—	—	53 30	53 12	52 60	52 42	51 94	51 85	51 60	51 43	50 55	50 43
Média	**52 84**	**52 89**	**53 04**	**52 92**	**52 50**	**52 43**	**51 87**	**51 88**	**51 58**	**51 16**	**50 55**	**50 55**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Média diária, afixada pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo, no mês de

MAIO DE 1952

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Uruguai	Holanda	Suiça	Suécia	Dinamarca	Espanha	Portugal	Bélgica	França
2	52,4160	18,72	—	—	4,3572	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
3	52,4160	18,72	—	4,9308	4,3596	3,6209	2,7353	—	0,6572	—	0,0535
5	52,4160	18,72	—	—	—	—	2,7353	—	—	—	0,0535
6	52,4160	18,72	—	4,9308	4,3593	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
7	52,4160	18,72	—	—	4,3539	—	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
8	52,4160	18,72	—	—	4,3557	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
9	52,4160	18,72	7,0508	—	4,3557	3,6209	2,7353	—	0,6572	—	0,0535
10	52,4160	18,72	—	4,9308	4,3576	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
12	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	—	—	0,3778	0,0535
13	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
14	52,4160	18,72	—	—	4,3539	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
15	52,4160	18,72	—	—	4,3472	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
16	52,4160	18,72	—	4,9308	4,3500	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
17	52,4160	18,72	—	—	4,3500	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
19	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
20	52,4160	18,72	7,2700	—	4,3557	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
21	52,4160	18,72	—	—	4,3557	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
23	52,4160	18,72	—	4,9308	4,3557	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
24	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
26	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
27	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
28	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
29	52,4160	18,72	—	—	—	—	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
30	52,4160	18,72	—	—	4,3548	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
31	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
Média	**52,4160**	**18,72**	**7,1604**	**4,9308**	**4,3548**	**3,6209**	**2,7353**	**1,7096**	**0,6572**	**0,3778**	**0,0535**

CÂMBIO

1952

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos desta praça, durante Maio.

PAISES	MOEDAS	COMPRAS	VENDAS
Argentina	Pesos	—	20
Bélgica	Francos	66.341.081	73.414.342
Dinamarca	Corôas	2.376.638	2.579.965
Espanha	Pesetas	30.540	736
Estados Unidos (U.S.A.)	Dólares	26.179.468	27.653.352
França	Francos	1.833.341.812	1.933.512.490
Holanda	Florins	521.069	179.455
Inglaterra	Libras	585.643	556.980
Portugal	Escudos	5.265	239.732
Suécia	Corôas	12.305.219	14.569.744
Suiça	Francos	211.732	601.737
Uruguai	Pesos	118	175
CONVÊNIOS			
US$ Alemanha		5.935.754	7.974.585
US$ Áustria		221.117	166.229
US$ Chile		212.385	433.821
US$ Itália		1.514.801	1.956.048
US$ Japão		2.367.801	2.443.701
US$ Portugal		267.521	359.148
US$ Uruguai		2.193	5.272
Brasileiro-Argentino		Cr$ 8.434,50	Cr$ 1.644.087,60
Brasileiro-Holandês		Cr$ —	Cr$ 129.286,50
Brasileiro-Norueguês		Cr$ 25.263,50	Cr$ 1.777 771,00

Resumo dos negócios realizados no mês de MAIO de 1952

MOEDAS	QUANTIDADE	VALOR EM CR$
Corôas Dinamarquesas	2.711.020	7.415.452,00
Corôa Suécia	17.495.251	63.348.556,00
Dólares	42.193.721	789.866.461,00
Escudos	140.090	92.067,00
Florins	1.257.786	6.201.889,00
Francos Belgas	75.920.376	28.682.718,00
Francos Franceses	2.498.851.383	133.688.549,00
Francos Suiços	972.738	4.236.079,00
Libras	1.400.737	73.421.040,00
Pesetas	27.010	46.176,00
Pesos Uruguaios	141	1.013,00
TOTAL		**1.107.000.000,00**

Total em Libras e Dólares de acôrdo com a média mensal à vista sôbre a Inglaterra e Estados Unidos, afixada êste mês por esta Bolsa.

£ .... 21.119.505 = 52,4160
US$ .... 59.134.615 = 18,72—

Total computado em Maio de 1951.......... 2.339.000.000,00
Total computado em Abril de 1952 .... 1.090.000.000,00
Total computado em Maio de 1952.......... 1.107.000.000,00

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I — MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

MAIO DE 1952

DIA	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa	Holanda Florim
2	52,41 60	18,72 00	4,35 96	0,65 72	1,33 91	6,97 21	3,62 09	—
3	52,41 60	18,72 00	4,36 15	0,65 72	1,33 91	6,97 21	3,62 09	—
5	52,41 60	18,72 00	4,36 15	0,65 72	1,33 91	6,97 21	3,62 09	—
6	52,41 60	18,72 00	4,36 76	0,65 72	1,33 91	6,97 21	3,62 09	—
7	52,41 60	18,72 00	4,35 57	0,65 72	1,33 91	7,05 08	3,62 09	—
8	52,41 60	18,72 00	4,35 57	0,65 72	1,33 91	7,18 62	3,62 09	—
9	52,41 60	18,72 00	4,35 76	0,65 72	1,33 91	7,13 14	3,62 09	—
10	52,41 60	18,72 00	4,35 76	0,65 72	1,34 00	7,15 87	3,62 09	—
12	52,41 60	18,72 00	4,35 76	0,65 72	1,34 00	7,15 87	3,62 09	—
13	52,41 60	18,72 00	4,35 39	0,65 72	1,34 00	7,14 50	3,62 09	—
14	52,41 60	18,72 00	4,35 20	0,65 72	1,34 00	7,24 18	3,62 09	—
15	52,41 60	18,72 00	4,35 00	0,65 72	1,34 00	7,32 68	3,62 09	—
16	52,41 60	18,72 00	4,35 00	0,65 72	1,34 00	7,29 82	3,62 09	—
17	52,41 60	18,72 00	4,35 39	0,65 72	1,34 00	7,26 99	3,62 09	—
19	52,41 60	18,72 00	4,35 39	0,65 72	1,34 00	7,26 99	3,62 09	—
20	52,41 60	18,72 00	4,35 57	0,65 72	1,34 00	7,15 87	3,62 09	—
21	52,41 60	18,72 00	4,35 57	0,65 72	1,34 00	7,10 44	3,62 09	—
22	52,41 60	18,72 00	4,35 57	0,65 72	1,34 00	7,15 87	3,62 09	—
23	52,41 60	18,72 00	4,35 57	0,65 72	1,34 00	7,15 87	3,62 09	—
24	52,41 60	18,72 00	4,35 76	0,65 72	1,34 00	7,11 79	3,62 09	—
26	52,41 60	18,72 00	4,35 76	0,65 72	1,34 00	7,11 79	3,62 09	—
27	52,41 60	18,72 00	4,35 39	0,65 72	1,34 00	7,07 75	3,62 09	4,92 90
28	52,41 60	18,72 00	4,35 49	0,65 72	1,34 00	6,97 21	3,62 09	—
29	52,41 60	18,72 00	4,35 49	0,65 72	1,34 00	6,99 81	3,62 09	—
30	52,41 60	18,72 00	4,35 49	0,65 72	1,34 00	7,07 75	3,62 09	—
Média	**52,41 60**	**18,72 00**	**4,35 57**	**0,65 72**	**1,33 97**	**7,12 27**	**3,62 09**	**4,92 90**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

MAIO DE 1952

DIA	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa	Holanda Florim
2	51,46 40	18,38 00	4,24 58	0,63 64	1,31 19	6,73 26	3,55 51	—
3	51,46 40	18,38 00	4,24 78	0,63 64	1,31 19	6,73 26	3,55 51	—
5	51,46 40	18,38 00	4,24 78	0,63 64	1,31 19	6,73 26	3,55 51	—
6	51,46 40	18,38 00	4,24 39	0,63 64	1,31 19	6,73 26	3,55 51	—
7	51,46 40	18,38 00	4,24 21	0,63 64	1,31 19	6,73 26	3,55 51	—
8	51,46 40	18,38 00	4,24 21	0,63 64	1,31 19	6,93 58	3,55 51	—
9	51,46 40	18,38 00	4,24 39	0,63 64	1,31 19	6,88 39	3,55 51	—
10	51,46 40	18,38 00	4,24 39	0,63 64	1,31 39	6,90 98	3,55 51	—
12	51,46 40	18,38 00	4,24 39	0,63 64	1,31 39	6,90 98	3,55 51	—
13	51,46 40	18,38 00	4,24 03	0,63 64	1,31 39	6,89 68	3,55 51	—
14	51,46 40	18,38 00	4,23 84	0,63 64	1,61 39	6,89 86	3,55 51	—
15	51,46 40	18,38 00	4,23 66	0,63 64	1,31 39	7,06 92	3,55 51	—
16	51,46 40	18,38 00	4,23 66	0,63 64	1,31 39	7,04 21	3,55 51	—
17	51,46 40	18,38 00	4,24 03	0,63 64	1,31 39	7,01 53	3,55 51	—
19	51,46 40	18,38 00	4,24 03	0,63 64	1,31 39	7,01 53	3,55 51	—
20	51,46 40	18,38 00	4,24 21	0,63 64	1,31 39	6,90 98	3,55 51	—
21	51,46 40	18,38 00	4,24 21	0,63 64	1,31 39	6,85 82	3,55 51	—
22	51,46 40	18,38 00	4,24 21	0,63 64	1,31 39	6,90 98	3,55 51	—
23	51,46 40	18,38 00	4,24 21	0,63 64	1,31 39	6,90 98	3,55 51	—
24	51,46 40	18,38 00	4,24 39	0,63 64	1,31 29	6,87 10	3,55 51	—
26	51,46 40	18,38 00	4,24 39	0,63 64	1,31 29	6,87 10	3,55 51	—
27	51,46 40	18,38 00	4,24 03	0,63 64	1,31 29	6,83 27	3,55 51	4,83 95
28	51,46 40	18,38 00	4,24 03	0,63 64	1,31 29	6,73 26	3,55 51	—
29	51,46 40	18,38 00	4,24 03	0,63 64	1,31 29	6,75 74	3,55 51	—
30	51,46 40	18,38 00	4,24 03	0,63 64	1,31 29	6,83 27	3,55 51	—
édia	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,24 20**	**0,63 64**	**1,31 31**	**6,87 56**	**3,55 51**	**4,83 95**

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

O café em 1951 — José Testa 487
Dados para a construção de lavadores de café da roça — André Tosello .. 494
"A fome de potássio" — Jacques Bemelman 500

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Regulamento de embarques de café 507
Repressão as especulações que visem baixar o preço do café 512
Novos cafèzais em terras velhas 524
A Cafelândia Paranaense abriga quase a metade da população do Estado — Benedito Barbosa Pupo 514
Lavouras intensivas em terras restauradas apresenta maltos rendimentos na região de Campinas — Euclides A. de Oliveira Junior 521
Irrigação dos cafèzais 525
O café visto nos Estados Unidos (Cartas mensais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York) 528
A reexportação de cafés brasileiros 531
A cultura cafeeira na África 533

ESTATÍSTICA:

Suplemento Estatístico n.º 317 546
Exportação Brasileira de Café — I — Detalhe pelos países de destino — Abril 549
Exportação Brasileira de Café — II — Detalhe pelos portos de procedência — Janeiro a Abril 552
Exportação Brasileira de Café — III — Detalhe do volume em sacas de 60 quilos, pelos países do destino, segundo a procedência — Jan. a Abril 556
Exportação Brasileira de Café — IV — Jan. a Abril, em comparação com o mesmo período de 1952 — I — Detalhe mensal 562
Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio, Abril 564
Entradas e embarques de café, no Rio de Janeiro, Maio e safra 1951/1952 565
Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro — Maio 565
Movimento de café em Santos — Safra 1951/52 566
Movimento de café na praça de Santos — Maio .... Apenso
Movimento de café no Rio de Janeiro — Maio .... Apenso

Café disponível nos portos de exportação do Brasil — Jan. a Abril ... 567
Cotações de cafés no disponível em Santos, Rio de Janeiro e Vitória — Maio 568
Cotações de cafés brasileiros no disponível de Nova York — Maio 569
Cotação do disponível em Nova York — Cafés estrangeiros — Maio 570
Cotações de Café a Têrmo em Nova York — Contrato "S" — Maio .. 572
Câmbio em São Paudo — média diária — Maio 573
Câmbio — 1952 — Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos desta praça — Maio 574
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praça — I — Mercado Livre — Vendas à Vista — Maio 575
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — II — Mercado Livre — Compras à Vista — Maio 576
Balanceete financeiro em 30 de Abril de 1952 do Instituto de Café do Estado de São Paulo .... Apenso
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças - Maio .... Apenso

CÂMBIO EM NOVA YOR

MAIC

D I A	Londres £	Montreal $	R. Janeiro Cr$	B. Aires Peso	Montevidéo Peso
1	2,80 13/16	1,01 7/8	0,05 46	0,07 20	0,37 25
2	2,80 11/16	1,02 00	0,05 46	0,07 10	0,37 50
5	2,80 3/4	1,01 15/16	0,05 46	0,07 20	0,37 50
6	2,80 3/4	1,01 15/16	0,05 46	0,07 20	0,37 50
7	2,80 11/16	1,01 11/16	0,05 46	0,07 20	0,38 00
8	2,80 11/16	1,01 5/8	0,05 46	0,07 20	0,37 37
9	2,80 9/16	1,01 5/16	0,05 46	0,07 20	0,38 50
12	2,80 11/16	1,01 7/16	0,05 46	0,07 20	0,38 00
13	2,80 11/16	1,01 7/16	0,05 46	0,07 25	0,38 50
14	2,80 1/2	1,01 5/16	0,05 46	0,07 20	0,39 00
15	2,80 9/16	1,01 7/16	0,05 46	0,07 20	0,39 00
16	2,80 7/16	1,01 3/8	0,05 46	0,07 20	0,39 25
16	2,80 3/8	1,01 3/4	0,05 46	0,07 20	0,39 00
20	2,80 5/16	1,01 13/16	0,05 46	0,07 22	0,38 00
21	2,80 1/8	1,01 9/16	0,05 46	0,07 20	0,38 25
22	2,79 11/16	1,01 3/16	0,05 46	0,07 20	0,38 00
23	2,79 1/2	1,01 1/2	0,05 46	0,07 20	0,38 00
26	2,79 1/8	1,01 9/16	0,05 46	0,07 20	0,38 00
27	2,78 13/16	1,01 11/16	0,05 46	0,07 25	0,37 50
28	2,78 7/8	1,01 3/4	0,05 46	0,07 22	0,37 30
29	2,78 7/8	1,01 7/8	0,05 46	0,07 20	0,37 50
Média	**2,80 11/64**	**1,01 5/8**	**0,05 46**	**0,07 20**	**0,38 04**

K SÓBRE DIVERSAS PRAÇAS

) DE 1952

Paris frc. livre	Berna frc. livre	Stockolmo corôa	Lisbôa escudo	Belgica franco	Amsterdam guilder
0,0028 5/8	0,23 10	0,19 35	0,03 5000	0,0198 5/8	0,26 38
0,0028 5/8	0,23 10	0,19 35	0,03 5000	0,0198 5/8	0,26 38
0,0028 5/8	0,23 10	0,19 35	0,03 5000	0,0198 5/8	0,26 38
0,0028 5/8	0,23 09	0,19 35	0,03 5000	0,0198 5/8	0,26 38
0,0028 5/8	0,23 09 1/2	0,19 35	0,03 5000	0,0198 5/8	0,26 38
0,0028 9/16	0,23 10	0,19 35	0,03 5000	0,0198 5/8	0,26 38
0,0028 5/8	0,23 09 1/2	0,19 35	0,03 5000	0,0198 5/8	0,26 37
0,0028 5/8	0,23 08 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0198 5/8	0,26 38
0,0028 9/16	0,23 06 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,0198 5/8	0,26 36
0,0028 5/8	0,23 06 1/2	0,19 35	0,03 5000	0,0198 5/8	0,26 37
0,0028 5/8	0,23 06	0,19 35	0,03 5000	0,0198 5/8	0,26 37
0,0028 5/8	0,23 08	0,19 35	0,03 5000	0,0198 5/8	0,26 38
0,0028 5/8	0,23 09	0,19 35	0,03 49 1/2	0.0198 5/8	0,26 37
0,0028 5/8	0,23 09 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0198 5/8	0,26 37
0,0028 5/8	0,23 09	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0198 5/8	0,26 37
0,0028 5/8	0,23 09 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0198 5/8	0,26 37
0,0028 5/8	0,23 10	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0198 5/8	0,26 37
0,0028 5/8	0,23 08 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0198 5/8	0,26 37
0,0028 9/16	0,23 08	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0198 5/8	0,26 37
0,0028 9/16	0,23 08	0,19 35	0,03 4900	0,0198 5/8	0,26 37
0,0028 5/8	0,23 08 1/2	0,19 35	0,03 4900	0,0198 5/8	0,26 34
0,0028 5/8	**0,23 08 47/64**	**0,19 35**	**0,03 49 43/64**	**0,0198 5/8**	**0,26 37**

— AVISOS —

Já estão reimpressas algumas de nossas separatas, cuja distribuição havia sido suspensa, e que podem agora ser novamente remetidas, em escala limitada, aos interessados.

São as seguintes:

"A Broca do Café" — Jacob Bergamin
"Expurgo de sementes de café infestadas p/ broca do café" — Jacob Bergamin
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Arroz" — H. J. Miranda
"Culturas Subsidiárias na Fazenda de Café — A Mandioca" — Edgard S. Noronha
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Feijão Soja" — N. A. Neme
"Técnica das adubações" — A. Menezes Sobrinho.
"O contrôle à erosão nos cafèzais" — Hélio V. de Camargo Bittencourt
"O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já ví" — Rogério de Camargo
"Economia Cafeeira" — A. Menezes Sobrinho
"Adubação verde p/ cafèzais" — José E. Teixeira Mendes
"Da secagem mecânica do café" — Rogério de Camargo
"Despolpamento" — J. Aloisi Sobrinho
"Melhoramento do cafeeiro" — C. A. Krug
"Restauração de culturas permanentes" — William W. C. de Souza
"Conservação do solo e revestimento vegetal" — Francisco M. Aires de Alencar
"A saúde do trabalhador rural" — Adalberto de Q. Teles Júnior
Conservação do solo em cafèzal — J. Quintiliano A. Marques

* * *

Insistimos na necessidade de nos comunicarem, os interêssados, seu desejo de continuar a receber êste Boletim, assim como possíveis alterações de enderêço, sem o que será sustada a remessa àqueles que nos deixem de fazer essas necessárias comunicações.

Tipografia Aurora Ltda. — São Paulo

CAFÉ SANTOS
PARA O MUNDO INTEIRO